



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO - PPGLE**

MARIA CRISTINA CAMAROTTI DA SILVA BASTOS

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE PÚBLICA DE ENSINO**

João Pessoa-PB
2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO - PPGLE**

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE PÚBLICA DE ENSINO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, no Curso de Mestrado Profissional em Linguística e Ensino, como requisito para a obtenção do título de mestre.

Autora: Maria Cristina Camarotti da Silva Bastos

Orientadora: Prof^a Doutora Ana Cristina de Sousa Aldrigue.

João Pessoa-PB
2015

B327r Bastos, Maria Cristina Camarotti da Silva.
Relações de gênero em livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental da rede pública de ensino / Maria Cristina Camarotti da Silva Bastos.- João Pessoa, 2015.
133f. : il.
Orientadora: Ana Cristina de Sousa Aldrigue
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA
1. Linguística. 2. Linguística e ensino. 3. Gênero. 4. Livro didático - língua portuguesa. 5. Estereótipo. 6. Cultura machista - discriminação.

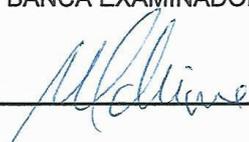
UFPB/BC

CDU: 801(043)

MARIA CRISTINA CAMAROTTI DA SILVA BASTOS

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE
PÚBLICA DE ENSINO**

BANCA EXAMINADORA:



Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Ana Cristina de Sousa Aldrigue – UFPB



Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro - UFCG
Examinador



Prof^ª Dr^ª Marluce Pereira da Silva - UFPB
Examinador

Prof^ª. Dr^ª Eliane Ferraz Alves - UFPB
Suplente

JOÃO PESSOA
2015

Ao meu pai WALDECY AMANCIO BANDEIRA DA SILVA, sempre vivo na minha memória, sempre presente em cada momento do meu crescimento, como força e determinação na luta por meus objetivos. Um homem que não frequentou muitos anos de escola, mas retratou um dos pensamentos de Cora Coralina: “O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria, se aprende é com a vida e com os humildes”

AGRADECIMENTOS

Agradecer nesse momento é tentar fazer uma retrospectiva de todas as pessoas com quem me relacionei durante a minha vida e que de alguma forma ajudaram na construção do meu “eu pessoal” e do meu “eu profissional”, porque ambos se completam, interdependem, transformando um ao outro.

Porém apresentando algo mais específico, considero a importância do investimento que meu pai e minha mãe fizeram na minha educação, tanto formal quanto informal. Desde a infância foi propiciada a mim e às minhas irmãs e irmãos, pares na minha jornada, a oportunidade de estudar, crescer e vencer, com esforço, coragem, honestidade, respeito e ética. Tudo isso foi muito significativo na minha formação.

Ao papai, que não teve a oportunidade de estudar como queria, mas não poupou esforços para que nós, filhas e filhos, usufríssem desse bem.

À mamãe, que sempre nos acompanhou em todos os momentos, desde a farra da compra de materiais escolares e o antigo “encapamento” dos livros e cadernos com o famoso “papel madeira” e “decalques”, até nossas conquistas pessoais e profissionais.

Às minhas irmãs, três Marias que me acolheram para formarmos as quatro Marias e sempre foram exemplos para mim.

Aos meus irmãos, Caco e Paulinho, mais novos do que eu, mas não por isso, deixei de aprender com eles.

A todos os mestres que me guiaram, a todas amigas e amigos que compartilharam comigo os bons e maus momentos, meu reconhecimento.

Do tempo de criança até hoje, continuo ainda sendo apoiada e estimulada pelos meus pais e irmãos, mas nesse percurso acrescento o meu agradecimento e reconhecimento à família que, graças a Deus, consegui constituir.

Fernando, meu marido, amado, amante, companheiro de todas as horas, minha alma gêmea, agradeço, muito especialmente, por todo apoio, incentivo, paciência, cumplicidade, companheirismo, abnegação, compreensão e renúncia de momentos de lazer em favor dos meus estudos.

Aos meus filhos, Fernandinho, Chayenne e Thabata, pela ajuda, pela compreensão, pela confiança, pelo apoio, e até pelos momentos difíceis de irritação,

brigas, incompreensão pela minha falta (física e espiritual), porque assim me freavam um pouco e me faziam refletir para que uma parte de mim não sufocasse a outra.

Aos meus netos, Lucca, Heitor, Theo e minhas netas Maria e Bárbara, por serem um incentivo para que eu continue buscando atingir os meus objetivos e, que por todo carinho construído na nossa relação me faziam parar um pouco para estar com eles e elas, fazendo-me não perder tempo e sim ganhar porque cada momento dedicado a essas “criaturinhas” me abasteciam de vontade e coragem de desenvolver esse trabalho e ser mais uma experiência para compartilhar com elas.

A professora, amiga, a minha orientadora, Dra. Ana Aldrigue, pela responsabilidade intelectual, pelo respeito aos meus limites, pela força, confiança, incentivo, paciência, vontade de me ver crescer, investimento em toda a construção do trabalho. Tudo isso permeado de uma simplicidade característica de uma verdadeira MESTRA.

A toda equipe docente do curso pelos ensinamentos, à Vera Lima pelo sempre acolhimento e atendimento às nossas demandas.

Às amigas, Adriana de Biase, por todo apoio e companheirismo no curso e nesse trabalho, Silvia Marise por todo incentivo, vibração com minhas conquistas e especialmente revisora impagável desse trabalho, Paula Albuquerque pelo constante incentivo aos meus projetos, pelo carinho e respeito.

A todas e todos vocês, a minha alegria e satisfação em galgar mais um degrau na minha profissão e na minha escolha de ser Educadora.

A close-up photograph of a hand holding a paper cutout of the letters 'M' and 'F'. The 'M' is blue and the 'F' is red. The hand is positioned on the right side of the frame, with the thumb and index finger gripping the top of the letters. The background is a plain, light-colored surface.

“(...) todos os seres humanos, apesar das inúmeras diferenças biológicas e culturais que os distinguem entre si, merecem igual respeito, como únicos entes no mundo capazes de amar, descobrir a verdade e criar a beleza. É o reconhecimento universal de que, em razão dessa radical igualdade, ninguém – nenhum indivíduo, gênero, etnia, classe social, grupo religioso ou nação – pode afirmar-se superior aos demais”.

Fábio Konder Comparato (1999)

RESUMO

Este estudo investigou as relações de gênero que são veiculadas em livros didáticos de Língua Portuguesa, dos anos finais do Ensino Fundamental, adotados no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, tendo como base o livro intitulado “*Português Linguagens*”, adotado pela Escola Nossa Senhora de Fátima para o triênio 2014 a 2016, do autor William Roberto Cereja e da autora Thereza Cochar Magalhães publicado em 2012 pela Editora Saraiva. A determinação deste processo investigativo foi a necessidade de compreender o papel da linguagem nas questões identitárias de gênero e como o uso do masculino nos textos dos livros didáticos contribuem para a perpetuação de uma cultura de modelo patriarcal onde homens e mulheres não recebem tratamento equitativo nos diversos âmbitos da sociedade. Tendo como principal categoria analítica o gênero, o trabalho foi realizado a partir da análise dos textos, da interlocução do autor / leitor e das leituras de imagens (desenhos e fotografias) presentes no livro adotado. Foi realizada uma análise de como o Gênero é representado no conteúdo do livro didático, buscando evidências da presença de estereótipos, discriminações e cultura machista contidas nos textos e qual a interferência dessa temática na formação/educação das alunas e alunos. Para atender o nosso trabalho, optamos metodologicamente por pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e análise de conteúdo enfatizando a análise temática. Apresentamos uma discussão de “gênero” na sala de aula, enfatizando como as relações de gênero veiculadas no livro didático e toda a configuração trazida por ele: textos, imagens e relação autor/receptor, contribuem para a perpetuação de estereótipos impostos pela cultura machista. Verificamos que a escola, como espaço educacional privilegiado para proceder a mudanças culturais, não se apropria desse contexto, ao contrário, apresenta uma tendência de manter e consolidar padrões estereotipados na configuração e representação de homens e mulheres na perspectiva sexista. O livro didático, reconhecido como a maior compilação de conhecimentos acumulados historicamente, não apresentou no nosso estudo nenhum indício de ser veículo de mudança das relações de gênero, opostamente, revelou-se como instrumento de consolidação e permanência da cultura machista. Interpretamos que a situação encontrada deve-se a pouca agilidade da educação contemporânea em refletir e redesenhar novas práticas educacionais que redirecionem o papel das pessoas no seu grupo, na sua comunidade, baseado na igualdade de direitos.

Palavras-chave: Gênero. Linguagem. Livro didático. Estereótipo. Discriminação. Cultura machista.

ABSTRACT

This study investigated gender relations that are conveyed in textbooks of Portuguese Language, the final years of elementary school, adopted under the National Textbook Program - PNLD, based on the book entitled "Português Linguagens", adopted by the School Our Lady of Fatima for the triennium 2014-2016, the author William Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães strand Magellan author published in 2012 by Editora Saraiva. The determination of this investigative process was the need to understand the role of language in identity issues of gender and as the men's in the texts of textbooks contribute to the perpetuation of a patriarchal model of culture where men and women do not receive equal treatment in the various spheres of society. Its main analytical category gender, the work was done from the analysis of texts, the dialogue of the author / reader and reading of images (drawings and photographs) present in the adopted book. An analysis of how gender is represented in the content of textbooks was conducted for evidence of the presence of stereotypes, discrimination and sexist culture contained in the text and which the interference of this theme in the training / education of pupils and students. To meet our work, we opted for methodological literature, documentary research and content analysis emphasizing the thematic analysis. Is a discussion of "gender" in the classroom, emphasizing how gender relations circulated in the textbook and the entire configuration brought by it: text, images and relationship author / receiver, contribute to the perpetuation of stereotypes placed by the macho culture. We found that the school as a privileged educational space to make cultural changes, does not appropriate this context, by contrast, has a tendency to maintain and consolidate stereotyped patterns in the configuration and representation of men and women in sexist perspective. The textbook, recognized as the largest collection of historically accumulated knowledge, in our study did not show any evidence of being change of vehicle of gender relations, oppositely, turned out to be an instrument of consolidation and permanence of the macho culture. We interpret the situation found due to low speed of contemporary education to reflect and redesign new educational practices that redirect the role of people in your group, in your community, based on equal rights.

Keywords: Gender. Language. Textbook. Stereotype. Discrimination. Machismo culture

LISTA DE SIGLAS

FNDE	- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
LD	- Livro Didático
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
ONU Mulheres	- Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres
PCNs	- Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	- Programa Nacional do Livro Didático
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Sexo das/dos informantes	37
Gráfico 2 –	Faixa etária das/dos informantes	38
Gráfico 3 –	Área de Formação – Graduação das/dos informantes	38
Gráfico 4 –	Área de Formação – Pós Graduação das/dos informantes	39
Gráfico 5 –	Tempo de Experiência Docente das/dos informantes	40
Gráfico 6 –	Docência Atual das/dos informantes	40
Gráfico 7 –	Participação na escolha do Livro Didático das/dos informantes.	41
Gráfico 8 –	Na escolha do Livro Didático analisa os textos	42
Gráfico 9 –	Na escolha do Livro Didático analisa as imagens	42
Gráfico 10 –	Na análise do livro didático considera as questões de “gênero”.	43
Gráfico 11 –	Trabalha as questões de Gênero na sala de aula.....	44
Gráfico 12 –	Já fez alguma formação em gênero	44
Gráfico 13 –	Acha importante trabalhar essa temática na Escola.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Respostas da questão 8 c) do questionário	45
------------	---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Contos de Fadas – Cinderela e Branca de Neve	50
Figura 2	Chapeuzinho Vermelho	52
Figura 3	Pintor de quadros	53
Figura 4	Meninos jogando futebol	54
Figura 5	Espelho – Branca de Neve	55
Figura 6	Cadeira do Papai	56
Figura 7	Mãe dando mamadeira ao filho	57
Figura 8	Mulher em pânico	58
Figura 9	Meninos jogando capoeira	59
Figura 10	Menina e Menino	60
Figura 11	Texto de um exercício proposto	61
Figura 12	Texto inicial da apresentação do livro	62
Figura 13	Texto explicativo de um exercício proposto - questão 8	63
Figura 14	Texto explicativo de um conteúdo	64
Figura 15	Texto explicativo de uma atividade	64
Figura 16	Texto de introdução de um conto	65
Figura 17	Texto informativo sobre conteúdo de outro texto	66
Figura 18	Texto explicativo de uma atividade em quadrinhos	68
Figura 19	Poema proposto para trabalhar flexão dos substantivos, dos adjetivos: gênero e número	69
Figura 20	Texto para atividade de identificação do gênero do discurso	70
Figura 21	Tirinha para atividade de elaboração de história em quadrinhos.....	71
Figura 22	Tirinha para trabalhar semântica e discurso	72
Figura 23	Texto sobre brincadeiras infantis	72
Figura 24	Texto informativo sobre línguas, especificando as indígenas	73
Figura 25	Tirinha proposta para uma atividade de interpretação	74
Figura 26	Tirinha proposta para trabalhar substantivo	75
Figura 27	História em quadrinhos	77

Figura 28	Texto informativo sobre quadrinhos	78
Figura 29	Texto para trabalhar a linguagem dos quadrinhos – legenda	79
Figura 30	Tirinha proposta para trabalhar flexão dos substantivos e dos adjetivos: grau	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPITULO I: GÊNERO	20
1.1 Gênero e Educação	23
1.2 Linguagem Verbal e Não Verbal: como elemento do gênero	27
1.3 Livro Didático e Gênero	28
CAPITULO II: O CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO	33
2.1 Procedimentos de Análise.....	33
2.1.1 Oficinas Pedagógicas – Formação em Gênero.....	35
2.2 Caracterização dos informantes	37
3 RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO	49
3.1 Textos não verbais – imagens	50
3.2 Textos verbais	60
3.3 Textos verbais e não verbais	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES	90
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ANÁLISE DOCUMENTAL	91
APÊNDICE B – ROTEIRO DE LEITURA DE IMAGENS	92
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	93
APÊNDICE D - MANUAL PARA USO DOCENTE - ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO - Orientações sobre questões de gênero.....	95

INTRODUÇÃO

Este estudo investigou as relações de gênero que são veiculadas em livros didáticos de Língua Portuguesa, dos anos finais do Ensino Fundamental, adotados no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. Esse programa é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas as/aos estudantes da rede pública de ensino da Educação Básica no Brasil.

O Programa tem por objetivo prover as escolas públicas de ensino fundamental e médio com livros didáticos e acervos de obras literárias, obras complementares e dicionários. É executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE adquire e distribui livros para todos os alunos de determinada etapa de ensino e repõe e complementa os livros reutilizáveis para outras etapas.

Os componentes reutilizáveis são: Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências, Física, Química e Biologia. Alfabetização Matemática, Letramento e Alfabetização, Inglês, Espanhol, Filosofia e Sociologia, são consumíveis.

Os critérios para a inscrição das obras são especificados num edital. As editoras inscrevem seus títulos, que serão avaliados pelo Ministério da Educação - MEC. O MEC elabora o Guia do Livro Didático, composto das resenhas de cada obra aprovada. Esse Guia é disponibilizado pelo FNDE para as escolas participantes.

Cada escola, então, tem liberdade de escolha dos livros, entre os constantes no Guia, acima referido, devendo considerar a sua Proposta e Planejamento Pedagógico.

Tendo como principal categoria analítica o gênero, o trabalho foi realizado a partir da análise dos textos, da interlocução da autora e do autor/leitora/leitor e das leituras de imagens (desenhos e fotografias) presentes nos livros adotados. Propomos uma análise de como o Gênero é representado no conteúdo do livro didático, buscando evidências da presença de estereótipos, discriminações e cultura machista contidas nos textos e qual a interferência dessa temática na formação/educação das alunas e alunos.

A determinação deste processo investigativo decorre da necessidade de

compreender o papel da linguagem nas questões identitárias de gênero e como o uso do masculino nos textos dos livros didáticos contribuem para a perpetuação de uma cultura de modelo patriarcal¹ onde homens e mulheres não recebem tratamento equitativo nos diversos âmbitos da sociedade.

Por esse modelo cultural, as relações entre homens e mulheres são desiguais, hierarquizadas. O patriarca decide, manda, perpetuando a desigualdade e mantendo o poder. Dessa forma, impõe suas vontades e concepções, permanecendo no seu status de superioridade em relação ao status de inferioridade das suas subordinadas.

Ao analisar a referida desigualdade imposta às mulheres, o **Movimento Feminista**, que tem origem no ano de 1848, na convenção dos direitos da mulher em Nova Iorque², como movimento social de ação política em favor da transformação da sociedade através da participação igualitária e de representação política de homens e mulheres, vem tecendo várias críticas ao patriarcado, justificando a necessidade de sua eliminação para a ruptura da desigualdade de direitos entre homens e mulheres, podendo assim, transformar a cultura e construir uma sociedade mais justa, mais igualitária e menos exploradora e discriminatória.

De acordo com o sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos (2011 p.12)

[...] a cultura patriarcal tem, em certos contextos, outra dimensão particularmente perversa: a de criar na opinião pública a ideia de que as mulheres são oprimidas e, como tais, são vítimas indefesas e silenciosas. Este estereótipo torna possível ignorar ou desvalorizar as lutas de resistência e a capacidade de inovação política das mulheres.

Entre as diversas formas de transmissão dessa cultura discriminatória optou-se pela análise da linguagem, entendendo a língua como reflexo do pensamento e dos valores de uma sociedade como também reprodutora de estereótipos e de comportamentos determinados para homens e mulheres.

Entende-se, sobretudo, que a linguagem não é sexista. Sexista é o uso que

¹ A palavra Patriarcado deriva do grego άρχω (árjo), que significa 'mandar', e πατήρ (patér), que significa 'pai'. Refere-se a um território governado por um patriarca. Esse termo data do século IV, quando foi usado pela primeira vez, entre os hebreus. Até os nossos dias ele é utilizado para denominar práticas culturais onde o homem (sexo masculino) é a maior autoridade, sendo as pessoas do sexo feminino submissas, subordinadas e devendo obediência a ele.

² A **Declaração de Seneca Falls** (em inglês: **Seneca Falls Convention**) ocorreu de 19 a 20 de julho de 1848 na localidade de Seneca Falls, no estado de Nova Iorque, sendo a primeira convenção sobre os *Direitos da Mulher* nos Estados Unidos. Este evento é considerado o nascimento do movimento feminista.

fazemos dela, tanto oralmente quanto na escrita.

Sendo o Livro Didático o elemento norteador desta investigação, considera-se o papel que ele ocupa na sala de aula, onde por diversas vezes, é o único material de trabalho, acessível às alunas e alunos. Nessa direção, o conhecimento de que o papel social exercido pelo Livro Didático é de extrema importância nas questões de gênero, procurou-se compreender a representação dessas questões nas temáticas que emergem dos textos, nas imagens e nas interlocuções.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, o trabalho pedagógico é desenvolvido por uma equipe de professoras e de professores especialistas em diferentes disciplinas. Nessa fase, alunas e alunos adolescentes, aprofundam os conhecimentos adquiridos na etapa anterior e iniciam os estudos das matérias que serão a base para o Ensino Médio, quando completarão a Educação Básica.

Esta é uma fase considerada delicada, na qual muitas mudanças ocorrem, especialmente, na passagem do quinto para o sexto ano. É marcada pela busca de autonomia e representa um saudável desafio. É uma etapa em que serão desenvolvidas importantes habilidades para a fase adulta - fazer escolhas, lidar com as diferenças, formar concepções, entre outras. Tudo isso deverá ser considerado e contemplado na sala de aula, na escola.

Nessa direção, buscando atender a demanda dessa fase de desenvolvimento, foi selecionado, para análise, o livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental, intitulado “*Português Linguagens*”, adotado pela Escola Nossa Senhora de Fátima para o triênio 2014 a 2016, do autor William Roberto Cereja e da autora Thereza Cochar Magalhães publicado em 2012 pela Editora Saraiva.

Todo livro adotado deve estar em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs³ e eles apresentam, de forma geral, orientações claras em relação ao que se quer analisar nesse estudo:

- a) os professores devem guiar seus alunos para que estes possam compreender a cidadania como *participação social e política*, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;

³ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são a referência básica para a elaboração das matrizes de referência. Os PCNs foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias.

- b) muito importante também é que os alunos valorizem a pluralidade cultural, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de orientação sexual, de etnia ou outras características individuais e sociais. Além disso, devem confiar em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de *inserção social* para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- c) não se pode visualizar a educação como algo simplista, mas sim como algo que envolva os alunos no meio social, político e histórico do país. Tudo isso, sempre buscando a cidadania, o entendimento dos direitos e deveres de cada um;
- d) é preciso que se valorize a utilização crítica e criativa dos conhecimentos e não somente um *acúmulo de informações e conteúdos*;
- e) conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Na área de Língua Portuguesa, os PCNs definem na sua apresentação:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCNs p.15)

Considera ainda o papel da professora e do professor como mediadora/mediador, durante o processo de aprendizagem da língua, pois cabe a ele mostrar ao aluno a importância que, no processo de interlocução, a consideração real da palavra do outro assume. Principalmente, porque as opiniões do outro apresentam possibilidades de análise e reflexão sobre as suas próprias. Daí o primeiro passo da educadora e do educador, que devem tornar a sala de aula um espaço onde cada sujeito tenha o direito à palavra reconhecido como legítimo.

Para que isso ocorra, deve haver o contato efetivo de diferentes opiniões, onde a divergência seja explicitada e o conflito possa emergir. Nesse sentido, a mediação da professora / do professor cumpre o papel fundamental de possibilitar às alunas e aos alunos o contato crítico e reflexivo com o diferente, inclusive sobre

aspectos não percebidos inicialmente por elas e por eles, como as intenções, os valores, os preconceitos que a linguagem veicula, entre outros aspectos linguísticos.

A análise proposta vai ao encontro de educadoras e educadores interessadas/os numa educação de qualidade, não discriminatória, sem desigualdades, estereótipos e preconceitos de toda ordem interrelacionados.

Nessa perspectiva considera-se que a articulação entre gênero, livro didático e Língua Portuguesa oferece grande potencial para análise em uma investigação e por isso nos propomos a realizar a referida pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo método escolhido para atender aos fins deste estudo foi a análise de conteúdo. Quanto aos meios, optou-se por uma pesquisa bibliográfica e documental.

Este trabalho pretendeu contribuir com a discussão de gênero na sala de aula, enfatizando como as relações de gênero veiculadas no livro didático e toda a configuração trazida por ele: textos, imagens e relação autor (a) /receptor (a), contribuem para a perpetuação de estereótipos impostos pela cultura machista.

A intervenção proposta em forma de “Oficinas Pedagógicas de Formação em Gênero”, foi precedida de Encontro com o corpo docente, para aplicação de questionário e escuta dos depoimentos sobre o tema em questão.

Com o objetivo de oferecer elementos que contribuam para a discussão das questões propostas, o trabalho foi organizado em três capítulos além desta introdução e das considerações finais.

O marco teórico está dividido em quatro subseções: a primeira traz uma discussão sobre Gênero; a segunda reflete o tema Gênero e Educação, destacando as questões de gênero no contexto escolar; na terceira subseção enfatiza-se a Linguagem Verbal e Não Verbal como forma de comunicação que permite que as pessoas interajam e efetuem alguma troca de informação. A relação entre Livro Didático, apresentada na quarta subseção, discute como as relações de gênero são veiculadas no livro didático.

O capítulo II, trata do encaminhamento metodológico abordado nesta investigação.

Já o capítulo III traz a análise de textos, imagens e a interlocução autor (a) /receptor (a), considerando os temas que emergiram no discurso explícito e implícito do material selecionado.

Concluindo, procurou-se apresentar algumas considerações sobre os

resultados desta pesquisa, que além das respostas às questões suscitadas, pretendem ampliar a discussão, sobre as relações de gênero representadas no livro didático, contribuindo na construção de uma cultura de igualdade de direitos entre homens e mulheres.

CAPITULO I: GÊNERO

Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual *gênero* será um conceito fundamental (LOURO, 1997, p. 21).

No sentido gramatical, Gênero é um aspecto linguístico que permite classificar certas classes gramaticais como: substantivos, adjetivos, verbos, entre outras, em um número fixo de categorias. No uso gramatical, gênero implica em regras formais que indiquem o masculino ou o feminino, como refere Scott (1955, p.3),

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados

Ao se referir a um conceito ainda atual, a autora pontua:

[...] o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. (SCOTT, 1995, p. 3)

Este termo, difundido depois dos anos 80, quer pôr em evidência o fato de os papéis das mulheres e dos homens não serem definidos pelo sexo (caracteres biológicos), mas evoluírem diferentemente segundo as situações sociais, culturais e econômicas.

As relações de gênero têm uma base cultural; são definidas pela sociedade, que lhes determina as atividades, os estatutos, as características psicológicas, etc. O conceito de gênero é um conceito social, sendo utilizado na designação das relações sociais entre os sexos (SCOTT, 1995). Têm em conta as diferenças biológicas entre os sexos e define, muito particularmente, as diferenças, as desigualdades de papéis entre os homens e as mulheres em função do contexto socioeconômico, histórico, político, cultural e religioso das diversas sociedades em que vivem os homens e as mulheres.

As diferenças sexuais próprias de cada um não constituem e não justificam

as desigualdades entre os seres sociais, como afirma Louro (1997, p. 21):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Só a cultura intervém, ao criar as identidades para cada sexo e ao elaborar os sistemas de gênero. As diferenças transformam-se então em desigualdades

Nessa perspectiva, para iniciar a reflexão sobre Gênero, considera-se imprescindível entender a diferença entre natureza e cultura. Num conceito elementar, **Natureza** seria todas as coisas que não foram criadas pelos seres humanos e **Cultura** seria todas as coisas que foram criadas pelos seres humanos. Se buscarmos conceitos mais elaborados encontraremos que Natureza é o mundo que é dado ao homem, que se rege por leis próprias que existem independentemente da intervenção humana, embora, o homem possa interpretá-las. A cultura vai se construindo a partir da humanização do mundo, quando o homem passa a intervir diretamente, acrescentando algo à natureza, desenvolvendo formas próprias de fazer as coisas.

Daí então se passa a refletir sobre **diferença** e **desigualdade**. De acordo com Barros (2005) diferença não é o mesmo que desigualdade, ou seja, embora os dois termos até sejam usados como sinônimos, a bem da verdade, são distintos. Ainda, o referido autor considera que algo é diferente quando sua essência se difere da essência do outro. Podendo ser em um aspecto particular ou no todo. Dessa forma, a diferença pode ser tanto natural como cultural. Por sua vez, a desigualdade se refere a uma circunstância que privilegia algo ou alguém em relação ao outro, independentemente dos dois serem iguais ou diferentes. Portanto, a desigualdade é construída socialmente e implica, por vezes, em injustiça.

Para compreender melhor que a desigualdade é social e não, biológica, podemos tomar como base a própria natureza. Ela nos apresenta uma diversidade genética dos seres vivos colocando-os em posições distintas no meio ambiente para sobreviverem. Os humanos são iguais entre si, ou seja, são de uma mesma espécie, apesar de atributos diferentes. Trazem diferenças particulares em alguns aspectos como: sexo, altura, raça, força, entre outras. Essas diferenças são essenciais para a construção de um mundo diverso. As diferenças entre os humanos não devem ser extintas, elas enriquecem, pois os levam a resultados diversos. Os privilégios de

alguns em relação a outros são construções sociais e caracterizam a desigualdade. Os conceitos não são criados e aplicados aos humanos pela natureza e sim pela cultura.

Os conceitos expostos sobre natureza e cultura, diferença e desigualdade, é que respaldam a nossa compreensão sobre gênero.

Os estudos de gênero têm em Joan Scott, historiadora estadunidense, uma das estudiosas mais conhecidas e das mais importantes representantes nesse campo.

Até a década de 1980, ainda permanecia significativamente a dualidade entre sexo e gênero. O sexo para a natureza e o gênero para a cultura. O artigo, bastante instigante, da referida autora, intitulado Gênero: uma categoria útil de análise histórica (1995), publicado em 1986, trouxe para os estudos e pesquisas sobre gênero, novas e importantes perspectivas, permitindo sistematizar conhecimentos específicos sobre uma das dimensões de poder assimétrico social, as relações de gênero.

Segundo Joan Scott (1995 p.11) "O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos; o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder".

Como ponto importante na argumentação de Scott salientamos a necessidade de desconstruir, como refere Louro (1997, p. 30-31),

o "caráter permanente da oposição binária" masculino-feminino. Em outras palavras: Joan Scott observa que é constante nas análises e na compreensão das sociedades um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros; usualmente se concebem homem e mulher como polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão. Para ela seria indispensável implodir essa lógica.

Entende-se gênero como uma forma de organizar a sociedade a partir da diferenciação de papéis, de valores, de atribuições entre os sexos. Portanto, são geradas as desigualdades de gênero, sendo elas constituídas, hierarquicamente pelas sociedades, fazendo-se entender que, em razão do sexo, a natureza produz seres superiores e inferiores.

Dessa forma, em se tratando de uma sociedade patriarcal, estariam os homens na classificação de seres superiores e, conseqüentemente, donos das mulheres, dos filhos, detentores dos saberes, dos espaços de produção e de poder. Essa suposta supremacia e continuidade dessa lógica, na contemporaneidade, tem

sido analisada como uma grande motivadora da violência doméstica e sexista contra as mulheres.

Scott (1995) propõe um novo paradigma teórico que passa a considerar gênero como uma construção social e histórica entre os sexos. É nessa direção que Scott se insere no estudo, por indicar uma via importante na interpretação das representações de gênero masculino e feminino presentes nas unidades de leitura dos livros didáticos.

1.1 Gênero e Educação

Por ser um fenômeno comum às diversas sociedades e de seus grupos constitutivos, a educação torna-se responsável não só pela manutenção e perpetuação, mas, sobretudo, pela transformação de práticas culturais que envolvam novas formas de pensar, agir e ser, necessárias à convivência e exercício de cidadania que atenda às demandas sociais de cada tempo-espaço.

Ela é exercida nos diversos espaços de convívio social. A prática educativa formal ocorre em espaços escolarizados, da Educação Infantil à Pós Graduação e se dá de forma intencional, não neutra e com objetivos definidos.

Na escola ocorre o processo de socialização, conflito, de conhecimento, informação e as mais distintas formas de convivência. Além de ser um ambiente de relacionamento entre os seres humanos, é um lugar de construção da sociabilidade, ou seja, de Educação. A educação só se dá nas diferentes manifestações dos distintos grupos sociais presentes no mundo. A escola é um laboratório de vida em que se constrói bases da realidade social.

O contexto escolar é na verdade, um ambiente que poderá favorecer experiências de aquisição de autonomia, facilitar o processo criativo e fundamentalmente de construção cultural. Nessa perspectiva, a escola é convocada a repensar seu papel na construção de sociedades mais justas, mais humanizadas, saindo do lugar comum de lecionadora para ser gestora do conhecimento conforme Gadotti (2000).

Considerando o panorama mundial do final do século XX, em virtude dos processos de transformação e avanços tecnológicos, observa-se as mudanças ocorridas no Brasil, nas últimas décadas, no campo político, social, cultural, desencadeando significativas transformações no setor educacional. Nesse conjunto

de transformações torna-se imprescindível discutir o encaminhamento atual das demandas sociais construídas na modernidade, impondo novos desafios na educação.

Compreende-se que a educação contemporânea ainda que conserve sua função social de transmissão dos conhecimentos já construídos, de geração em geração, assume a responsabilidade e o compromisso com uma educação integral e de qualidade, propiciando novas formas de ser, pensar, sentir, agir, se comunicar, produzir e socializar conhecimentos. Portanto, deverá constituir-se em espaço dialético que conduza a/o aluna/aluno aos questionamentos da contemporaneidade, contribuindo para a sua formação enquanto cidadã/ cidadão de seu tempo-espaço.

Desta maneira, a escola exercendo sua função educadora, readquire vigor, tornando-se espaço de construção e reconstrução de saberes, laboratório de experiências, que permitam a significação/ressignificação de conhecimentos que atendam as necessidades da/do aluna/aluno desenvolver-se enquanto ser social.

Esse contexto requer a reflexão da prática docente, traduzindo-se em novas posturas educativas que rejeitam a concepção reprodutora da Educação, concebendo-a como elemento de emancipação do indivíduo.

Nessa direção, a educação, na perspectiva de transformação, é concebida como um importante instrumento para se conquistar a igualdade de direitos entre mulheres e homens na sociedade.

Discutir o papel que a educação assume diante das questões de gênero é de fundamental relevância para transcender a perspectiva da inclusão igualitária de meninos e meninas na Escola.

As questões de gênero são pouco contempladas no âmbito acadêmico, no cotidiano escolar. Isso fica explicitado a partir dos Projetos Políticos Pedagógicos, que norteiam os Planos de Ensino, a escolha dos materiais didáticos, em especial os livros, além, sobretudo do desenvolvimento da prática pedagógica.

Salienta-se a prática pedagógica como uma ação fundamental, pois se entende que a postura e a intervenção docente são formas eficazes de mudança da cultura machista. Nesta perspectiva o/a professor/a, poderá e deverá levantar a reflexão, o debate, sobre essas questões, promovendo uma análise dos textos verbais e não verbais contidos nos materiais didáticos, em especial nos livros, material mais utilizado nas Escolas. Ou seja, desenvolver um trabalho a partir das próprias contradições trazidas nos textos, utilizando-os como material de estudo.

Assim sendo, a/o docente, através da mediação didático-pedagógica adéqua conteúdos e procedimentos a situações específicas que promovam o desenvolvimento dos diferentes saberes dos alunos e das alunas, especificamente, nas questões de gênero, por serem elas o eixo desse trabalho de pesquisa.

Não refletir desigualdade entre os sexos como também os significados de gênero que imanam dessas desigualdades é não reconhecer o importante papel que a Escola desempenha na construção das identidades de Gênero e a contribuição dela na construção de uma sociedade menos discriminatória.

Ainda, reconhecendo que um dos principais objetivos da escola é estimular e mediar a construção de conhecimentos dos seus atores sociais (família, alunas e alunos, profissionais da educação) e comunidade em geral, trazer esse debate é ampliar seu espaço de produção de saberes, permitindo questionamentos que sejam do interesse de alunas e alunos sobre essa temática.

A ausência das questões de gênero no currículo e na formação de educadoras e educadores vem contribuindo para a persistência de valores e práticas que reafirmam as desigualdades entre homens e mulheres. Dessa forma, consideramos que compreender as relações de gênero será necessário para a revisão de conceitos e aquisição de novas práticas.

Falar em gênero e educação suscita várias questões a serem discutidas. As desigualdades de gênero na história educacional da humanidade apresentam-se desde a antiguidade até os dias atuais.

Em especial, no Brasil, a História da Educação coincide com a história da discriminação de Gênero. A sociedade brasileira, desde a colonização, já era marcada pelo autoritarismo e de modelo patriarcal. Segundo Badinter (1993, p.6):

[...] desde o surgimento do patriarcado, o homem sempre se definiu como ser humano privilegiado, dotado de alguma coisa a mais, ignorada pelas mulheres. Ele se julga mais forte, mais inteligente, mais corajoso, mais responsável, mais criativo ou mais racional.

A Educação Formal do país excluía as mulheres, tendo o Brasil Colônia o entendimento da mulher como ser inferior, sem necessidade de ler e escrever. No início, a escola era exclusivamente um espaço masculino, não podendo ser ingressado por meninas.

Até o século XVII, entendia-se como educação para mulher, orientações para a formação moral e valorização dos bons costumes da sociedade, tendo como

objetivo a preparação para governar a casa, cuidar dos filhos e do marido. A imagem que se construía era da mãe-esposa-dona-de-casa.

No século XVIII e em boa parte do século XIX, a instrução era restrita a poucas meninas e ainda assim com alguns limites, pois a educação delas se restringia a ler e escrever, inicialmente e em seguida aprendiam as operações fundamentais, sendo concluída, a educação com atividades manuais de costura e bordado.

Só no século XX, após a revolução de 1930 é que as medidas educacionais, voltadas para a educação de massa é que o acesso das mulheres à escola começa a ser facilitado. A Constituição de 1988 ao introduzir o princípio da igualdade, que alterou, entre outros, o conceito anterior que se estabelecia na referência ao “homem”, adota a palavra “pessoa” inserindo, desta forma, a mulher. A Constituição Federal de 1988 estabelece que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”.

Ainda, marcada pela redemocratização e em atendimento às demandas sociais, entre elas ao Movimento Feminista, a Constituição de 1988 contempla o acesso igualitário (homens e mulheres) à educação, pois admite a Educação como Direito Universal. No entanto o conceito de gênero é inexistente.

Na década de 90, além do acesso igualitário, a Lei de Diretrizes e Bases- LDB 9392/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s vislumbram a inclusão da questão de gênero, quando sugerem a presença de questões de desigualdade entre indivíduos de diferentes sexos. Percebe-se, porém, que a linguagem adota exclusivamente o uso do masculino e assim compreendemos haver uma discriminação sexista e reforço do modelo linguístico androcêntrico.

A preocupação em articular gênero e educação encontra respaldo nos estudos de Louro (2002), que assim leciona:

[...] a Educação está implicada, seja qual for a perspectiva que se assuma, num processo de construção de sujeitos. Gênero pode ser, pois, um conceito relevante, útil e apropriado para as questões educacionais. Pondo em xeque o caráter ‘natural’ do feminino e do masculino, o conceito indica que há um processo, uma ação, um investimento para ‘fazer’ um sujeito ‘de gênero’ (e não se duvida que a educação tem a ver com isso). Por outro lado, nessa área, como ocorreu em tantas outras, os estudos e as práticas preocupados com tais questões concentraram-se, por muito tempo, exclusivamente nas meninas e nas mulheres ou, em alguns casos, utilizaram de forma muito limitada o novo conceito, tomando-o como um mero substituto para o termo mulher e desprezando, assim, suas potencialidades analíticas mais radicais (LOURO, 2002, p. 229).

1.2 Linguagem Verbal e Não Verbal: como elemento do gênero

Em termos gerais a comunicação é o processo de troca de informações entre um emissor e um receptor, podendo ser entendida também como o intercâmbio de informações entre sujeitos e objetos. Nessa direção, podem ser incluídas as “telecomunicações”, na área técnica, a fisiologia, função e evolução, como tema biológico ou ainda, publicidade, mídia, audiovisual, como temas sociais.

Referindo-se à comunicação humana, esse processo que envolve a troca de informações, utiliza, para esse fim, sistemas simbólicos, ou seja, uma gama de formas e maneiras de se comunicar. Compreende-se que para manter uma comunicação não é preciso usar a fala e sim utilizar uma linguagem, seja, verbal ou não verbal.

Em especial, para subsídios desse trabalho, enfatiza-se a linguagem verbal e não verbal como forma de comunicação que permite que as pessoas interajam e efetuem alguma troca de informação.

O entendimento dos conceitos de linguagem verbal e não verbal inicia-se pela definição do termo “*verbal*”. Ele tem origem no latim “*verbale*”, proveniente de “*verbu*”, que quer dizer palavra (AMARAL, 2015). Portanto, linguagem verbal é aquela que utiliza palavras - o signo linguístico - na comunicação, podendo ser o uso da escrita ou da fala como meio de comunicação.

Sobre a palavra Bakhtin (2007) afirma:

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2007, p.113).

A linguagem verbal é a forma de comunicação que está mais presente no cotidiano social. Utiliza-se geralmente o código verbal – palavra falada ou escrita, para se fazer exposição de pensamentos e ideias.

Por sua vez, a linguagem não verbal é entendida como toda e qualquer comunicação em que não se usa palavras para explicar a mensagem desejada (VILARINHO, 2015). Seria, dessa forma, o uso de outros códigos como: imagens, figuras, desenhos, símbolos, dança, tom de voz, postura corporal, pintura, música, mímica, gestos, expressão fisionômica escultura, cores, como meio de comunicação. Percebe-se que ainda que não haja a “palavra”, existe uma linguagem

que pode decifrar as mensagens a partir dos outros códigos referidos.

A linguagem também pode associar a comunicação verbal à comunicação não verbal, utilizando a palavra e a imagem simultaneamente.

Isso posto, passa-se a refletir sobre a linguagem como forma de expressão e ao texto como uma manifestação da linguagem, entendendo que o texto materializa-se através dela.

Nessa direção, sobre texto, consideram-se alguns estudos como o de Costa Val (2004), que concebe o texto enquanto práticas sociais linguísticas que através da linguagem oral ou da linguagem escrita, podem ser concretizadas, ou seja, as variadas práticas linguísticas tanto efetivadas mediante a fala e/ou a escrita podem ser reconhecidas como texto.

Essa concepção resulta da evolução dos estudos linguísticos, discursivos, semióticos e literários. O avanço desses estudos muda o conceito anterior de texto que se referia aos escritos que adotavam uma linguagem esmerada, objetiva, com a função de comunicar e informar o que as pessoas precisavam saber,

Ao referir-se apenas ao texto verbal, a definição de texto, atualmente pode ser compreendida como toda produção linguística, falada ou escrita, que numa situação de comunicação humana, num espaço de interlocução, faça sentido.

A proposta desse estudo foi trabalhar a noção de texto além do texto verbal. Para isso, o texto foi concebido como uma forma de comunicação munida de sentido, esteja ele implícito, explícito ou pressuposto, e que tenha um objetivo. Nessa perspectiva, considera-se texto a pluralidade de formas de linguagem: oral, visual/ imagética, escrita, que permita ao autor/locutor atingir seu objetivo de comunicação e ao leitor/ receptor, possibilite a elaboração de sentidos.

1.3 Livro Didático e Gênero

Na grande maioria das escolas, nas salas de aula, o livro didático é o material mais predominantemente utilizado. A relação do sistema educacional brasileiro com o livro didático pode ser constatada com essa realidade, pois o livro adotado vem funcionando como única ou principal fonte de informação para as(os) alunas(os).

Essa constatação fortalece a necessidade de se ampliar as análises e discussões atribuindo mais responsabilidade ao livro didático e ao que ele veicula, diante do papel que ele exerce como material de apoio à real aprendizagem de

alunas e alunos, assegurando-lhes uma efetiva formação cidadã.

O livro didático como material pedagógico, continua ocupando um lugar de extrema evidência no contexto educacional, estimulando o trabalho de pesquisadores acadêmicos tanto à sua produção quanto à análise, sob perspectivas diversas, de seus conteúdos.

Os estudos de Lajolo (1996) apontam nessa direção, quando a autora enfatiza a importância que o livro didático assume dentro do desenvolvimento da prática de ensino brasileira e afirma:

Escolha e uso de livro didático precisam resultar do exercício consciente da liberdade do professor no planejamento cuidadoso das atividades escolares, o que reforçará a posição de sujeito do professor em todas as práticas que constituem sua tarefa docente, em cujo dia-a-dia ele reescreve o livro didático, reafirmando-se, neste gesto, sujeito de sua prática pedagógica e um quase coautor do livro (LAJOLO, 1996, p. 9).

Em relação ao processo ensino-aprendizagem, se faz necessário investir na qualidade do Livro Didático e essa qualidade perpassa pelas questões estéticas, éticas e socioculturais.

Ao promover o debate no campo da educação em torno das desigualdades de gênero, contribui-se com a formação docente e conseqüentemente com uma escolha mais consciente e criteriosa de livro didático, além de oportunizar às professoras e professores, trabalhar mais criticamente os materiais de interfaces preconceituosas já propostos em bibliografias em que o docente não optou pela escolha.

Nesse contexto, considera-se ser de grande responsabilidade tanto a escolha como a forma de trabalhar com o livro didático, visto que no âmbito escolar ele tem a função de promover reflexões, discussões e análises críticas que contribuam com a formação cidadã de alunas e alunos, além da formação acadêmica.

No entanto, por diversas vezes a forma de trabalhar esse material despreza possibilidades de discutir o papel que desempenha na vida social dos alunos, pois o foco são questões relativas à disciplina específica que o/a docente está ministrando.

Entende-se ter o livro didático a função de proporcionar subsídios que possam garantir, ao indivíduo, a saída do pensamento ingênuo e acrítico para uma forma de pensar a realidade e seus condicionantes, criticamente, dando-lhe a possibilidade de escolher o que é mais acertado, relevante e justo.

Não apenas os textos verbais, mas também os textos não verbais, as

imagens, devem ser observadas para além da ilustração, considerando também que elas retratam a sociedade no seu tempo espaço.

O Livro Didático não é um material “inocente”, muitas vezes é tendencioso e em parte, responsável pela propagação de preconceitos estabelecidos. De acordo com Tílio (2010):

as escolhas dos contextos culturais apresentados pelos livros e as atividades propostas pelos autores podem permitir, ou não, que determinadas identidades sejam construídas, ou, pelo menos, manifestadas, em um determinado momento (TÍLIO, 2010, p. 49).

Diante do exposto, concorda-se que o/a docente, enquanto mediador/a na sala de aula, deverá ter o controle sobre o que acontece nesse espaço, não deixando passar despercebidas temáticas relevantes, por vezes levantadas no livro didático, podendo favorecer na compreensão das necessidades e/ou dificuldades de alunos/as.

Como se sabe, nesses últimos tempos, o governo fornece os livros didáticos para as escolas da rede pública. As editoras inscrevem suas obras no PNLD (Plano Nacional do Livro Didático). Os livros são analisados pelos pareceristas, sem nenhuma caracterização, evitando a identificação de autor e editora. Cada título (Língua Portuguesa, Alfabetização, Matemática, Estudos Sociais, etc.) é analisado por dois/duas pareceristas. Se as análises dos/das pareceristas apresentarem incoerências, é solicitada pelo(a) coordenador(a) uma terceira análise, caso contrário, o(a) coordenador(a) junta a sua avaliação e redige o texto da resenha que irá constar no Guia do Livro Didático.

O Guia do Livro Didático foi criado pelo PNLD a partir de 1998, atendendo uma demanda legítima de professoras e professores na participação na escolha do livro que será adotado, entre os já selecionados. Ele é enviado às Escolas, com sugestões e indicadores para todas as modalidades de ensino da Educação Básica, orientando sobre as obras selecionadas. De posse do Guia, a equipe docente escolhe os livros que deverão ser adotados.

Conforme o PNLD (2011, p.13):

o que dá a um livro didático o seu caráter e qualidade didático pedagógicos é, mais que uma forma própria de organização interna, o uso adequado à situação particular de cada escola; e os bons resultados também dependem diretamente desse uso. Podemos exigir – e obter – bastante de um livro, desde que conheçamos bem nossas necessidades e sejamos capazes de entender os limites do LD e ir além deles.

De fato, o/a docente, aqui considerando os/as da área de Língua Portuguesa, ao trabalhar com o livro didático, poderá fazer dele um instrumento a mais, para ir além de regras gramaticais e atividades para o mesmo fim. Deverá criar estratégias para inserir questões que remetam a própria visão de mundo dos/das alunos/alunas. Uma delas, na área de Gênero, está na concepção reduzida, cristalizada e equivocada, de que existem atividades voltadas apenas para a mulher e outras apenas para o homem.

Tal questionamento poderá surgir de uma imagem, utilizada no livro didático, que às vezes presta-se à condução de exercícios. Sendo o livro didático o principal instrumento de estudo na sala de aula, as imagens veiculam o discurso da sociedade, os quais “influenciam a construção identitária do aluno, reproduzem ideologias, participando de modo importante da formação de atitudes e valores” (OLIVEIRA, 2008, p. 99).

Desta forma, compreende-se que o ambiente escolar se constitui em um contexto/espço, considerado oportuno para a propagação e produção de concepções das Relações de Gênero, representando certamente um *lócus* das diferenças entre os Gêneros.

Os Livros Didáticos podem moldar a cultura, podem ser entendidos como artefatos culturais, ao produzirem formas de ser e estar na sociedade. Produzem e reproduzem significados para os sujeitos, delimitando e sugestionando características, naturalizadas pela sociedade, para determinar o que é e como é ser menina, ser menino, homem e mulher.

Isso posto, entende-se que a identidade de gênero decorre da forma como a realidade é apresentada aos indivíduos, de como os conceitos são trabalhados, das experiências vividas, dos exemplos que tiveram, da cultura dominante, de como são representados. Nessa perspectiva, a educação recebida irá determinar o diferencial, como Saffioti (1992) afirma:

[...] não resulta da existência de dois sexos, macho e fêmea [...]. O vetor direciona-se, ao contrário, do social para os indivíduos que nascem. Tais indivíduos são transformados, através das relações de gênero, em homens e mulheres, cada uma dessas categorias-identidades excluindo a outra (SAFFIOTI, 1992, p. 187).

Simone de Beauvoir afirmou que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1978, p. 9). O que define o que é ser homem ou mulher decorre das relações de poder as quais envolvem valores, cultura e são construídas, aprendidas

e ensinadas socialmente.

Na medida em que, na sociedade, o homem é apresentado como detentor de qualidades mais significativas e importantes, tidas como superiores em relação às das mulheres, legitima-se a supremacia da natureza masculina. E isso é o que a educação no sentido mais amplo e, em especial a educação escolar, vem reproduzindo, através de práticas preconceituosas e discriminatórias.

Constata-se ainda, o acima mencionado, nos conteúdos dos livros didáticos, que seguem a lógica machista, apresentando atribuições diferentes para homens e mulheres. Aos homens cabem funções de maior valor econômico e social, caracterizando seu trabalho mais numa perspectiva do público, cabendo às mulheres funções menos valorizadas e mais no âmbito doméstico. Assim sendo, no geral, não são consideradas as condições e direitos iguais para homens e mulheres.

CAPITULO II: O CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO

2.1 Procedimentos de Análise

Para o desenvolvimento de uma pesquisa é necessário fazer escolhas, estabelecer recortes, definir procedimentos, criar estratégias que têm como finalidade compreender um problema nas suas várias dimensões.

Esse processo é desencadeado a partir da escolha do tema, no qual está concentrado o interesse do pesquisador. Sendo subsequenciado pelas opções metodológicas e um trabalho de delimitações (o contexto, os sujeitos, os instrumentos, e tipos de análise vinculados ao referencial teórico).

Nesta pesquisa, o processo de coleta de dados foi realizado de forma qualitativa, tendo como referência os objetivos da investigação.

Foi analisado o livro didático de Língua Portuguesa, do 6º ano do Ensino Fundamental, adotado no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, intitulado Português Linguagens, para o triênio 2014 a 2016, do autor William Roberto Cereja e da autora Thereza Cochar Magalhães, publicado em 2012 pela Editora Saraiva.

A análise foi desenvolvida sobre as relações de gênero veiculadas no livro didático, observando-se os textos, as imagens e a interlocução autor(a) /leitor(a), tendo como principal categoria analítica o gênero.

O primeiro momento constituiu-se na seleção dos textos verbais e não verbais do referido livro, que compuseram o corpus analisado nesta dissertação.

Nessa etapa, os textos selecionados consideraram como categorias de análise as questões de gênero explícita ou implícita em relação a estereótipos, discriminações e cultura machista, assim concebidos:

a) **Esteriótipos** – Entende-se estereótipos como concepções, imagens ou características específicas, utilizadas para padronizar pessoas, grupos, comportamentos, valores, atribuindo-lhes uma identidade. O estereótipo funciona como um rótulo ou carimbo. É um pré-julgamento que faz com que as pessoas sejam tratadas de acordo com o rótulo que receberam, desconhecendo suas reais qualidades.

Em relação a gênero, o conceito é estereotipado quando se toma por base os

papéis, atribuídos a homens e mulheres, provenientes de uma construção social, que sofre influências de fatores socioeconômicos culturais além de políticos, religiosos, para determinar uma padronização simplista do comportamento deles e delas.

- b) **Discriminações** - Discriminação é um termo originado do latim “*discriminatio*”, que significa separação. É o nome dado a uma conduta, ação ou omissão que viola os direitos das pessoas, tratando-as desigual em relação às demais. Discriminações são tratamentos preconceituosos dados a certas categorias sociais. É o nome dado a uma conduta, ação ou omissão que viola os direitos das pessoas, baseando-se em critérios injustificados e injustos como: raça, sexo, idade, crença, opção religiosa, entre outros.
- c) **Cultura machista** - O machismo é o conceito desenvolvido na convicção de que homens são superiores às mulheres, com base na supervalorização das características físicas e culturais associadas ao sexo masculino em desvantagem das associadas ao sexo feminino. O comportamento machista se expressa por atitudes, concepções, opiniões, de uma pessoa que nega a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais. Portanto, quem exerce o machismo é machista. A cultura machista está pautada nesse pensamento, caracterizando-se por um "sistema hierárquico" de gêneros. Nesse sistema os homens ocupam sempre uma posição superior à das mulheres. Essa crença, há séculos, está impregnada nas raízes culturais da sociedade, nos seus vários sistemas: econômico, religioso, político, educacional, incluindo o núcleo familiar, apoiado no regime patriarcal, onde a liderança é representada pelo homem. Nessa configuração, que caracteriza o regime patriarcal, a mulher é colocada numa posição submissa, sendo forçada à obediência e servidão às vontades e desejos do pai e/ou marido.

O segundo momento se constituiu da análise e interpretação dos textos coletados. A análise foi realizada dentro dos marcos da abordagem qualitativa, tendo como referência os tópicos que orientam os procedimentos da seleção dos textos.

A produção de dados nas pesquisas qualitativas, em geral, é de grande volume e necessita de organização e compreensão. Esse trabalho foi realizado através de um processo contínuo de identificação de dimensões, categorias, aproximações, relações, convergências e divergências, procurando desvendar-lhes o significado. Esse processo aconteceu paralelamente à coleta de dados, pois desde

essa fase, fomos identificando temas e relações, interpretando as questões estabelecidas, acrescentando novas questões que nos conduziram à busca de novos dados para confrontar nossas interpretações.

Os dados obtidos através da análise documental (textos, interlocução do autor/leitor e das leituras de imagens - desenhos e fotografias, presentes no livro adotado) foram submetidos à análise de conteúdo dando ênfase à análise temática.

Fazer uma análise temática consistiu em descobrir nos dados os núcleos de sentido presentes em cada comunicação (imagem, palavra, frase ou resumo) que houvesse presença, frequência ou ausência, que trouxesse algum significado para o objetivo analítico da presente investigação (BARDIN, 1979).

A busca pela identificação de estereótipos, discriminações e reprodução de cultura machista em textos verbais, não verbais e mistos do livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental, intitulado Português Linguagens, adotado para o triênio 2014 a 2016, selecionado para esse trabalho foi conduzida por:

Gênero

- predominância de personagens masculinos e femininos
- interlocução dos autores – texto direcionado a que sexo
- funções e papéis atribuídos a homens e mulheres
- espaço de atuação de homens e mulheres

2.1.1 Oficinas Pedagógicas – Formação em Gênero

As Oficinas Pedagógicas para Docentes, sobre as questões de **Gênero** fizeram parte do terceiro momento. A proposta de trabalhar com o tema em questão, forneceu subsídios para uma reflexão crítica sobre o ensino brasileiro através da problematização da realidade retratada nos livros didáticos adotados para o ensino de Língua Portuguesa e suas implicações para a formação crítica, cidadã e inclusiva das/os alunas/os que estão em contato com esses materiais.

Para a realização da formação proposta adotou-se Oficinas Pedagógicas que contemplaram dinâmicas de grupo e aulas teóricas-práticas que permitiram a produção de materiais.

Foram realizadas 4 (quatro) oficinas de 8 (oito) horas/aula, perfazendo um total de 32(trinta e duas) horas/aula de Formação em Gênero. Cada oficina

trabalhou uma temática específica, mas com conteúdos interrelacionados, numa perspectiva interdisciplinar. Os temas foram assim dispostos:

1. Gênero, Educação e Práticas Culturais produzindo identidades
 - 1.1 discutir o papel da educação escolar na produção das desigualdades de gênero
 - 1.2 discutir o papel da educação escolar e as práticas culturais (filmes, músicas, propagandas) desempenham na construção de identidades

2. Gênero e currículo
 - 2.1 debater como os currículos e as práticas escolares atuam na produção e na reprodução das relações de gênero construídas socialmente

3. Gênero nos materiais didáticos
 - 3.1 analisar materiais didáticos, em especial livros didáticos, voltados para o público infanto-juvenil, e que foram adotados em escolas, discutindo como eles posicionam homens e mulheres, na igualdade de gêneros

4. Gênero, violência e poder.
 - 4.1 discutir as relações de poder que se estabelecem socialmente, a partir de concepções naturalizadas em torno das masculinidades e feminilidade.

Precedeu a realização das oficinas, um Encontro Pedagógico, que nomeamos de Módulo de Ambientação. Este módulo teve como objetivo apresentar a proposta do trabalho e caracterizar os sujeitos participantes das Oficinas Pedagógicas de Formação em Gênero.

Para realizar o levantamento das características socioculturais e acadêmicas dos informantes, aplicamos um questionário com 8 (oito) questões. As respostas das questões foram tabuladas e abaixo estão representadas através de gráficos que permitem a leitura do perfil dos informantes.

2.2 Caracterização dos informantes

Sexo

A maioria das/dos informantes é do sexo feminino, ratificando os resultados do senso escolar que apresenta um perfil predominantemente feminino dos profissionais docentes (BRASIL, MEC, 2007) e de acordo com dados da Sinopse do Professor da Educação Básica, divulgados pelo Ministério da Educação (MEC), no fim de 2010, que informa a existência de quase 2 milhões de professores, dos quais mais de 1,6 milhão são do sexo feminino.

As mulheres estão em maior proporção nos anos iniciais da educação básica, educação de crianças, e conforme as etapas de ensino vão avançando, aumenta a quantidade de homens lecionando. Esse fenômeno é concebido como a diminuição da associação do magistério com uma função essencialmente feminina.

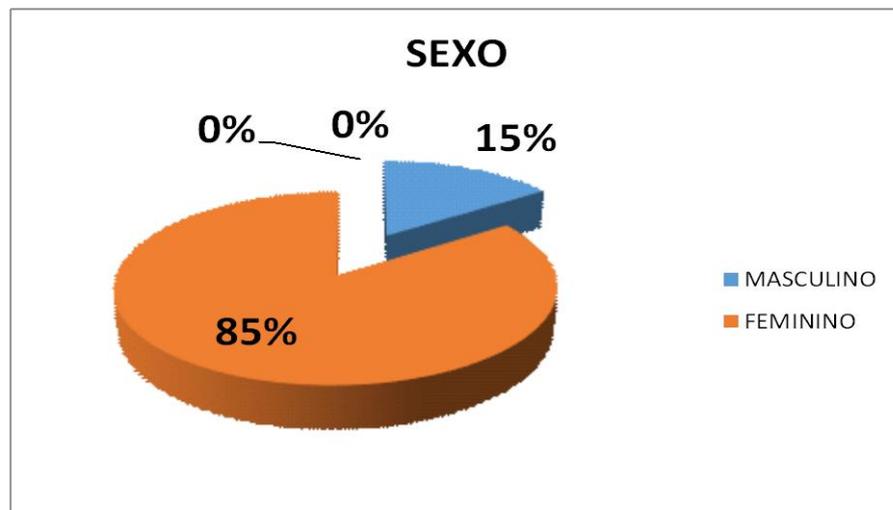


Gráfico 1 – Sexo das/dos informantes
Elaborado pela autora

Faixa Etária

A faixa etária de mais da metade dos informantes está entre 46 e 60 anos. Esse dado nos permite considerar que a maioria dos informantes encontra-se numa idade cronológica que vivenciou mais intensamente as questões de discriminação de gêneros.

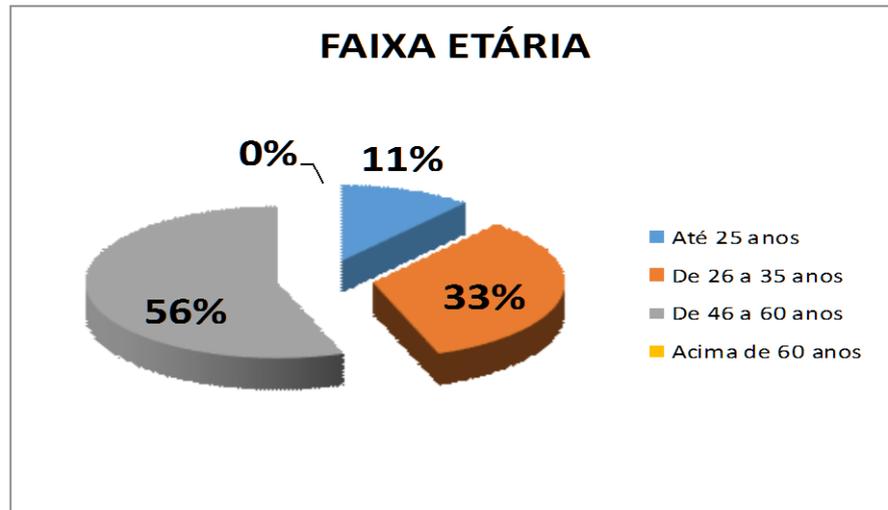


Gráfico 2 – Faixa etária das/dos informantes
Elaborado pela autora

Formação Profissional - Graduação

Foram sete áreas de formação apresentadas, sendo Pedagogia a área predominante de formação profissional perfazendo um percentual de 50% dos/dos informantes. A área de Pedagogia, por se tratar, especificamente de uma área educacional é bastante fértil para tratar as questões de gênero relacionando-a com a formação crítica, cidadã de alunas e alunos, através de uma da tendência filosófica educacional transformadora, na relação educação-sociedade⁴.

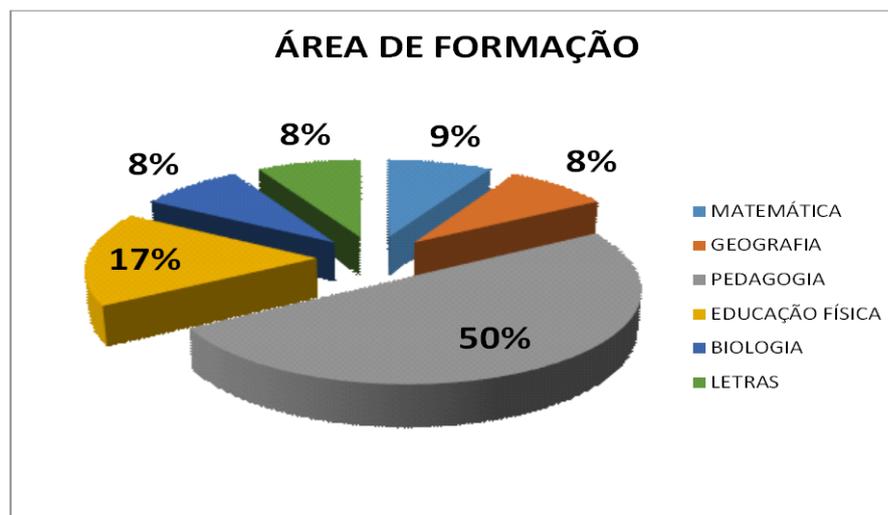


Gráfico 3 – Área de Formação – Graduação das/dos informantes
Elaborado pela autora

⁴ Tendência filosófica educacional que propõe desvendar e utilizar-se das próprias contradições da sociedade, para trabalhar realisticamente, criticamente pela sua transformação, proposta por Demerval Saviani, considerado filósofo da educação e/ou pedagogo *latu sensu*, fundador de uma pedagogia dialética, que denominou *Pedagogia Histórico-Crítica*.⁴

Pós- Graduação

A maior parte das/dos informantes são pós-graduadas(os), sendo a maioria a nível de Especialização – *Lato Sensu*. Esse dado é importante para atendimento às exigências educacionais atuais que demandam profissionais mais qualificados para o exercício da docência. O percentual de graduados é superior ao desejado para o perfil profissional, no entanto, consideram-se as dificuldades de acesso à qualificação de educadoras e educadores, tendo em vista as políticas de valorização do magistério praticadas na legislação educacional.

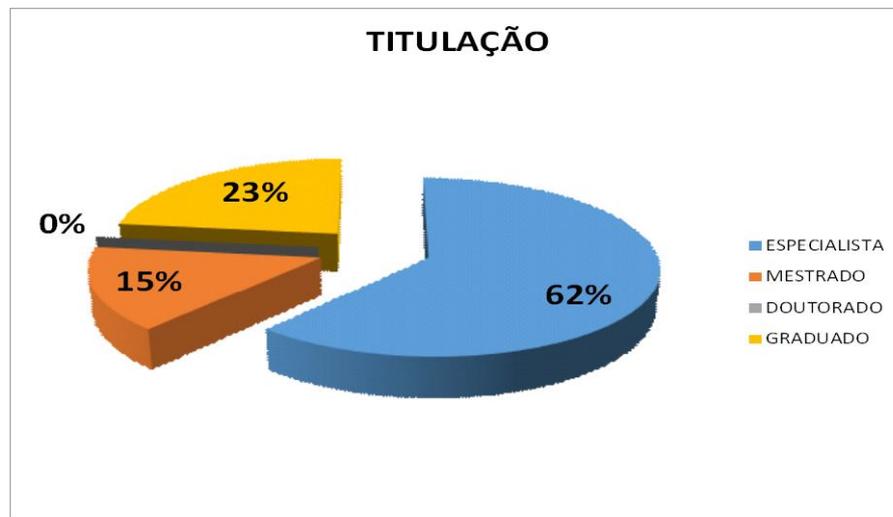


Gráfico 4 – Área de Formação –Pós Graduação das/dos informantes
Elaborado pela autora

Tempo de Experiência Docente

O tempo de experiência docente das/dos informantes ultrapassa 5 (cinco) anos, estando a maioria na faixa de 6 (seis) a 15 (quinze) anos de docência. Esse dado configura uma experiência reconhecida para o exercício profissional, permitindo uma atuação mais consistente, pautada nas premissas de tendências educacionais mais progressistas.

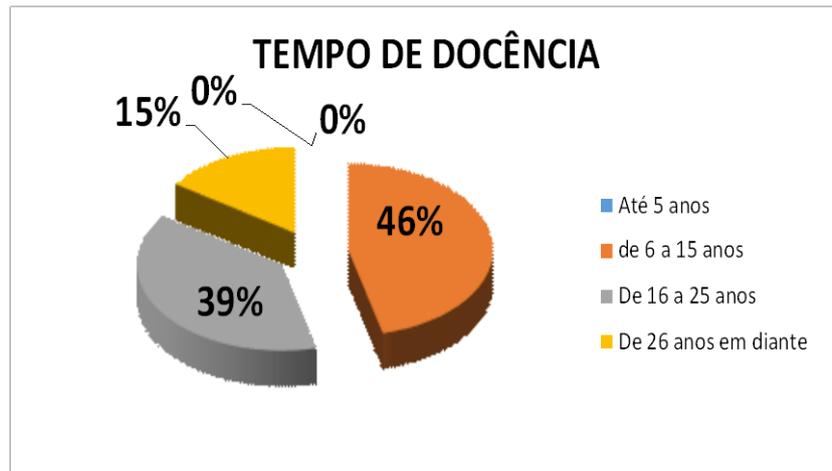


Gráfico 5 –Tempo de Experiência Docente das/dos informantes
Elaborado pela autora

Docência Atual

A atuação docente das/dos informantes está distribuída, atualmente, em 5 (cinco) áreas específicas e em polivalência. Essa informação nos permitiu circular por diversas áreas, ratificando que o tema proposto, “gênero”, é interdisciplinar e não só pode como deve ser trabalhado nas diversas áreas do conhecimento.

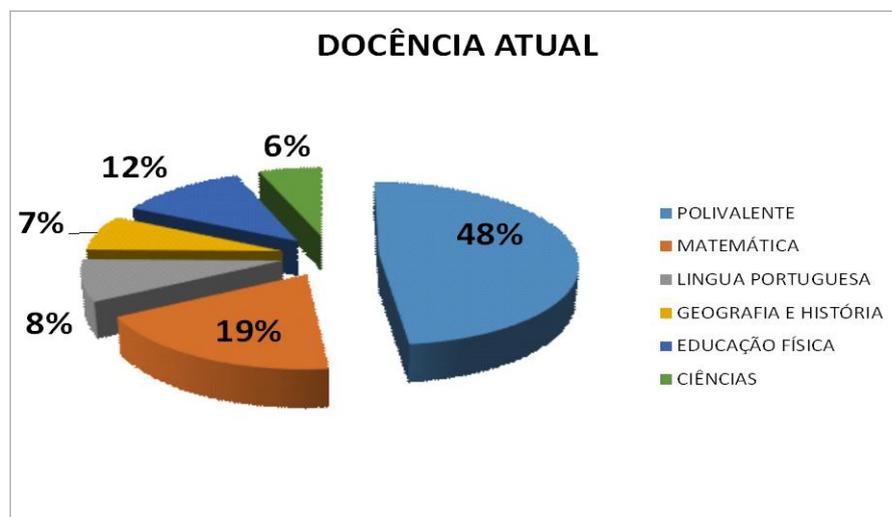


Gráfico 6 – Docência Atual das/dos informantes
Elaborado pela autora

LIVRO DIDÁTICO / QUESTÕES DE GÊNERO

Esse item foi dividido em subitens:

Participação na escolha do Livro Didático

Mais de 50% das/dos informantes participa da escolha do livro didático. Esse é um dado muito importante visto que o objetivo das oficinas foi justamente contribuir com a escolha do livro didático, observando as questões de gênero. Somando-se o percentual de docentes que participam efetivamente da escolha do livro didático (54%) ao percentual dos que participam “às vezes” (23%), mas que tem, de certa forma, uma parcela de participação, totaliza o percentual de 77% de docentes na escolha do livro didático. Esse quantitativo foi bastante significativo na contribuição que as oficinas pedagógicas puderam oferecer na orientação das próximas escolhas e nas formas de trabalhar as escolhas atuais.

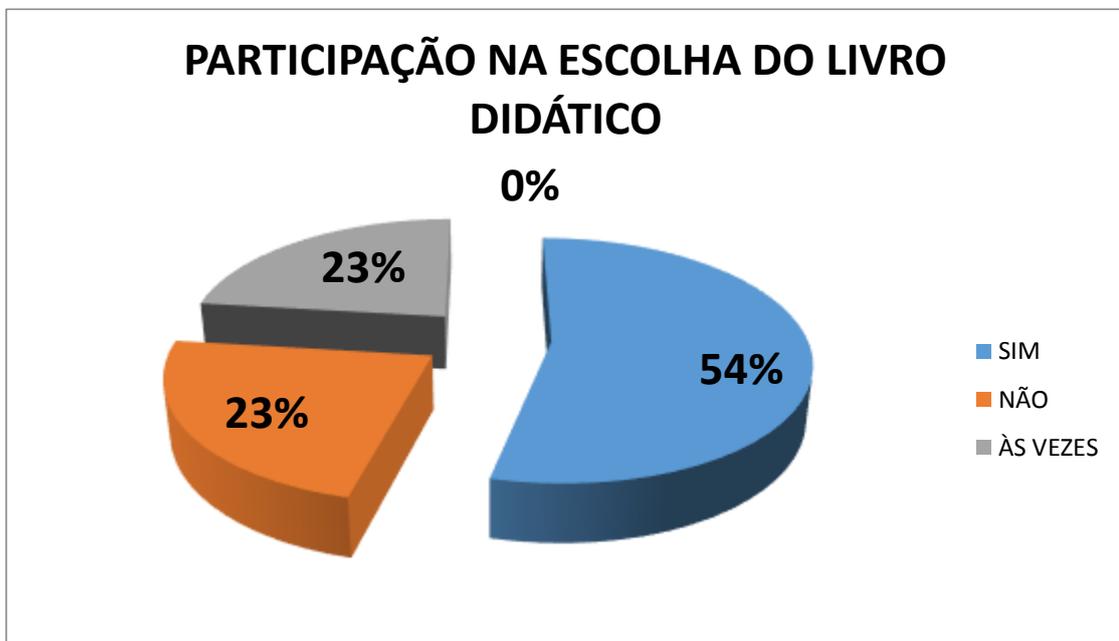


Gráfico 7 – Participação na escolha do Livro Didático das/dos informantes
Elaborado pela autora

Analisa os Textos

Os dados expostos abaixo sinalizaram positivamente para a necessidade de análise dos textos na escolha do livro didático, no entanto essa análise não pareceu significativa nas questões de gênero, visto que os textos do livro didático em estudo trazem fortes indicações de predominância da cultura machista.

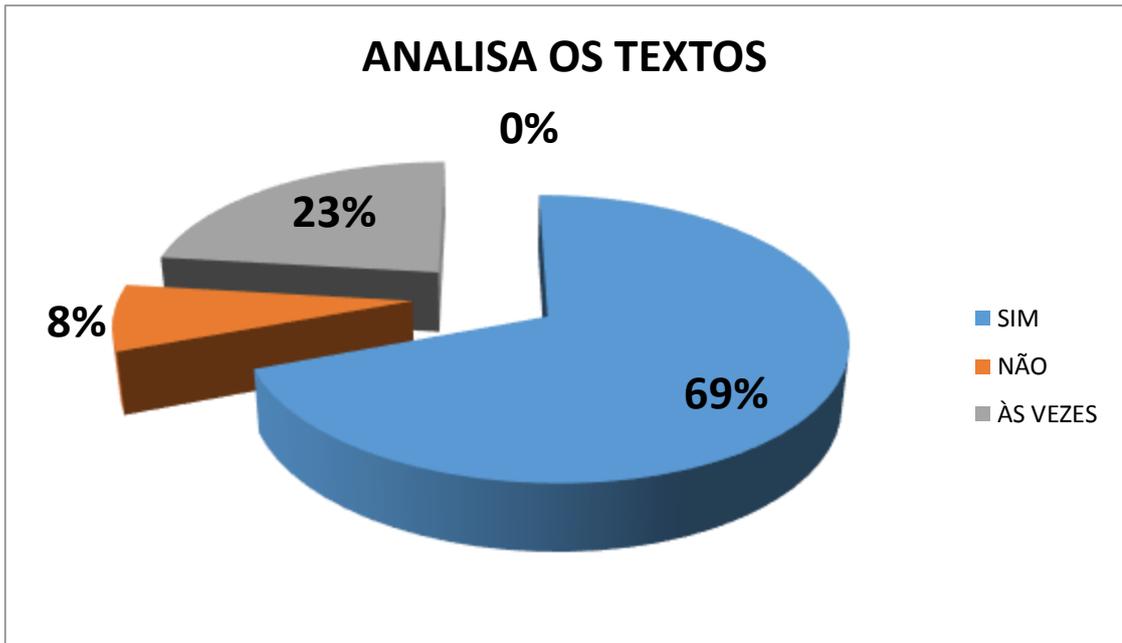


Gráfico 8 – Na escolha do Livro Didático analisa os textos
Elaborado pela autora

Analisa as Imagens

O percentual de docentes que sempre analisa as imagens dos livros didáticos e o que analisa “às vezes”, soma 92%. É excelente em termos numéricos, no entanto, não se adéquam à qualidade das imagens expostas no livro em análise pois elas retratam a discriminação, os estereótipos e cultura machista ainda predominante na nossa sociedade.

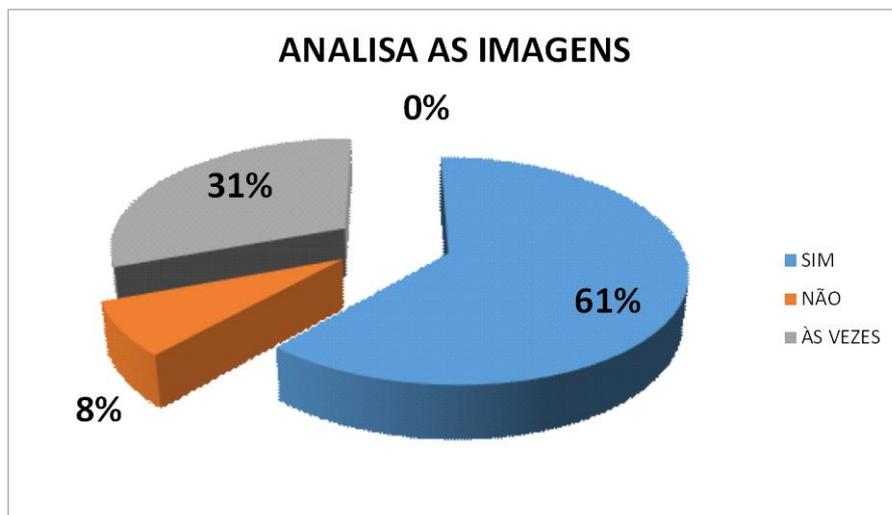


Gráfico 9 – Na escolha do Livro Didático analisa as imagens
Elaborado pela autora

Na análise do Livro Didático considera as questões de gênero

Os dados apresentados no subitem que identifica, em percentuais as/os docentes que consideram as “questões de gênero” na análise do livro didático, seja sistematicamente ou não, somam 69%. É um percentual muito animador, porém incoerente se compararmos à existência de tantas evidências de perpetuação da desigualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, exposta no livro em análise para o nosso trabalho.

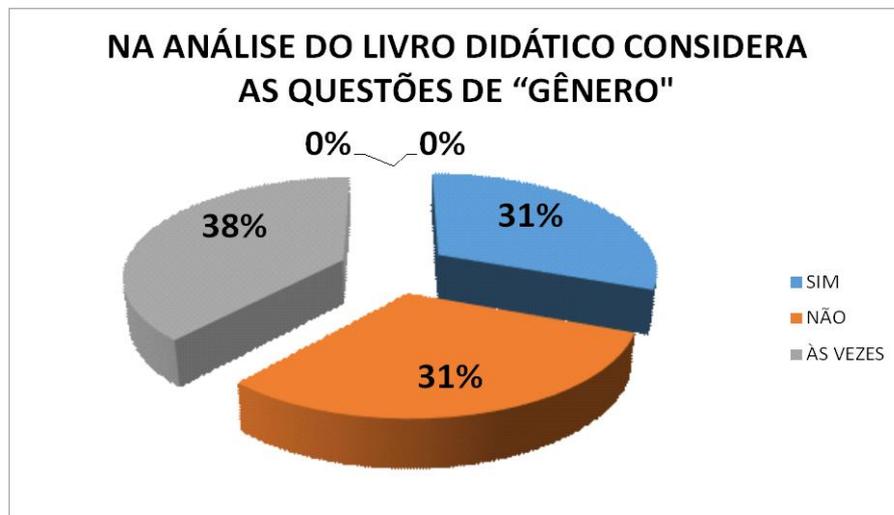


Gráfico 10– Na análise do livro didático considera as questões de “gênero”
Elaborado pela autora

Trabalha as questões de gênero na sala de aula

O quantitativo de 83% de docentes que afirmam trabalharem as “questões de gênero” na sala de aula indica que podem trazer para o espaço educativo uma perspectiva crítica do que está exposto no livro, ou seja, trazer os condicionantes: discriminação, estereótipos, cultura machista, para um trabalho efetivo de combate a eles e proposta de uma prática docente que permita a construção de uma nova cultura baseada no respeito à diversidade e em especial na igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres.



Gráfico 11 – Trabalha as questões de Gênero na sala de aula
Elaborado pela autora

Já participou de alguma Formação, Curso, Palestras ou outros sobre “Gênero”

Esse dado ratificou a proposta de “Oficinas de Formação em Gênero”, uma vez que essa temática não pode deixar de ser trabalhada nos espaços de formação docente, por se tratar de uma necessidade inadiável de discussão e construção de saberes dos profissionais da educação. Com essa proposta o percentual da ‘formação em gênero’ do quadro docente da escola, atingiu 100%.

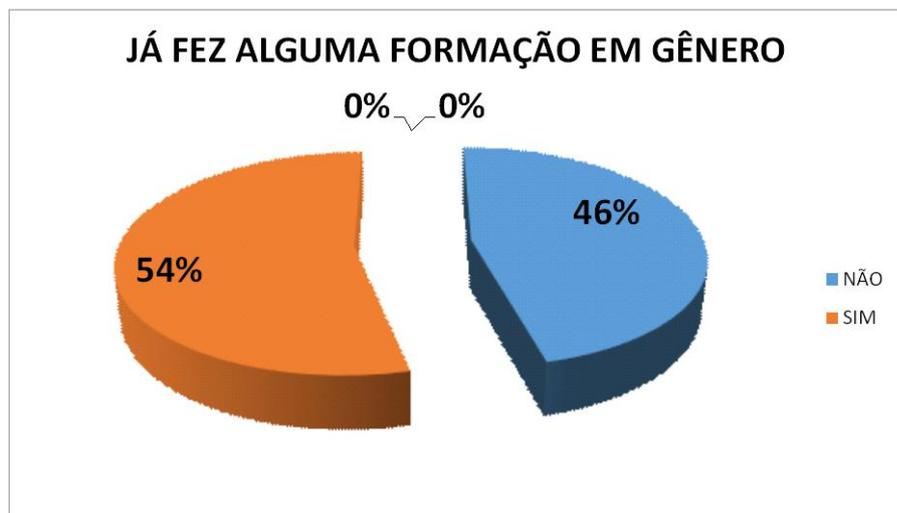


Gráfico 12 – Já fez alguma formação em gênero
Elaborado pela autora

Acha importante que essa temática seja trabalhada na Escola?

Foi muito importante constatar que 100% das/dos docentes acham importante trabalhar a temática de “gênero” na escola. Isso sinaliza para um entendimento

avançado de que as questões sociais, em especial as de gênero, estão sendo reconhecidas como parte do currículo da escola. Essa constatação fortaleceu a proposta de intervenção (oficinas), pois a motivação para elas foi uma condição importante para a realização.



Gráfico 13 – Acha importante trabalhar essa temática na Escola
Elaborado pela autora

POR QUÊ?

Ao ser solicitado que justificassem a necessidade de trabalhar essa temática na escola, obtivemos uma diversidade de respostas, que apesar de serem ditas de forma diferentes, correspondem a um mesmo padrão de sentido.

Para um melhor entendimento, foram relacionadas as respostas no quadro abaixo:

RESPOSTAS	
01	Para formação dos cidadãos
02	Para podermos construir uma sociedade igualitária
03	Trabalhar o todo, especificando cada parte, além de se aprofundar nas entrelinhas dos textos
04	É necessário trabalharmos no sentido de diminuir as diferenças em vários aspectos
05	A fim de que alguns discursos preconceituosos sejam desconstruídos
06	Para que haja maior entendimento sobre o assunto
07	É de uma amplitude, e é necessário que sempre tenha um trabalho constante com os nossos alunos (as)
08	Porque é preciso trabalhar novas construções sociais a partir de potencialidades e não de sexualidade
09	Para valorização de todos e diminuição da discriminação
10	Porque nos ajuda a tirar dúvidas que venham a surgir
11	Porque é a vida da gente e das pessoas que convivem conosco. É o nosso dia a dia
12	Para que paradigmas sejam quebrados

Quadro 1 – Respostas

Elaborado pela autora

RELAÇÃO DAS RESPOSTAS COM O TEMA PROPOSTO NO ESTUDO

R 01 – “Para formação dos cidadãos”.

Ao dar essa resposta o/a informante considera que trabalhar as questões de “gênero” na escola, faz parte da formação cidadã. De fato, a escola é um espaço possível para a realização da tarefa de educar na perspectiva cidadã, por ser um lugar privilegiado para a educação de direitos humanos, construindo cultura, valores e hábitos.

R 02 – “Para podermos construir uma sociedade igualitária”.

Uma sociedade igualitária se constrói a partir do reconhecimento dos direitos iguais entre as pessoas, ou seja, ausência de diferenças de direitos e deveres entre os membros de uma sociedade. A igualdade de gêneros é considerada uma das bases para construir uma sociedade com menos preconceito e discriminação.

R 03 – “Trabalhar o todo, especificando cada parte, além de se aprofundar nas entrelinhas dos textos”.

As mensagens dos textos, por diversas vezes, não estão explícitas. É necessário que se busque o que está implícito no discurso.

R 04 – “É necessário trabalharmos no sentido de diminuir as diferenças em vários aspectos”.

Diferença e desigualdade são conceitos diferentes, como já referido no Capítulo I. Entende-se que a diminuição das diferenças, a qual se refere a/o informante, relaciona-se à forma de como meninos e meninas, desde a primeira infância vão desenvolvendo uma noção das diferentes maneiras de como devem se comportar e se relacionar com os outros, baseadas no sexo. Essas maneiras são ensinadas na família, na escola, na comunidade e reforçadas pela mídia. Em relação às identidades de gênero, as regras de socialização propostas no nosso modelo de sociedade, onde ainda predomina a cultura machista, podem gerar muitos conflitos, relações violentas e empobrecidas de tolerância, respeito e harmonia. Dessa a “igualdade de gêneros” é imprescindível para as sociedades democráticas e igualitárias.

R 05 – “A fim de que alguns discursos preconceituosos sejam desconstruídos”.

O preconceito embutido em alguns discursos poderá ser desconstruído a partir de uma proposta pedagógica que traga para a sala de aula temas, nesse caso, gênero, para ser trabalhado no cotidiano escolar, revisando conceitos e construindo novas práticas sociais.

R 06 – “Para que haja maior entendimento sobre o assunto”.

Essa resposta coincide com a anterior no sentido de defender a necessidade de se trazer para a escola os condicionantes da sociedade, permitindo que se tenha um maior conhecimento da temática para que conceitos, anteriormente construídos, sejam revistos e reconstruídos com base em fundamentos que apontem para uma nova perspectiva de construção social

R 07 – “É de uma amplitude, e é necessário que sempre tenha um trabalho constante com os nossos alunos (as)”.

Ao considerar que o tema é amplo e apontar para a necessidade de se trabalhar constantemente com alunas e alunos, o/a informante concorda que a educação para a igualdade de gênero, igualdade entre homens e mulheres deva ser trabalhada na escola. Nessa perspectiva, quando crianças aprendem que meninos e meninas devem ter direitos, deveres e oportunidades iguais, têm mais probabilidades de saberem respeitar seus pares, independentemente do sexo, de serem homens ou mulheres.

R 08 – “Porque é preciso trabalhar novas construções sociais a partir de potencialidades e não de sexualidade”.

Gênero, enquanto construção social que determina que se exerça um papel na sociedade a partir de posições de poder se torna uma forma de opressão, engessando comportamentos. Considerando-se que o mundo muda e as formas de compreendê-lo também, é necessário que se construam novos conceitos de gênero, adequando-os ao tempo-espaço

R 09 – “Para valorização de todos e diminuição da discriminação”.

É importante essa observação, pois entendendo a discriminação como o ato de separar, distinguir, que acontece em diversos contextos, sendo o mais comum o social, é, através da discriminação social, política, religiosa, etária e na direção do

presente estudo, o de gênero, permite a exclusão social.

R 10 – “Porque nos ajuda a tirar dúvidas que venham a surgir”.

Entende-se que a igualdade de gênero deve ser discutida no âmbito escolar, enfatizando o respeito entre as pessoas e garantindo o direito à sua identidade de gênero.

R 11 – “Porque é a vida da gente e das pessoas que convivem conosco. É o nosso dia a dia”.

As questões de gênero estão postas no cotidiano escolar e a escola não pode ignorar essa realidade.

R 12 – “Para que paradigmas sejam quebrados”.

É necessário que se quebre paradigmas e certezas absolutas no que se refere ao gênero, entendendo que nem sempre o que foi ensinado é o “certo e imutável”.

3 RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir da estratégia adotada para a realização desta pesquisa, foram analisados 30 textos verbais e não verbais do livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental, intitulado “Português Linguagens”, adotado para o triênio 2014 a 2016, do autor William Roberto Cereja e da autora Thereza Cochar Magalhães publicado em 2012 pela Editora Saraiva.

De acordo com a metodologia proposta, de base qualitativa, procedeu-se a análise de conteúdo, tendo como base a nossa própria percepção, sem, no entanto nos restringirmos apenas a ela. Portanto, as análises procedidas encontram-se respaldadas na literatura que versa sobre a questão investigada.

Para os fins deste trabalho, foram considerados:

- os textos verbais

Textos propostos para o trabalho com alunas e alunos

Interlocução da autora e do autor com usuárias e usuários do livro

- os textos não verbais – imagens

Desta forma, buscou-se a existência explícita ou implícita das questões de gênero em relação a estereótipos, discriminações e cultura machista, conduzida:

- por gênero

Predominância de personagens do sexo feminino e do sexo masculino

- pelas funções

Funções atribuídas às meninas/ às mulheres

Funções atribuídas aos meninos/ aos homens

- pelas atividades exercidas

Atividades exercidas pelas meninas/mulheres

Atividades exercidas pelos meninos/homens

- pelas exigências da aparência física

Os textos analisados apresentaram:

- A mulher

Predominantemente atuando no espaço privado: mãe, esposa, dona de casa, num contexto cultural conservador

Padrão de beleza

- A menina
Sendo levada a reproduzir o “papel da mulher”, preparando-se para atuar na esfera privada
- O homem
Atuando no espaço público, mantenedor, patriarca
- O menino
Sendo preparando para perpetuar a cultura machista

3.1 Textos não verbais – imagens

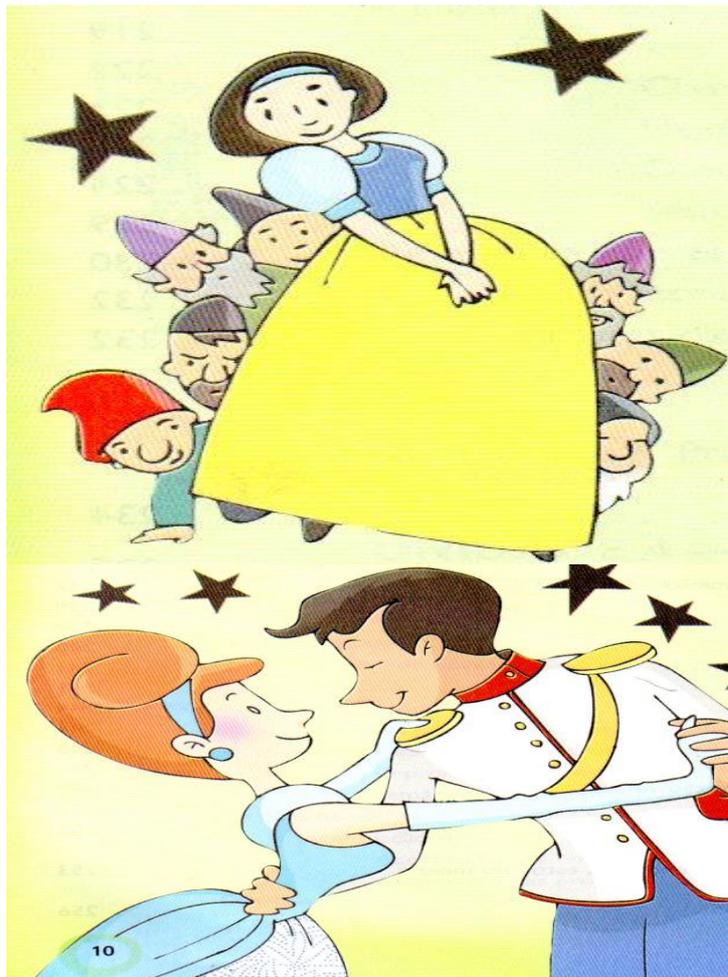


Figura 1 - Contos de Fadas – Cinderela e Branca de Neve
Português Linguagens, 2012, p. 10

A linguagem verbal ou não verbal dos contos de fadas contribui na construção do imaginário do sujeito, independente da sua condição de classe social – sexo,

raça, religião, beleza – homem/mulher, entre outras.

Os contos de fadas funcionam como uma ponte entre o imaginário e o real e representam a estrutura da realidade social. Constituem-se como espaço fértil às emoções, aos sonhos e à imaginação e, por vezes é uma via para que as pessoas reflitam a sua condição social, seu pertencimento, podendo a partir daí favorecer ou fazer emergir conflitos e valores que não puderam ser expressados ou representados de outra forma.

Reconhece-se a funcionalidade dos contos de fadas como gênero literário no trabalho de leitura e escrita, tanto como material pedagógico quanto obra literária. No entanto é preciso atentar como alunas e alunos vêm construindo o imaginário social relacionado às diversas questões sociais, e em especial, por ser foco do nosso trabalho, à questão de gênero, ao papel da mulher e do homem na nossa sociedade.

Quando são propostos textos verbais e /ou não verbais para serem trabalhados na sala de aula, devemos entender que situações e vivências que emanam dessa experiência transcendem ao espaço escolar. As experiências vivenciadas passam a fazer parte da construção do “ser social”, e a bagagem anterior do sujeito se reflete nos seus posicionamentos, no seu discurso, nas suas ações, nos seus conflitos, nas suas opções e escolhas.

Isso posto, surge a reflexão sobre, que além do que o sujeito interioriza, ele vai sendo levado a entender seu lugar no mundo e no seu grupo social, questionar sua existência, desenvolver suas relações interpessoais, construir sua identidade, pautada nas experiências contínuas que envolvem as dimensões sociais, cognitivas, culturais, religiosas, etc.

Os contos de fadas como Cinderela e Branca de Neve, propostos através de imagens no livro analisado, perpetuam o que vem sendo reproduzido de geração em geração, a história de princesinhas maltratadas que só serão felizes quando encontrarem um príncipe encantado que as tire daquela vida para outra, de luxo, beleza e riqueza, que só eles podem proporcionar, formando assim “casais felizes para sempre”.

Essa perspectiva é tão forte e tão presente na memória das pessoas que podem levá-las ao mundo da imaginação, trazendo momentos de felizes recordações e colocando-as no risco de se envolverem com essa experiência e deixarem de atentar para as mensagens subjacentes nos textos.

Voltando ao que se estava referindo sobre as princesinhas maltratadas e ao príncipe encantado herói dos contos de fadas, percebe-se que os homens são mantidos no lugar de provedor, perpetuando o regime patriarcal onde a liderança e o poder são representados pelo homem e à mulher cabe a subserviência, obediência e submissão ao seu provedor.

Essa percepção é orientada por Joan Scott (1995, p.11) “O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos; o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder”.



Figura 2 - Chapeuzinho Vermelho
Português Linguagens, 2012, p. 10

A História de Chapeuzinho Vermelho, também fazendo parte desse cenário, apresenta a fragilidade - característica das mulheres na sociedade patriarcal e reforça o estereótipo do comportamento feminino de obediência e submissão.

Outra questão a ser observada é o que pode ser reforçado: se conservar “menina” ao invés de se tornar mulher capaz de se guiar.

Ao se ter contato com a imagem de Chapeuzinho Vermelho surge a lembrança do conhecido texto verbal da história:

E um dia a mamãe pediu para Chapeuzinho Vermelho ir a casa da vovó :
- Querida, sua avó está doente, por isso preparei aqueles doces, biscoitos, pãezinhos e frutas que estão na cestinha. Você poderia levar a casa dela?
- Mas, tome muito cuidado. Não converse com estranhos, não diga para onde vai, nem pare para nada. Vá pela estrada do rio, pois ouvi dizer que

tem um lobo muito mau na estrada da floresta, devorando quem passa por lá.

- Está bem, mamãe, vou pela estrada do rio, e faço tudo direitinho! (VAZ, 2001 s/p)

Acima já foram referidas “a doçura, obediência e a submissão” como estereótipos do comportamento feminino demarcado pela sociedade machista e salientamos também que faz parte desse estereótipo a mulher como forma de representação vida familiar. Ela cuida da família nas questões domésticas. Nesse caso, também, verifica-se uma tendência da mãe fazer com sua filha uma espécie de extensão de si mesma.



Figura 3 - Pintor de quadros
Português Linguagens, 2012, p. 66

Desde os primórdios da humanidade a arte está presente, entendida como um processo de humanização e o ser humano como criador. Os temas, conteúdos e formas de fazer arte modificam-se ao passar dos tempos, transformando-se. No entanto, o tema que sempre se manteve presente de forma atemporal é “a mulher”.

Apesar de o trabalho artístico revelar novas maneiras de ver e sentir o mundo e a realidade, diferentes em cada momento histórico e em cada cultura, a mulher, como tema recorrente, está geralmente representada por um padrão de beleza.

Nesse contexto, a beleza é entendida como uma questão cultural, que está relacionada ao papel de gênero. Esse papel, como vem sendo discutindo, foi construído para mulheres pela cultura machista, que estereotipa o padrão de beleza feminina.

Tal constatação se alinha aos referidos contos de fadas com Branca de Neve, Cinderela, que preconizam, sob as lentes da cultura machista, que o homem escolhe a mulher, portanto, para conseguir seu príncipe ela deve seguir os requisitos: ser

bonita, generosa, prendada, boa, educada e dócil.

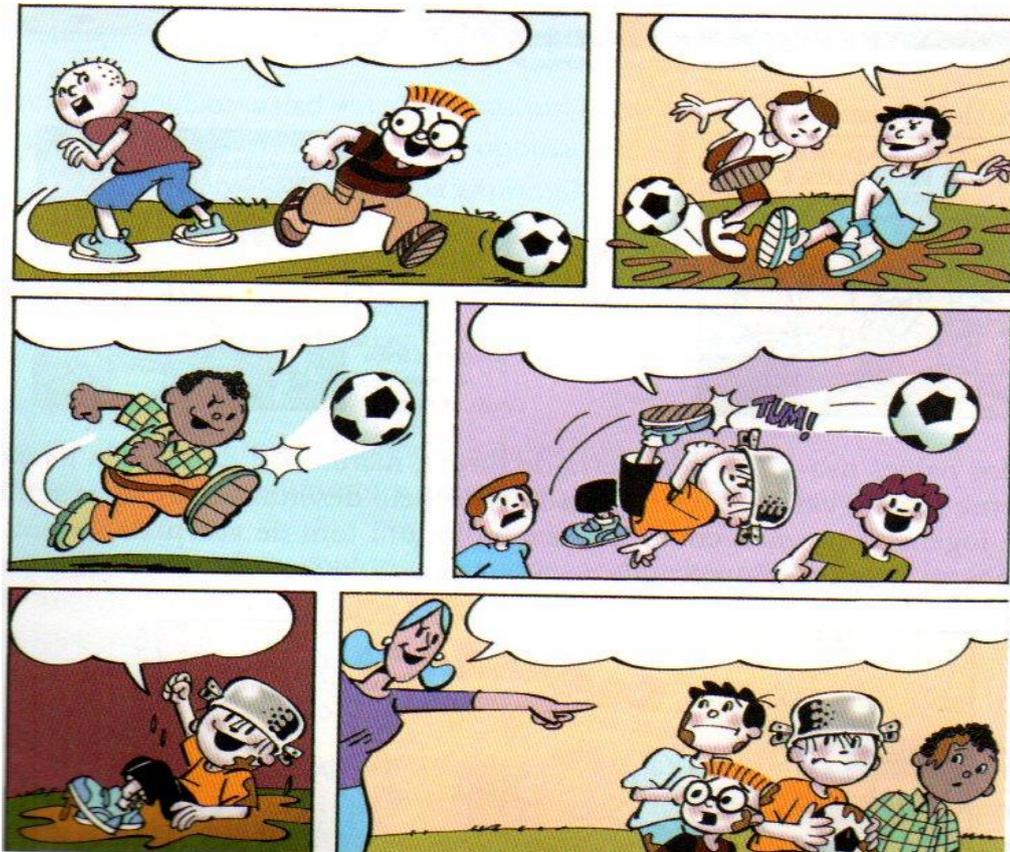


Figura 4 - Meninos jogando futebol
Português Linguagens, 2012, p. 100

O preconceito, a discriminação e o estereótipo em relação à mulher se revelam de variadas formas, entre elas, na cultura. Desde a tenra idade as crianças são influenciadas pela família, segundo Daolio (1997), na área lúdica, sendo orientadas nas brincadeiras e nos brinquedos, de acordo com o gênero. Desta forma, se forem meninas, brincam de boneca, caso contrário, jogam bola, brincam de carrinho.

A imagem selecionada perpetua essa prática. Pode ser compreendido que o preconceito no futebol feminino é advindo de fatores culturais, sociais. Tais fatores atribuem limites tanto ao desenvolvimento do futebol como aos demais esportes femininos.

É necessário que se rompa com esse tipo de prática e, a escola, ou através dela, como Instituição educativa deve ser protagonista na diminuição e/ou extinção de todo e qualquer tipo de preconceito, incluindo o relacionado às mulheres, se

quiser exercer efetivamente sua função de transformação da sociedade.

Reproduzir no livro didático a discriminação e o estereótipo da mulher qualificado na cultura machista é um “desserviço” ao projeto de construção de uma sociedade justa e igualitária prevista nos documentos educacionais brasileiros, inclusive a LDB, Lei nº 9394/96, que preconiza os objetivos e finalidades da educação no Brasil.

Essa mesma imagem traz ainda, como pano de fundo, uma mulher, entendendo-se de uma mãe, que está dando algum tipo de orientação e/ou reprimendo crianças. Esse, também é um papel atribuído à mulher: cuidar da família, das crianças, da educação doméstica.



Figura 5 - Espelho –Branca de Neve
Português Linguagens, 2012, p. 130

Espelho, espelho meu!

Frase clássica do conto de fadas de Branca de Neve, escrito pelos Irmãos Grimm no início do século XIX. A primeira edição, em 1812, narra a história de uma princesa órfã, Branca de Neve, que é expulsa do castelo ainda criança pela madrasta que percebe estar perdendo poder para a menina que começa a despontar e a se destacar pela beleza.

Diante disso, a madrasta sente a perda de poder, pois ele estava associado à perda da juventude, fase associada à beleza. Juventude e beleza seriam elementos fundamentais, profetizados naquela época para fundamentar a principal realização da mulher – o casamento. Por isso ser comum a preocupação da família, na época,

com o casamento muito cedo, selando o destino último das adolescentes e jovens: encontrar um marido.

No conto, Branca de Neve ao se livrar do caçador, passa a viver com sete anões que, enquanto provém a casa, em troca, exigem que Branca de Neve cumpra as tarefas domésticas.

Dois aspectos puderam ser analisados nessa imagem:

- A beleza como atributo obrigatório para a mulher para alcançar seu destino último – contrair matrimônio;
- O homem provedor e a mulher responsável pelas tarefas domésticas

Os cuidados com os afazeres da casa e os cuidados com os/as filhos/as, foram delegados à mulher desde os primórdios. A relação conjugal foi construída nesse princípio, se constituindo numa sociedade de atribuições e divisões.

Ratificar nos livros didáticos, através de textos verbais, não verbais e mistos, a noção de que a mulher constitui uma força de trabalho secundária é um dos fatores que contribui para a manutenção do modelo “homem-provedor” e “mulher-cuidadora”, ainda vigente, impondo às mulheres o papel, praticamente unilateral e exclusivo de assistir e cuidar da família.

À educação, cabe essa responsabilidade de quebra de paradigmas retrógrados e perversos, reconhecendo sua função social de transformação da sociedade e construção de um novo olhar e um novo fazer pedagógico sobre as questões de gênero, não reproduzindo práticas que não reconheçam a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

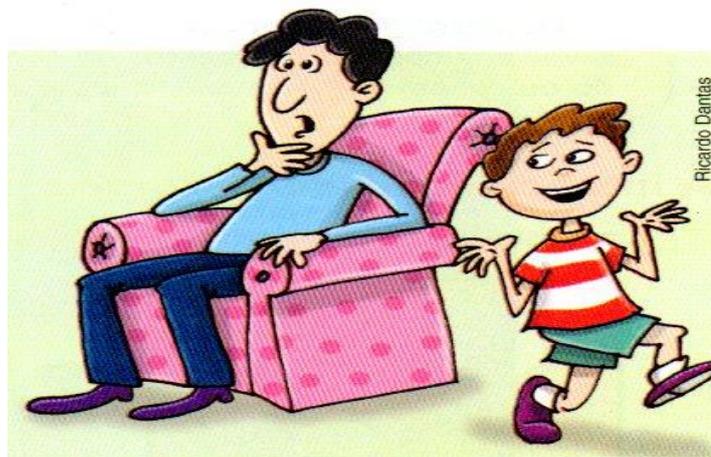


Figura 6 - Cadeira do Papai
Português Linguagens, 2012, p. 61

Ainda na análise do homem como provedor, participante ativo do mercado de trabalho no espaço público, por vezes lhe é conferido o privilégio de descanso e isenção de tarefas domésticas. A imagem acima retrata essa condição, apresentando a famosa “cadeira do papai”, como o lugar de direito a quem trabalhou o dia inteiro, fora de casa para prover a família que lhe deve o reconhecimento por tamanho esforço. Dessa forma, a cadeira confortável é sua, inclusive tem sua marca de posição na família, “o papai”, que deverá ser servido e atendido nas suas necessidades, sem mais esforço, uma vez que já deu sua cota de contribuição dando o “sustento” à família.

Quando a mulher participa desse espaço de trabalho no âmbito público, sua condição de responsabilidade com afazeres domésticos não é reduzida e sim ampliada tendo ela agora que conciliar uma dupla jornada. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2005) mostra dados relativos a essa realidade e ainda refere que na análise das famílias, os números mostram que a existência de um cônjuge masculino dentro de casa representa um aumento de cerca de duas horas semanais em afazeres domésticos para as mulheres que se declararam responsáveis pelo domicílio (IBGE, 2005).

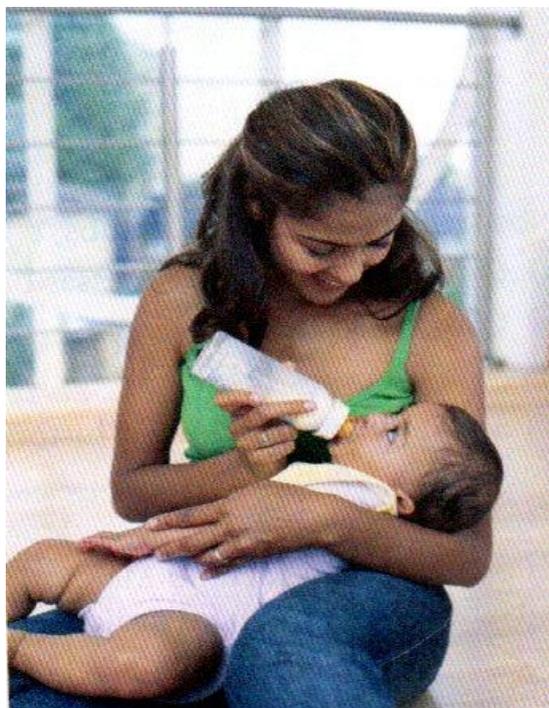


Figura 7 - Mãe dando mamadeira ao filho
Português Linguagens, 2012, p.221

A imagem acima foi proposta num exercício de coerência e coesão ilustrando

o texto “Por que sentimos vontade de urinar ao ver água corrente”.

A imagem de uma mãe alimentando uma filha ou um filho é legítima e não se percebe nenhum preconceito nela. No entanto, nessa condição, como foi apresentada num exercício proposto no livro, cujo o texto que o acompanha não oferece coerência com a imagem, a análise deteve-se a um dos estereótipos da mulher – função reprodutiva.

Sobre isso, Santos e Buarque (2006) reconhecem que as mulheres são responsabilizadas por toda a tarefa reprodutiva porque ficam grávidas e amamentam, reforçando nossa concepção de que a família atual ainda é marcada por um sistema patriarcal, funcionando sob grande influência de papéis de gênero predeterminados.

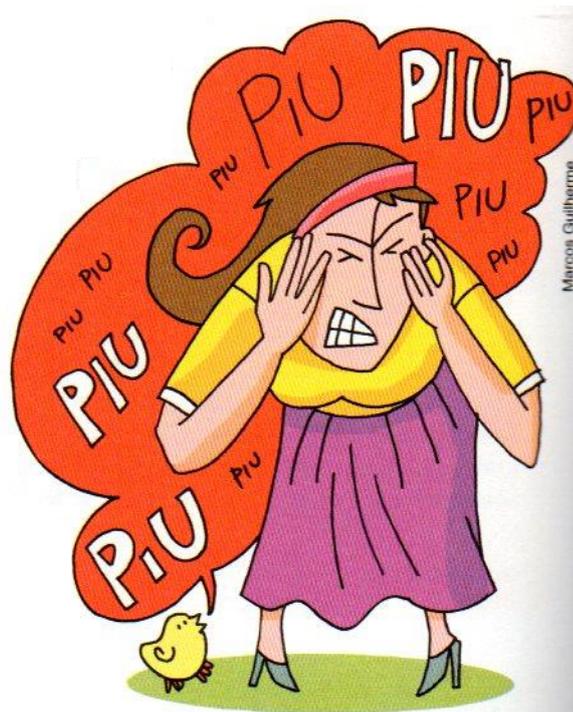


Figura 8- Mulher em pânico
Português Linguagens, 2012, p. 212

Essa imagem é proposta num texto intitulado “A natureza em pânico”. Fala sobre um pintinho de um menino que procurando se aquecer buscava “as saias” que circulavam na casa. Essas “saias” denominavam a mulher. Muitas questões emanam daí, mas priorizou-se a análise da imagem. Ela apresenta um estado de irritação da mulher e supõe estresse. O estresse tem sido atribuído mais à mulher e

relacionada à sua indisposição para uma dupla jornada de trabalho – público e doméstico.

É preocupante essa exposição no sentido de estimular no imaginário a falta de capacidade da mulher de assumir o trabalho no espaço público e reforçar que se essa for a sua opção, ela não será poupada dos afazeres domésticos, tendo ainda que atender as demandas da casa, mãe e esposa. Colocado dessa forma, cria-se uma imagem negativa, podendo desestimular a inserção da mulher no espaço público já que poderá gerar estresse e insatisfação a falta de equilíbrio entre o trabalho e o lar.



Figura 9 - Meninos jogando capoeira
Português Linguagens, 2012, p. 195

A imagem só apresenta homens, desqualificando a presença da mulher na capoeira. Entende-se como preconceito e discriminação, demonstrando o caráter sexista no universo da capoeira.

Silva (2002), em seus estudos, esclarece que a Capoeira é um misto de luta, dança, brincadeira, teatralização, jogo e tem inúmeras qualidades e características, que fazem com que ela possa ser praticada por qualquer pessoa, independente de sua raça, religião, sexo, idade, condição física, etc. Daí pode-se também refletir o papel da mulher na sociedade e nas atividades corporais.

A participação da mulher tem sido cada vez mais frequente na capoeira, contribuindo no fortalecimento dessa modalidade. Então, na nossa análise, a única justificativa para que ela não esteja sendo representada nessa imagem, é o preconceito de gênero.



Figura 10 - Menina e Menino
Português Linguagens, 2012, p.163

Um dos ensinamentos da cultura machista é que meninos precisam ser corajosos, agressivos e não levar desaforo para casa.

A imagem escolhida retrata uma cena aparentemente banal, sem apresentar, a priori, nada de errado. Porém pode representar um dos estereótipos da mulher na sociedade: precisa de “proteção”. A menina que solicita ajuda ao se sentir ameaçada pelo menino que se apossa de todos os lápis, pode reforçar a concepção de que ela não é capaz de se defender. Ele é o “dono” do material e com expressão “de mau”, reforça o poder sobre ela, comandando a situação.

É recorrente a diferença de atitudes com as crianças: as meninas recebem mais proteção e os meninos são mais estimulados a se aventurarem e resolverem sozinhos seus conflitos

3.2 Textos verbais

Esse item contém textos propostos para o trabalho com alunas e alunos e textos da interlocução da autora e do autor com usuárias e usuários do livro.

Foram selecionados textos que se adequaram aos propósitos de nossa investigação.

- Texto de um exercício proposto

*Pa
eu adoro o JB. A editoria internacional
é super imparcial e o caderno Cidade
traz fatos realmente relevantes. O
Economia e Negócios também é ótimo,
sempre me ajudando a entender as
novas tendências do mercado.*

*Ah, adorei também essa promoção do
Dia das Crianças. Muito interessante.
Você vai participar, né?*

**PROMOÇÃO
SEU FILHO VAI ADORAR O JB.**

Faça uma homenagem pro seu filho e concorra a 6 Oi Xuxa e 1 Play Station.

Nesta sexta, o JB vai publicar o início de uma frase no jornal. Prossere a crô, a partir dela, uma homenagem bem legal para o seu filho. Neste sábado ou domingo, ligue para (21) 2461-2700 e grave a sua mensagem em até 1 minuto. Na 4ª feira (5/10) serão publicadas as 5 frases mais criativas. O leitor liga e vota na melhor até as 17h. As 3 melhores ganham um Oi Xuxa e se classificam para a final. No domingo (12/10) um novo início de frase será publicado e você deve gravar sua mensagem na 3ª ou 4ª (5 e 6/10).

As 6 melhores desta etapa serão no JB na 6ª (6/10) e a votação deve ser feita através do telefone no mesmo dia. As 6 mensagens mais votadas durante toda a promoção se enfrentam dia 10/10, quando mais uma vez o leitor liga e elega a melhor. A mensagem vencedora será publicada no Dia das Crianças (12/10), junto com o perfil e a foto do filho homenageado. O vencedor será premiado com um Play Station 1.

Compra a Partir de 1 Real **OI** **SIEMENS Mobile** **JORNAL DO BRASIL**

Figura 11 - Texto de um exercício proposto
Português Linguagens, 2012, p.163

O exercício proposto utilizou um anúncio que desconsiderou o sexo feminino. Isso reforça a teoria de que a prática sexista é tão evidente e recorrente que a autora e o autor não se preocuparam em selecionar um “anúncio”, gênero textual proposto para o trabalho na área de Língua Portuguesa, que não reforçasse a discriminação da mulher. Se tivessem atentado e /ou, considerado essa questão não teriam tido nenhuma dificuldade em selecionar outro exemplo de anúncio, pois as opções são vastas.

- Texto inicial da apresentação do livro

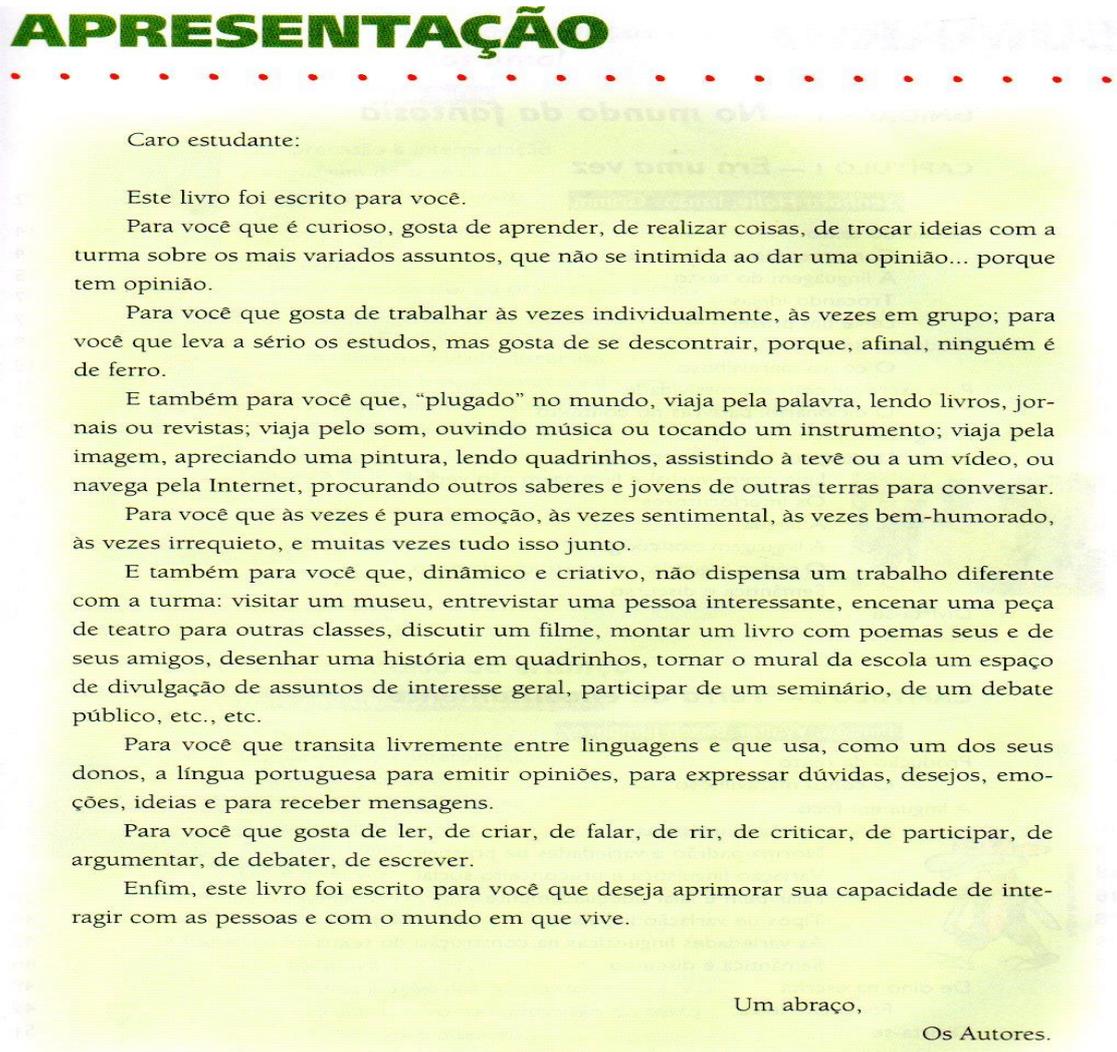


Figura 12 - Texto inicial da apresentação do livro
Português Linguagens, 2012, (s/p)

Constata-se que o livro já inicia com uma concepção de desigualdade de gênero, uma vez que o discurso se encaixa em um dos pressupostos de ações sexistas: mulher e homem são profundamente diferentes (mesmo além de diferenças biológicas), e essas diferenças devem se refletir em aspectos sociais como o direito e a linguagem.

A sala de aula é composta de alunas e alunos, o trabalho é proposto para todas e todos, porém observamos que o texto se reporta apenas ao aluno, pois usa a linguagem no masculino, como pode ser conferido.

Ainda que sejam notórias as discussões acadêmicas, políticas e midiáticas, nas últimas décadas sobre a igualdade de direitos entre homens e mulheres, práticas como essa povoam a cultura brasileira, refletindo-se numa realidade

desigual entre gêneros nas áreas: social, cultural, econômica, ocupacional, entre outras.

- Texto explicativo de um exercício proposto - questão 8

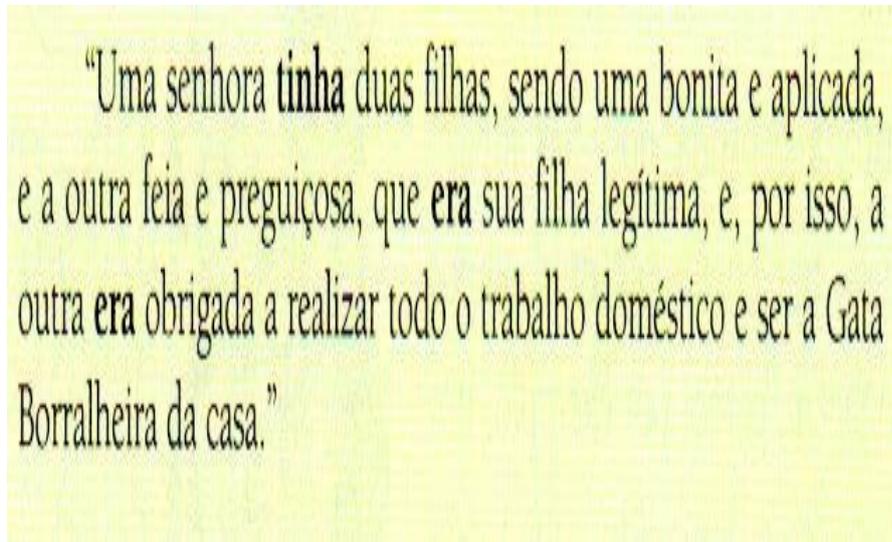
A rectangular box with a light yellow background containing a quote in a black serif font. The text reads: "Uma senhora tinha duas filhas, sendo uma bonita e aplicada, e a outra feia e preguiçosa, que era sua filha legítima, e, por isso, a outra era obrigada a realizar todo o trabalho doméstico e ser a Gata Borralheira da casa."

Figura 13 - Texto explicativo de um exercício proposto - questão 8
Português Linguagens, 2012, p.19

A denominação - A Gata Borralheira, apresentada no texto remete a um dos contos de fadas de Perrault, conhecido também como Cinderela. No início das análises dos textos não verbais – imagens, fazendo referência aos contos de fadas, tomou-se como um dos exemplos a Cinderela. Aqui se ratifica, através do texto verbal em questão, a representação de Cinderela na perspectiva de gênero.

O texto, quando refere que a filha não legítima era obrigada a realizar todo trabalho doméstico e ser a gata borralheira da casa, confirma o paradigma proposto à mulher, de gentileza, ingenuidade, pureza. É a boa e bela menina que tudo suporta. Desta forma, convém refletir sobre a aceitação das mulheres do papel de submissão e até que ponto elas são levadas a isso devido à tensão que se instala na busca de sua existência com autenticidade e autonomia.

Considera-se ser necessário a não reprodução dessa cultura, oferecendo às alunas e alunos outras situações que apresentem iniciativas das mulheres no contato com espaço público, contribuindo na busca da construção de uma nova condição social para homens e mulheres.

- Texto explicativo de um conteúdo

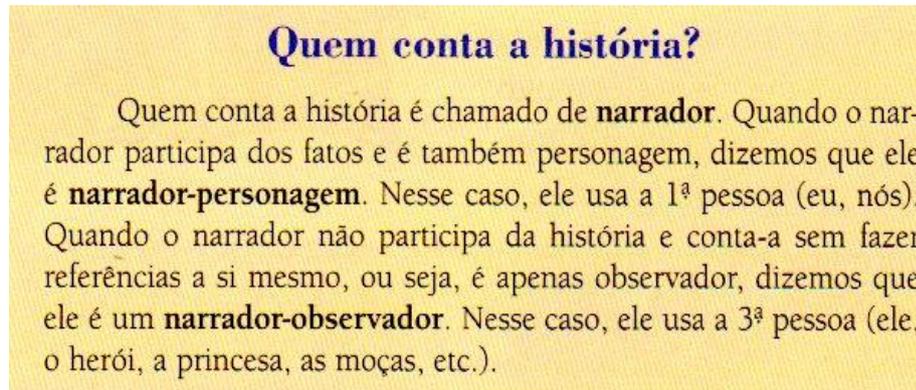


Figura 14 - Texto explicativo de um conteúdo
Português Linguagens, 2012, p.19

- Texto explicativo de uma atividade

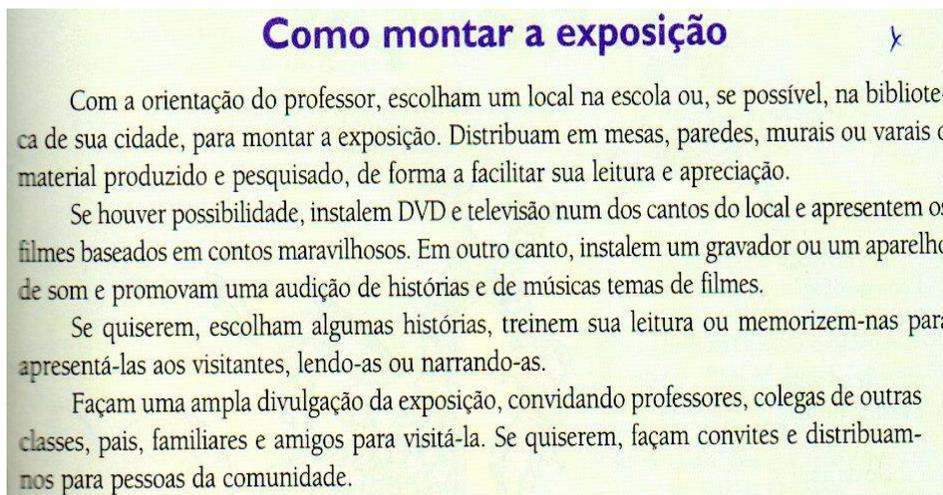


Figura 15 - Texto explicativo de uma atividade
Português Linguagens, 2012, p.73

Ambos os textos apresentam o uso da linguagem, predominantemente no masculino. Já se discutiu em outro texto analisado (figura 12) que essa prática revela uma concepção de desigualdade de gênero. Como esse tipo de texto, selecionado para o presente trabalho, mostra-se recorrente, verifica-se ser importante enfatizar mais uma vez que sendo a linguagem um dos elementos cruciais da transmissão da cultura e entendendo que através dela são orientados e dinamizados os papéis sociais, defende-se o uso de uma linguagem não sexista, que tire a mulher da invisibilidade e da concepção de submissão ao homem. Dessa forma, pode-se visualizar uma forma de mudanças das relações hierarquizadas de gênero, contribuindo na promoção da igualdade de direitos entre homens e

mulheres.

- Texto de introdução de um conto

“Era uma vez...” Basta que alguém pronuncie essas palavras para sabermos que lá vem história. E histórias povoadas de príncipes e princesas, crianças em perigo, soldadinhos de chumbo, gigantes e dragões... Essas histórias, conhecidas como contos maravilhosos, não morrem nunca: são contadas de geração a geração. E estão em toda parte: na voz da mãe ou da avó, nos livros, nas histórias em quadrinhos, nos desenhos animados, no cinema.

Figura 16 - Texto de introdução de um conto
Português Linguagens, 2012, p.12

Este texto afirma que *“o contar histórias”* é função das mulheres. É uma concepção conservadora ratificando o papel da mulher na família como cuidadora, responsável na educação de crianças, uma vez que as histórias infantis têm a missão de disciplinar, apresentar exemplos. Ressalta-se que, no geral, esses exemplos também se encontram carregados de preconceitos em relação às mulheres, determinando-lhes, o *“bom comportamento”*, pautado na obediência e submissão.

A arte de contar histórias, desde os mais remotos tempos, é uma prática que reconhece o desejo do ser humano se comunicar, revelar suas experiências, suas concepções, suas verdades sobre a vida, usando uma das funções mentais superiores mais importantes para o processo histórico-social da humanidade, que é a memória.

Antigamente, essa prática ocorria mais comumente nos grupos sentados ao redor de uma fogueira com a presença da pessoa que contava as histórias, de geração em geração. Na atualidade ocorre em diversos espaços como: hospitais, escolas, eventos educacionais na área da Língua Portuguesa, entre outros, tanto para perpetuar a tradição da contação de histórias, como estímulo à formação de leitores, entendendo-se que escutar histórias seria um vasto caminho de compreensão e descobertas sobre o mundo.

Ao iniciar a análise do texto em questão, na perspectiva de gênero, a priori ele ratificou o estereótipo da mulher, com a função, na esfera doméstica, de se

responsabilizar pela a educação da família, uma vez que as histórias e contos carregam uma função educativa, recheadas de lições, exemplos, tradições e valores que devem ser repassados de uma geração a outra. No entanto, para fortalecer essa investigação, buscou, também, outros estudos que mostrassem e justificassem a presença marcante da mulher na tradição de contar histórias, além do estereótipo já recorrente.

Nessa direção, respaldada pela autora Ana Maria Machado (2001), verificou-se que a prática das mulheres serem contadoras de histórias remonta o sec. XVII, quando elas se reuniam para trabalhar na fiação e tecelagem. Esse trabalho era realizado num espaço confinado, longe das vistas da sociedade, confirmando o preconceito contra elas. Nele, ao som de rocas e fusos, elas conversavam e contavam histórias, enquanto produziam. Segundo a autora:

Essa produtividade permitiu, o confinamento da mulher no espaço doméstico. E o excedente da produção levou a formas primitivas de acumulação de riquezas, o aumento de casas onde a fiação e tecelagem se faziam longe das vistas da sociedade, permitindo que os homens ocultassem a dependência da produtividade feminina. No entanto, isto contribuiu para que elas passassem o dia reunidas, tecendo juntas, contando histórias, narrando e explorando as palavras, com poder sobre sua própria produtividade e autonomia de criação. (2001. p. 26).

- Texto informativo sobre conteúdo de outro texto

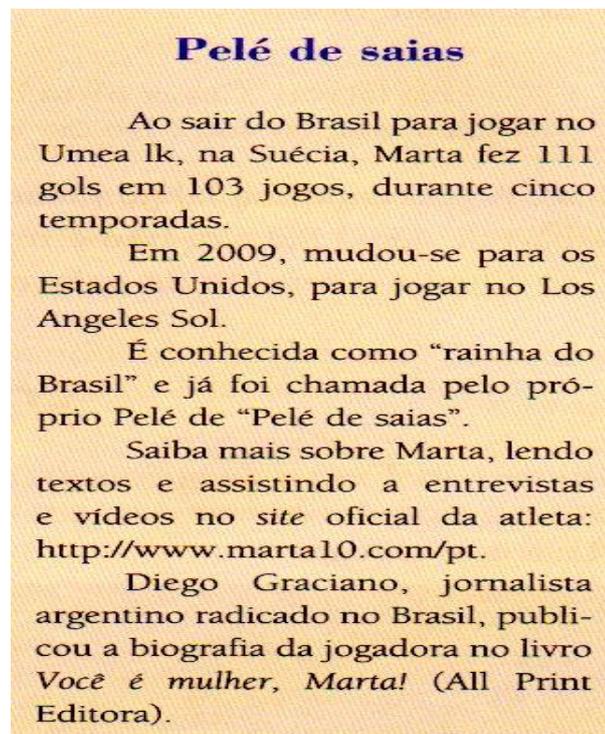


Figura 17 - Texto informativo sobre conteúdo de outro texto
Português Linguagens, 2012, p.169

O espaço ocupado pelo futebol na cultura é primariamente pertencente aos homens, num formato tanto simbólico como concreto (DEVESAS, 2008) No entanto, atualmente a mulher vem sendo incorporada nesse universo de modalidades esportivas, seja como praticante ou como expectadora. É o caso do texto em análise, que se refere à futebolista Marta Vieira Silva, eleita por cinco vezes consecutivas a melhor do mundo em sua modalidade, recorde entre homens e mulheres, deixando seu nome, sua marca, na história do esporte, apontando mudanças importantes na cultura contemporânea.

Porém, a expressão “Pelé de saias”, veiculada em matérias e reportagens assinala a permanência e insistência do preconceito, discriminação e estereótipo da mulher.

Quem é que usa as saias?

Quem é que usa as calças?

Aprende-se e continua-se reproduzindo que as calças são símbolo do masculino, e as saias são símbolo do feminino. E essa simbologia é tão arraigada que é comum se ouvir essa outra expressão: “Mas lá em casa, ela é que usa as calças!”, quando se refere à situação familiar onde a mulher detém algum poder de mando.

Podemos verificar, que ainda que a mulher seja protagonista em algum espaço, a tendência é associá-la a alguma questão do homem. Se as calças simbolizam o masculino, o “usar calças” representa, no jogo dos papéis de gênero, um comportamento tipicamente esperado para o homem, o poder, o mandar.

Na presente análise, a relação encontrada foi de que uma mulher bem sucedida num espaço considerado apropriado ao homem é reconhecida como mulher pelas “saias”, embora nem as use na situação em exposta, no entanto, a sua boa *performance* no futebol é associada ao homem.

3.3 Textos verbais e não verbais

- Texto explicativo de uma atividade

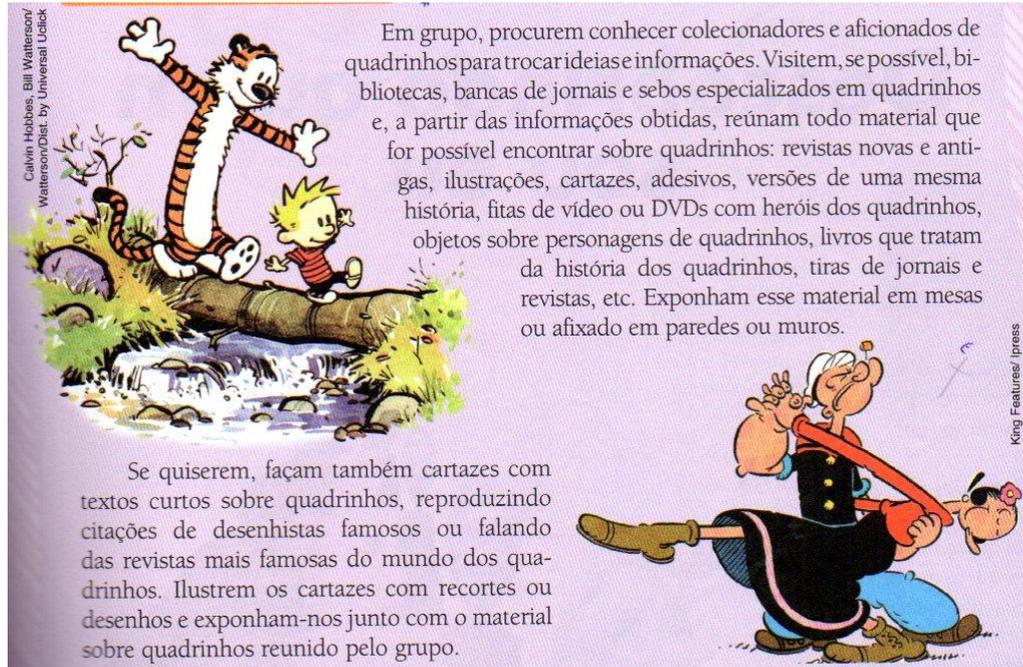


Figura 18 - Texto explicativo de uma atividade em quadrinhos
Português Linguagens, 2012, p.129

Popeye e Olívia Palito são personagens clássicos das histórias em quadrinhos. Popeye é um marinheiro carismático que está sempre prestes a defender e proteger Olivia Palito, sua namorada, das investidas do seu sempre rival e inimigo, Brutus.

Popeye com seu corpo musculoso é também conhecido como ranzinza e machista, que procura resolver todos os problemas “no braço”. Isso corrobora com o ideal de masculinidade, repassado pela cultura machista, onde a iniciativa e a ousadia associadas à coragem e à força física são atributos do homem, representando a sua virilidade.

No texto assinala-se dois pontos de análise: i) o verbal, que usa a linguagem no masculino; ii) a imagem de Popeye com Olívia Palito, numa cena que demonstra que ele exerce domínio sobre ela.

- Poema proposto para trabalhar flexão dos substantivos dos adjetivos: gênero e número



Figura 19 - Poema proposto para trabalhar flexão dos substantivos, dos adjetivos: gênero e número
Português Linguagens, 2012, p.118

“Lugar de mulher ainda é na cozinha”

A imagem reforça que os estereótipos de gênero continuam fortes e ativos na sociedade, veiculando a antiga história de “coisas de mulher” e “coisas de homem” e, ratificando ideias sobre o que é papel de mulher: casar, ter filhos, lavar, passar, cozinhar. Como papel do homem, é considerado o trabalho no espaço público e o sustento da família. A relação do homem com a cozinha ainda não é considerada ainda que estudos e pesquisas como a de Gentil (2013) apresenta que, na atualidade a maioria dos *chefs* de cozinha é do sexo masculino.

- Texto para atividade de identificação do gênero do discurso

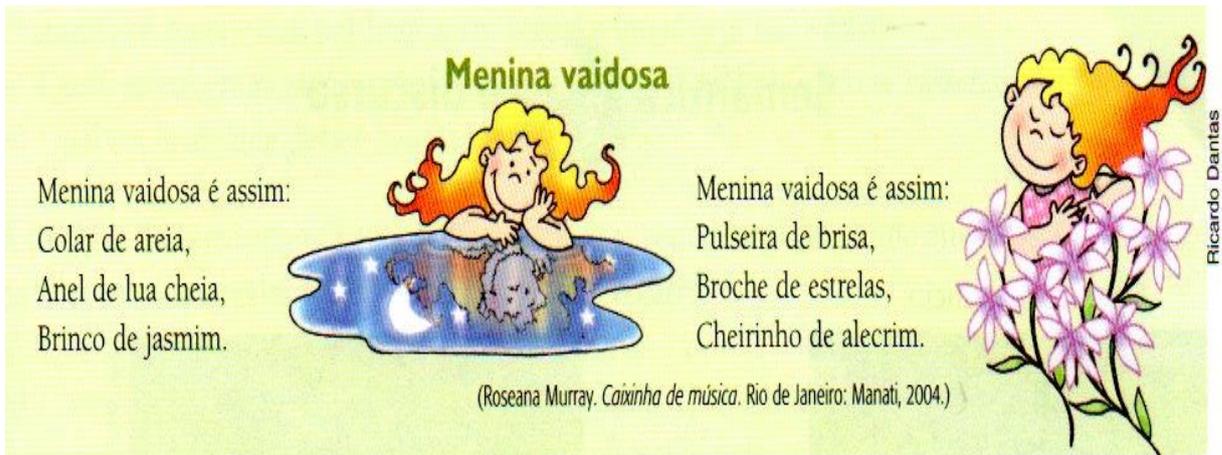


Figura 20 - Texto para atividade de identificação do gênero do discurso
Português Linguagens, 2012, p.67

Aprende-se com o senso comum que ser mulher é ser sensível, delicada, vaidosa, entre outros atributos. Isso é reforçado pela cultura sendo reproduzido na formação da menina, que ela deve ter as características acima relacionadas e também que deve gostar de brincar de bonecas, almejar um casamento, ter filhos, formar uma família e cuidar dela.

Visualizou-se no texto selecionado uma afirmação de que a menina deve ser vaidosa, atributo já predestinado a ela. O realce do texto é para a questão da vaidade, que deve ser cultivada desde a tenra idade, com posturas e adereços.

Considera-se a importância da reflexão sobre essa questão por entender-se que a construção das representações sociais de gênero reproduz preconceitos, discriminações e estereótipos e isso, desde a infância, vai se acumulando através das vivências e experiências que ficam guardadas na memória e contribuem na construção da identidade da pessoa.

A partir dessa identidade, construção interna com base nas experiências vividas, moldadas pela cultura, é que a pessoa se relaciona com o mundo. Esta forma de se relacionar pode ser a não aceitação ao que difere do que está estabelecido, ao diverso, contribuindo de certa forma com a exclusão social.

- Tirinha para atividade de elaboração de história em quadrinho



Figura 21 - Tirinha para atividade de elaboração de história em quadrinhos
Português Linguagens, 2012, p.115

A tirinha acima reforça o que vem se refletindo sobre o estereótipo da mulher em relação à beleza. Mônica está sendo discriminada por estar fora desses padrões, ela é reconhecida como baixinha, dentuça e gorducha.

Além da referência de Cebolinha, o texto ironiza apresentando Pinóquio, que diz ter visto uma menina com características contrárias as que Cebolinha descreveu. No entanto, o rótulo de Pinóquio é de mentiroso, fazendo com que sua descrição se estabeleça como mentira e por isso, conhedidamente seu nariz cresce, como aconteceu ao identificar Mônica.

Atenta-se para o cuidado em não se valorizar e reproduzir padrões dessa natureza, pois então, estar-se-ia reproduzindo também, as opressões e formas de enquadramento das pessoas.

- Tirinha para trabalhar semântica e discurso



Figura 22 - Tirinha para trabalhar semântica e discurso
Português Linguagens, 2012, p.124

Não passou despercebida a reação de Bibelô ao ser comparado com uma baleia. Baleia sendo um substantivo feminino causou logo em Bibelô a necessidade de esclarecer sua condição de macho. Interessante também vê-lo dizer ser macho frente ao espelho, pois pareceu uma forma de autoafirmação.

Analisando essa mensagem à luz da ideologia machista, reconhece-se que ela está impregnada nas raízes culturais da sociedade, onde o homem deve seguir o estereótipo convencionalmente socialmente para o masculino, traduzido em emoções, profissões, comportamentos, manifestações, atitudes, expressões, etc.

- Texto sobre brincadeiras infantis

Brincadeiras infantis

Você conhece as brincadeiras citadas por Ziraldo no texto? Veja como são algumas delas:

Berlinda: um dos participantes é alvo dos comentários dos demais e deve escolher, entre eles, o que mais lhe agradou.

Gata-parida: todos se sentam num banco e começam a comprimir-se uns aos outros, imitando miados de gato.

Cobra-caninana: são formadas duas fileiras de garotos; ao sinal, o primeiro de cada fileira corre para o final, mas zigzagueando entre os colegas da retaguarda; vence a fileira que voltar primeiro à formação inicial.

Precipício: o escolhido fica de pé no centro de um círculo de crianças, fecha os olhos e, de corpo enrijecido, tomba o corpo, que deve ser sustentado pelos companheiros.

Pular-carniça: as crianças ficam alinhadas e, em rápido deslocamento, uma a uma, pulam por sobre as costas dos companheiros parados e curvados; pulada a última criança, o jogador corre e para adiante, esperando que os demais saltem sobre ele.

Figura 23 - Texto sobre brincadeiras infantis
Português Linguagens, 2012, p.134

Observando a figura acima, foi possível recorrer aos estudos de Bellotti (1975), que questiona sobre brinquedos e brincadeiras certas e erradas para cada sexo. Categorizar brinquedos e brincadeiras adequadas para cada sexo é reafirmar a ideologia machista.

Refletiu-se que ao brincar de diferentes formas, as crianças, independente do sexo, buscam prazeres, desenvolvem a criatividade, fazem coisas movidas pela curiosidade de conhecer o mundo, explorando-o ludicamente. Daí a importância do brincar, jogar, nos espaços educacionais.

No entanto o que foi observado, na figura referida, foi a perpetuação de categorizar as brincadeiras infantis referindo seus participantes no masculino e reforçando essa prática com uma imagem de apenas meninos.

- Texto informativo sobre línguas, especificando as indígenas

As línguas no mundo

Você sabe quantas línguas existem no mundo? No passado, já existiram cerca de 10 mil; hoje são cerca de 6 700 línguas. Estima-se que metade delas irá desaparecer até o ano de 2050, o que significa que uma língua irá se extinguir a cada cinco dias.

O Brasil, por causa de suas populações indígenas, está entre as dez nações com o maior número de línguas. Ao todo, existem 195 línguas em nosso país. Na cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), além do português, existem mais três idiomas indígenas oficiais: o nheegatu, o tucano e o baniva.

Fonte: Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos - Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 24.

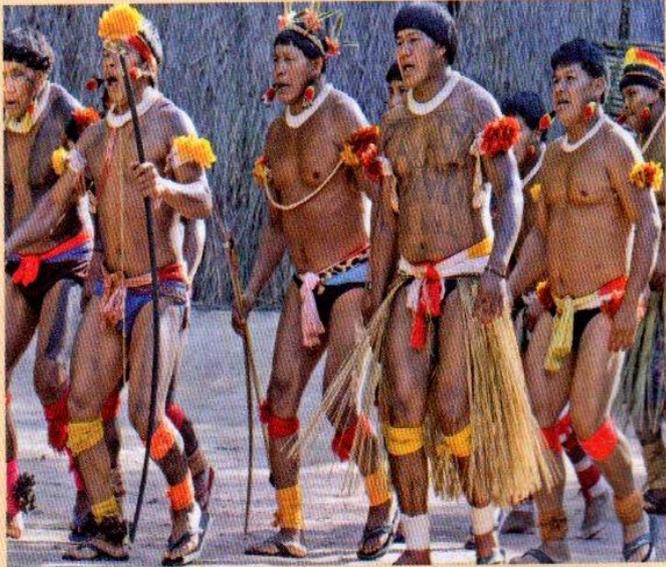


Figura 24 - Texto informativo sobre línguas, especificando as indígenas
Português Linguagens, 2012, p.37

O texto disposto acima é de grande relevância no sentido de informação sobre o que vem acontecendo com as línguas indígenas. Já proclamado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – a UNESCO e afirmado pelo Governo do Brasil, todas as línguas são patrimônio cultural da Humanidade, como refere Rodrigues (2005).

Sabe-se que as línguas indígenas brasileiras encontram-se ameaçadas de

extinção, sendo por isso, objeto de estudo de várias/ vários linguistas, que através de suas pesquisas e documentação, contribuem para evitar o desaparecimento delas, pois são patrimônios.

Portanto, ressaltamos a validade da autora e do autor trazerem essa temática para ser discutida, no entanto, a ilustração, como outras já enfatizadas nessa pesquisa, insiste em representar apenas o sexo masculino, apesar de sabermos que o papel desempenhado pelas mulheres indígenas como agentes de mudanças em suas comunidades é de suma importância e de acordo com a ONU mulher, são essenciais em diversas economias, trabalhando por segurança e soberania alimentar, como é referido por Cardoso (2013). Porém, as indígenas fazem parte de um grupo que é pouco falado, tanto por seu cotidiano estar distante da maioria das pessoas, como por carregarem um triplo preconceito: mulher, indígena e pobre.

Não aproveitar um espaço como o da educação, num material didático, é não contribuir com a quebra dos preconceitos que esse trabalho vem refletindo.

- Tirinha proposta para uma atividade de interpretação



Figura 25 - Tirinha proposta para uma atividade de interpretação
Português Linguagens, 2012, p.59

As relações de gênero permeiam os discursos sobre a beleza. É o que podemos refletir no texto em questão. Quando se fala sobre beleza as orientações

dadas diferem, reforçando elementos masculinos como, por exemplo: corpo másculo é robusto, forte e quando se fala às mulheres, a referência é sempre de um corpo delicado, suave.

A construção desse corpo é reforçada com práticas de embelezamento, incluindo produtos que o garantam. A exigência é tão grande que quando a menina se depara com o arsenal de produtos de beleza da mãe, com as devidas indicações, ela se nega a crescer.

A mensagem subjacente é de que a beleza é um condicionante de ser mulher. Essa exigência foi tão marcante para a menina que a negação do crescimento dela foi explícita, nos levando a refletir sobre que tipo de efeito isso pode trazer para a construção de sua identidade.

É, portanto, necessário, que se atente para esse tipo de mensagem veiculada num livro didático para alunas e alunos numa fase de construção de conceitos e desenvolvimento de concepções que marcarão a fase adulta.

- Tirinha proposta para trabalhar substantivo

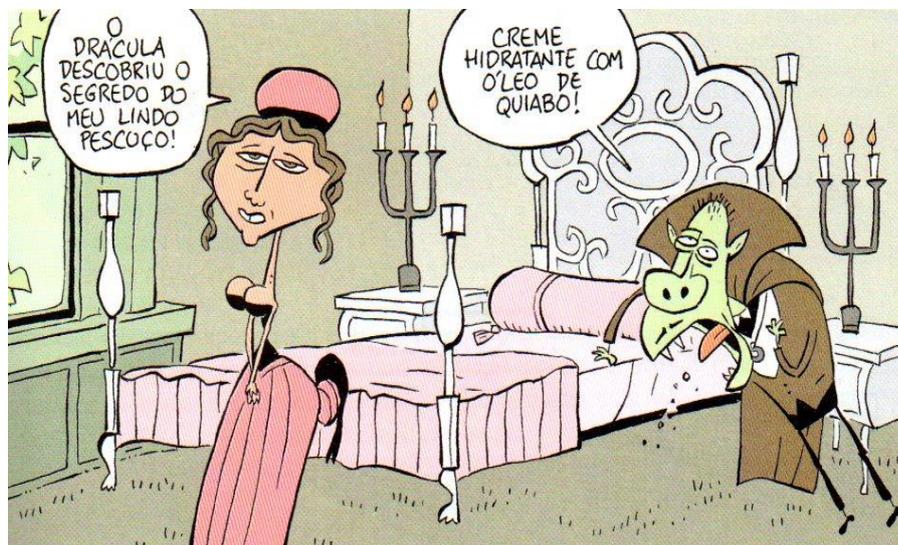


Figura 26 - Tirinha proposta para trabalhar substantivo
Português Linguagens, 2012, p.85

Esse texto reforça o mencionado acima, que refere a construção da beleza da mulher através de produtos para seu corpo. De forma irônica, o texto repassa que o fato de usar o produto já garante a ela o predicado da beleza, embora visivelmente isso não aconteça, sendo explícito tanto na imagem como no texto verbal.

• História em quadrinhos





Figura 27 - História em quadrinhos
Português Linguagens, 2012, p.76-77

Esse quadrinho reforça o estereótipo da mulher: mãe, dona de casa e cuidadora da família. O texto apresenta a imagem da mulher nos afazeres domésticos, usando um avental, peça bastante simbólica da função doméstica da mulher e soma-se ao texto verbal que traz no diálogo familiar questões anteriormente expostas como, a tendência da mãe fazer com sua filha uma espécie de extensão de si mesma.

Nessa extensão, entende-se existir um casamento em potencial e quando a filha diz que “ama o peixe e que eles vão ficar juntos para sempre”, a mãe que já tem uma ideia pré-concebida de que é o casamento, o companheiro/marido, que permite esse “ficar juntos para sempre”, já visualiza, com certa preocupação o casamento para a sua filha, acompanhada do peixe e trata logo de convencer a filha sobre a fragilidade de Flóris, o peixinho da história.

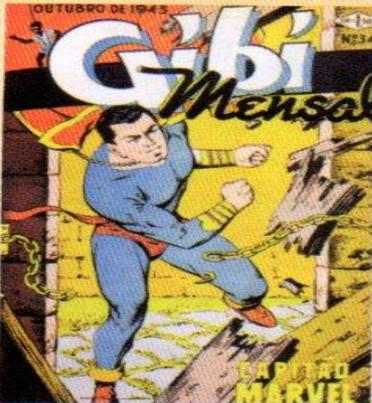
Observa-se nesse quadrinho a recorrência de uma mulher estereotipada pela cultura machista tanto na aparência física – vestuário, quanto numa convenção social que se coaduna aos princípios da sociedade patriarcal

- Texto informativo sobre quadrinhos

Quadrinhos no mundo

Os quadrinhos têm em cada país um nome diferente.

Nos Estados Unidos, são chamados *comic strips* (tiras cômicas); na França, *bandes dessinées* (bandas ou tiras desenhadas); na Itália, *fumetti*, nome que faz referência aos balões que saem da boca das personagens, indicando sua fala; na América espanhola, *historieta*; no Japão, *mangá*; em Portugal, *história aos quadrinhos*; na Espanha, *tebeó*.



No Brasil, toda revista em quadrinhos chama-se **gibi**. O nome pegou porque, em 1938, no Rio de Janeiro, foi lançada uma revista em forma de quadrinhos que tinha esse nome e fez o maior sucesso entre crianças e adolescentes. A palavra **gibi** caiu na boca do povo e virou sinônimo de revista de história em quadrinhos. O significado mais antigo de **gibi** é "moleque".

Figura 28 - Texto informativo sobre quadrinhos
Português Linguagens, 2012, p.78

O texto é muito interessante, pois trata de uma informação sobre quadrinhos, gênero textual trabalhado no livro nas páginas 76 e 77, inclusive já analisadas acima.

O considerado ao selecionar esse texto foi visualizar-se que mesmo que exista a presença de mulheres nas histórias em quadrinhos, inclusive no grupo de super heróis, ou super heroínas, como devia ser também, a imagem escolhida pelo autor foi a de um homem. A maciça representação masculina nos textos didáticos despreza o olhar, que deveria ser primordialmente da educação, para a desigualdade de gênero.

- Texto proposto para trabalhar a linguagem dos quadrinhos - legenda

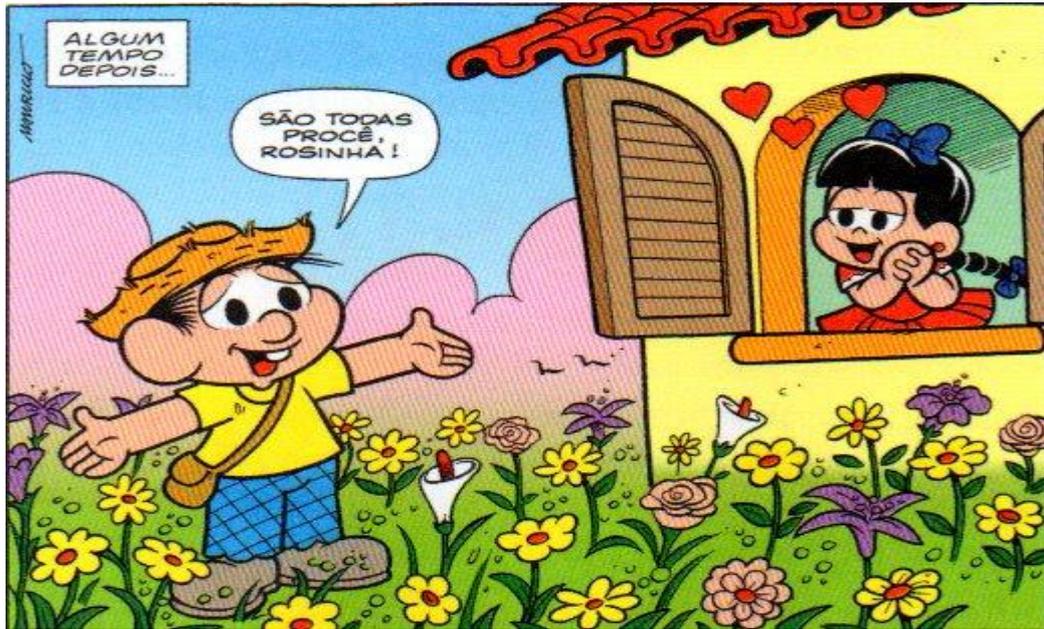


Figura 29 - Texto para trabalhar a linguagem dos quadrinhos – legenda
Português Linguagens, 2012, p.101

Os desenhos animados trazem mensagens subliminares bastante significativas. Eles transmitem mensagens que, por vezes, estão além do discernimento de crianças e adolescentes impedindo-as de interpretar suas entrelinhas. Essas mensagens, ainda que não sejam completamente entendidas nessa fase de desenvolvimento, vão semeando formação de conceitos e concepções que permeiem um comportamento futuro, podendo, assim, ser consideradas com efeito de longo prazo.

É o caso da inferência no texto de Chico Bento e Rosinha. Eles formam um casal de namorados, seguindo o modelo do homem no papel do conquistador e ela à mercê da conquista.

Rosinha, menina da roça, vestidinho de chita, trancinhas no cabelo, bonita, encanta Chico Bento. Ele dispensa a ela olhares e mimos que reforçam o papel, claramente determinado na cultura machista, de que cabem ao homem a iniciativa e o cortejo na relação entre casais. Apesar de essa prática estar sofrendo mudanças, pois existem mulheres que já sinalizam a não predisposição ao papel passivo na relação amorosa, o texto insiste na proposta de que o homem é o protagonista na conquista.

- Tirinha proposta para trabalhar flexão dos substantivos e dos adjetivos: grau



Figura 30 - Tirinha proposta para trabalhar flexão dos substantivos e dos adjetivos: grau Português Linguagens, 2012, p.139

Nesse texto pode-se constatar, mais uma vez, o estereótipo da mulher numa sociedade marcada pelo machismo. Ela está na cozinha, usando avental e lavando pratos, caracterizando o papel imposto por essa sociedade, que é ser responsável pelos afazeres domésticos.

O filho traz um questionamento para ela, questionamento esse que poderia ser feito em outro espaço, pois nada tem a ver com a cozinha, por isso é que a questão se torna intrigante. Por que trazer como pano de fundo o cenário da mulher doméstica? São essas questões, entre outras, que justificam a reflexão sobre como a educação pode contribuir na quebra desses paradigmas.

Enfim, esse foi o conjunto de textos verbais e não verbais onde se procederam as análises, mas ressalta-se que no livro proposto existem muitos outros textos carregados de elementos que se relacionam com o tema dessa investigação, no entanto circulam na mesma direção do que já foi exposto.

Faz-se essa ressalva por se compreender a importância de que as leitoras e os leitores dessa pesquisa se conscientizem da existência de um grande número de mensagens propostas às alunas e alunos com o componente de desigualdade de gênero e possam compartilhar e refletir sobre essa questão com mais pessoas.

Apesar da base da pesquisa não ter sido quantitativa, a quantidade de textos com características machistas, sexistas chamou a atenção no decorrer da coleta de dados desse trabalho.

A qualidade das mensagens já foi exposta nas análises, mas o aspecto quantitativo não pode deixar de ser referido. Ele nos preocupa, pois pode contribuir com a tentativa de naturalizar situações não naturais e sim engendradas pela cultura. A naturalização de fatos sociais pode se constituir em um problema para a sociedade e normalmente resulta de discursos ideologicamente harmoniosos que se

contrapõem a uma análise crítica e criteriosa da realidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A verdade dividida
A porta da verdade estava aberta mas só deixava passar meia pessoa de cada
vez.*

*Assim não era possível atingir toda a verdade, porque a meia pessoa que
entrava só conseguia o perfil de meia verdade. E sua segunda metade voltava
igualmente com meio perfil. E os meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta. Chegaram ao lugar luminoso onde
a verdade esplendia os seus fogos. Era dividida em duas metades diferentes
uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela. Nenhuma das duas era
perfeitamente bela. E era preciso optar. Cada um optou conforme seu capricho,
sua ilusão, sua miopia.*

Carlos Drummond de Andrade

As considerações finais iniciam-se inspiradas em *Drummond*, por ele retratar bem, nesse poema, as impressões e emoções da conclusão de um trabalho.

Ao se concluir uma pesquisa tem-se, ou, pelo menos se deve ter a certeza de que não se conseguiu chegar a verdades absolutas, seja pelos limites de quem investiga, seja porque ela não exista, seja porque só é permitido se enxergar parte dela, pois outra parte será construída pelas leitoras, pelos leitores, nas suas formas de compreender o exposto, e reconstruída por outras estudiosas e outros estudiosos que ratificarão e/ou rechaçarão as verdades ou as opções de verdades aqui estão se estabelecem.

Ainda outro lampejo do texto do referido autor está no “*arrebentaram a porta*” e no “*E era preciso optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*” E é aí onde se encaixam as opções teóricas e metodológicas escolhidas para desenvolver esse trabalho e poder concluí-lo com vistas a uma contribuição aos estudos na temática de Gênero e Educação.

Levando-se em conta o que foi observado, a contribuição inicial do trabalho foi entender a relação Gênero e Educação e para isso foi fundamental compreender, preliminarmente as relações de gênero.

Apesar de às vezes não se dar conta, as relações de gênero fazem parte da vida das pessoas e do cotidiano delas, evidenciando discriminações, diferenças, estereótipos, que influenciam suas formas de pensar, conceber, fazer e ser.

Assim, é possível entender a existência de uma pressão social para que as pessoas se comportem de acordo com o que a comunidade julga correto para seu

sexo. Essa pressão é exercida e mantida por agentes socializadores, agentes simbólicos e instituições. Nesses campos encontramos: amigos/amigas, professores/professoras, personagens de livros, propagandas e outros meios de comunicação de massa e instituições de formação como a família e a escola.

O sexo é natureza e como componente biológico nos identifica, no entanto não é o único que constitui a nossa identidade. Ela, como um processo em constante construção é constituída através das experiências, dos diálogos, da cultura, enfim, da interação social. Na interação social são construídos símbolos e significados que apresentam sentidos para as pessoas e elas os compartilham entre si. Ao entender-se a identidade como um processo em constante construção, reconhece-se também, como processo em construção, a nossa própria constituição enquanto mulher ou homem.

Sendo a cultura construída a partir das relações interpessoais e das ações das pessoas, ao trocar experiências, conhecimentos e ideias, entende-se que resulta daí a determinação da maneira de ser e do modo de viver de cada sociedade.

Em vista dos argumentos apresentados, ficou mais evidente que o desmonte da cultura machista, que tem demonstrado ser prejudicial à construção de uma sociedade mais justa, se fará essencialmente pelo viés da educação numa perspectiva progressista que valorize as pessoas na sua diversidade, seja de raça, etnia, credo, condição econômica e/ou de gênero.

Ao reconhecer na educação esse potencial, encontra-se na ação docente, com crianças e adolescentes, uma relevante alternativa de protagonizar um trabalho na perspectiva de gênero, que contribua com a desconstrução de preconceitos e estereótipos que subjulgam as mulheres.

Considera-se que o trabalho com as questões de gênero com crianças e jovens no mundo atual configura um desafio, porque os adultos trazem em suas identidades, marcas de outro tempo que, muitas vezes, entram em conflito com as concepções atuais e as referências dos jovens, provocando um desencontro.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.128):

Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar e/ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores.

Daí percebe-se a importância das educadoras e educadores terem uma formação em gênero, como requisito fundamental para a atuação docente visto que a temática faz parte do cotidiano social e como a educação carrega um grande potencial de mudanças importantes é através dela que podemos revisar e conceitos e construir novas práticas.

Por conseguinte, seria recomendável que essas práticas trabalhassem a possibilidade de homens e mulheres compartilharem valores, virtudes, direitos, com vistas à erradicação dos estereótipos, constituindo-se em uma educação igualitária.

O corpo docente capacitado estará apto às discussões sobre gênero, de forma acessível a todas as faixas etárias, promovendo atividades didático-pedagógicas que trabalhem a equidade de gênero entre meninas e meninos.

Sobre essa questão, no que se refere às Oficinas de Formação em Gênero, para o corpo docente, realizadas no decorrer desse trabalho, vale fazer a ressalva que elas transcenderam à proposta inicial, pois as/os participantes solicitaram que as oficinas se estendessem e as temáticas continuassem sendo trabalhadas e discutidas, fazendo parte do Programa de Formação Continuada da Escola.

Outra solicitação foi a elaboração de um Manual, específico sobre as questões de gênero, com vistas à orientação para a escolha dos próximos livros didáticos. Pontua-se essa demanda como um grande passo para os propósitos dessa pesquisa, pois se sabe que depende em grande parte, da postura das educadoras e dos educadores, o processo de uma nova forma de educar, sem preconceitos e discriminações.

O referido Manual foi construído com base nos estudos dessa dissertação e encontra-se nos Apêndices desse trabalho.

Ao verificar que estão presentes nos livros didáticos, crenças, situações, códigos de conduta, entre outros, recomenda-se discutir sobre as possibilidades que eles trazem para o trabalho educacional. Assim, é possível entender que tanto está concentrada, nos livros didáticos, a dimensão reprodutora das representações do mundo, repercutindo a forma de pensar da sociedade e a hegemonia dos grupos inseridos nela, como a dimensão transformadora que poderá trazer condicionantes sociais para serem debatidos, construídos e reconstruídos a partir da sala de aula.

Nesse sentido último, o livro didático deve e pode ser um agente multiplicador de questionamentos de princípios e valores, apresentando alternativas para o que a sociedade almeja, além da possibilidade de introduzir novos conceitos, valores e

novas formas de pensá-la.

O espaço que o livro ocupa na vida de alunas e alunos precisa ser dedicado a questões sobre a sociedade contemporânea e, na presente discussão, ressalta-se a de igualdade de gênero. Precisamente na faixa etária das alunas e alunos que utilizam o livro didático que analisamos – 6º ano do Ensino Fundamental, alerta-se para a importância criteriosa tanto na escolha dele, como na forma de trabalhá-lo, pois em tese, essas e esses alunas e alunos, se encontram mais propensas e propensos à influência de aspectos ideológicos. O sistema de valores, ainda em construção, está mais suscetível a moldagens de estereótipos e comportamentos tendenciosos, não permitindo um posicionamento mais sólido e consciente.

Durante todo o processo da pesquisa foram constatadas as relações de gênero no livro didático e como ele veicula uma cultura machista através de seus textos, com conteúdos que reforçam a manutenção de relações desiguais de poder entre homens e mulheres.

Interpretou-se que a situação encontrada deve-se a pouca agilidade da educação contemporânea em refletir e redesenhar novas práticas educacionais que redirecionem o papel das pessoas no seu grupo, na sua comunidade, baseado na igualdade de direitos.

A escola, como espaço educacional privilegiado para proceder mudanças culturais, não se apropria desse contexto, ao contrário, apresenta uma tendência de manter e consolidar padrões estereotipados na configuração e representação de homens e mulheres na perspectiva sexista.

O livro didático, reconhecido como a maior compilação de conhecimentos acumulados historicamente, não apresentou nesse estudo nenhum indício de ser veículo de mudança das relações de gênero, opostamente, revelou-se como instrumento de consolidação e permanência da cultura machista.

A investigação revelou que, se a Escola, as práticas docentes e os materiais pedagógicos, em especial o que foi escolhido para essa pesquisa – o Livro Didático, continuarem reproduzindo fronteiras de comportamentos entre os aceitáveis e não aceitáveis para cada gênero, discentes de ambos os sexos vão sofrendo pressões e expectativas dos determinados tipos de comportamento e posturas, que garantam o seu pertencimento ao grupo social do qual faz parte, perpetuando uma cultura machista.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Suely. **Linguagem verbal**: É aquela que utiliza palavras. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/linguagem-verbal-e-aquela-que-utiliza-palavras.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

ARENT, M. **A crise do macho**. In: ROSO, A; MATTOS, F.B.; WERBA, G.; BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais no método sociológico na ciência da linguagem. 8. ed. Sao Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BADINTER, Elisabeth. X Y; sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1985. [Trad.: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro], 2004.

BARROS, José D'Assunção. Igualdade, desigualdade e diferença: contribuições para uma abordagem semiótica das três noções*. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 199-218, Abril de 2006

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. KÜHNER, Maria Helena (tradução). Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1999.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 9.394**, de 14 de dezembro de 1966: dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. São Paulo: Síntese, 1999.

CARDOSO, Bia. **Dia Internacional da Mulher Indígena e o Feminismo**. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/09/dia-internacional-da-mulher-indigena/>> Acesso em: 10 jul. 2015.

COSTA VAL, M. G. F. Texto, textualidade e textualização. *Pedagogia Cidadã - Cadernos de Formação Língua Portuguesa*, UNESP - São Paulo, v. 1, p. 113-124, 2004.

DAOLIO, Jocimar. *Cultura: Educação Física e Futebol*. Editora da UNICAMP, Campinas – SP, 1997.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2006). **Homem mais escolaridade tem maior participação nas tarefas domésticas**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=954&id_pagina=1>. Acesso em: 10 jul. 2015.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, Brasília, n. 69, v. 16, jan./mar. 1996.

MACHADO, Ana Maria. **Ponto a ponto**. São Paulo: Berledis & Vertecchia, 1998.

_____. **Texturas**: sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PNLD 2012: Ensino Médio. **Guia de livros didáticos**: Apresentação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção** (Laboratório de Línguas Indígenas, Universidade de Brasília). Disponível em: <<http://docplayer.com.br/2718534-Linguas-indigenas-brasileiras-ameacadas-de-extincao-aryon-dall-igna-rodrigues-laboratorio-de-linguas-indigenas-universidade-de-brasilia.html>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

ROSEMBERG, F. et all. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. **Cadernos de Pesquisa**. v. 39, n 137, p. 489-519, mai/ago 2009.

SANTOS, B.S.A. **As mulheres não são homens**. Disponível em:

<<http://cartamaior.com.br/?/Coluna/As-mulheres-não-são-homens/19489>> Acesso em: 10 ago. 2015.

SANTOS, G.; BUARQUE, C. O que é gênero? In: VANIN, I. M.; GONÇALVES, T. Caderno de textos gênero e trabalho. Salvador: REDOR, 2006. 2009p

SARTI, Cynthia A. O Feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*, 2004, 12 (2) **brasileiro desde os anos**

SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações – 11 ed. rev. Campinas, SP: autores associados, 2011 – (coleção educação contemporânea).

SILVA, P.C.C. A Educação Física na roda de Capoeira – entre a tradição e a globalização. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & STREY, M. N. Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.119-131.*

TILIO, Rogério Casanovas. Gênero e sexualidade em livros didáticos de inglês: ainda tabus? Caderno de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, n. 26, p.48-61. 2010 (no prelo). ISSN 1413-0238.

UNBEHAUM, Sandra; VIANNA, Cláudia. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v.27, n. 95, 2006.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. O material didático no ensino de língua estrangeira: Definições, modalidades e papéis. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Unigranrio. Volume VIII, Número XXX, pp. 1-14. Jul-set, 2009.* Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101>. Acesso em: 10 jul. 2015.

VILARINHO, Sabrina. "Linguagem Verbal e Linguagem Não-Verbal"; **Brasil Escola**. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/redacao/linguagem.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

VAZ, Sonia R.L. **Chapeuzinho Vermelho** - o enfrentamento ao instinto. Disponível em <http://www.bonde.com.br/?id_bonde=1-14--5-20110507> Acesso em: 15 jul. 2015.

Sites Consultados:

<http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp>.

http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=/livro_didatico/livro_didatico.html.

<http://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-do-6-ao-9-ano#ixzz3OffMn7WF>

<http://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-do-6-ao-9-ano#ixzz3OfetpQaG>

<http://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-do-6-ao-9-ano#ixzz3OfeZc3lu>

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ANÁLISE DOCUMENTAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E ENSINO

Mestranda: Maria Cristina Camarotti da Silva Bastos
e-mail: cris_camarotti@yahoo.com.br

ROTEIRO DE ANÁLISE DOCUMENTAL

OBS: para cada texto selecionado para análise

Identificação do texto

Título _____

Data _____

Gênero _____

Ideia Central _____

1. Temas que emergiram

2. Inferências

APÊNDICE B – ROTEIRO DE LEITURA DE IMAGENS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUISTICA E ENSINO

Mestranda: Maria Cristina Camarotti da Silva Bastos
e-mail: cris_camarotti@yahoo.com.br

ROTEIRO DE LEITURA DE IMAGENS

OBS: para cada imagem selecionada para análise

IMAGEM
TEMAS
INFERÊNCIAS

APÊNDICE C– QUESTIONÁRIO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E ENSINO

Mestranda: Maria Cristina Camarotti da Silva Bastos
e-mail: cris_camarotti@yahoo.com.br

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

INFORMAÇÕES GERAIS

1.NOME (opcional)

2.SEXO

Masculino Feminino

3.FAIXA ETÁRIA

Até 25 anos De 26 a 35 anos De 36 a 45 anos

De 46 a 60 anos De mais de 60 anos

4.FORMAÇÃO PROFISSIONAL

4.1 Graduação

4.2 Pós- Graduação

Doutorado

Mestrado

Especialização

5.TEMPO DE DOCÊNCIA

6. DOCÊNCIA ATUAL

Disciplina A

7.ASSINALE

1 - SIM 2 - NÃO 3 – ÀS VEZES				
01	PARTICIPA DA ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO	1	2	3
02	ANALISA OS TEXTOS	1	2	3
03	ANALISA AS IMAGENS	1	2	3
04	NA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO CONSIDERA AS QUESTÕES DE “GÊNERO”	1	2	3
05	TRABALHA AS QUESTÕES DE “GÊNERO”, NA SALA DE AULA	1	2	3

8.RESPONDA:

- a) Já participou de alguma Formação, Curso, Palestras ou outros sobre “Gênero”?

- b) Acha importante que essa temática seja trabalhada na Escola?

- c)Por quê?

**APÊNDICE D - MANUAL PARA USO DOCENTE - ESCOLHA DO LIVRO
DIDÁTICO - *Orientações sobre questões de gênero***

**MANUAL PARA USO DOCENTE - ESCOLHA DO
LIVRO DIDÁTICO**

Orientações sobre questões de gênero





“Sei que a língua corrente está cheia de armadilhas. Pretende ser universal, mas leva, de fato, as marcas dos machos que a elaboraram. Reflete seus valores, suas pretensões, seus preconceitos”.

Simone de Beauvoir

APRESENTAÇÃO

O presente Manual foi elaborado para atender a demanda de docentes que participaram da pesquisa **RELAÇÕES DE GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE ENSINO**, realizada por Cristina Camarotti, na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, no município de Jaboatão dos Guararapes/PE.

Ele se propõe a ser um instrumento que contribua com a revisão da linguagem sexista utilizada nos livros didáticos e a orientar o desenvolvimento de uma nova prática, favorecendo a construção da igualdade entre homens e mulheres.

É tarefa da educação combater as desigualdades sociais e, nesse contexto, a de gênero, enfrentamento as discriminações, tratamentos desiguais e preconceitos, que sedimentam a cultura machista.

Nessa perspectiva, um dos desafios é pensar a linguagem como um elemento inclusivo e de promoção da igualdade de gênero.

Por uma educação não sexista,

Cristina Camarotti

COMEÇANDO A NOSSA CONVERSA

Nosso trabalho inicia com o esclarecimento sobre alguns **conceitos** que fundamentarão nossa proposta.



Segundo Scott,

“na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados”. (Scott, 1995:3).

Ao se referir a um conceito mais recente, a autora pontua:

“...o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. (ibdem).

A referência mais utilizada da autora é:

“O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças

que distinguem os sexos; o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder”. (1995:11).

Entendemos “gênero” como uma forma de organizar a sociedade a partir da diferenciação de papéis, de valores, de atribuições entre os sexos. Portanto, são geradas as desigualdades de gênero, sendo elas constituídas, hierarquicamente pelas sociedades, fazendo-se entender que, em razão do sexo, a natureza produz seres superiores e inferiores.



1. teoria que defende a superioridade de um sexo, geralmente o sexo masculino, sobre o outro;
2. Discriminação baseada em critérios sexuais.

(in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/sexismo>)

E MACHISMO?



Machismo é o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino.

(<http://www.significados.com.br/machismo/>)

A cultura machista está pautada nesse pensamento, caracterizando-se por um "sistema hierárquico" de gêneros. Nesse sistema os homens ocupam sempre uma posição superior à das mulheres.

DISCRIMINAÇÃO



Discriminação é um termo originado do latim *"discriminatio"*, que significa separação. É o nome dado a uma conduta, ação ou omissão que viola os direitos das pessoas, tratando-as desigual em relação às demais.

Discriminações são tratamentos preconceituosos dados a certas categorias sociais. É o nome dado a uma conduta, ação ou omissão que viola os direitos das pessoas, baseando-se em critérios injustificados

ESTEREÓTIPO



Entendemos

estereótipos como concepções, imagens ou características específicas, utilizadas para padronizar pessoas, grupos, comportamentos, valores, atribuindo-lhes uma identidade.

diferença e desigualdade

De acordo com BARROS (2005) "diferença" não é o mesmo que "desigualdade", embora os dois termos até sejam usados como sinônimos são distintos.

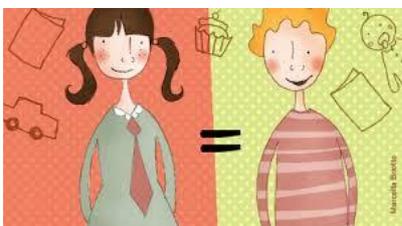
O autor considera que algo é "diferente" quando sua essência se difere da essência do outro. Podendo ser em um aspecto particular ou no todo. Dessa forma, a diferença pode ser tanto natural como cultural. Por sua vez, a "desigualdade" se refere a uma circunstância que privilegia algo ou alguém em relação ao outro, independentemente dos dois serem iguais ou

diferentes. Portanto, a desigualdade é construída socialmente e implica, por vezes, em injustiça.



A ausência das questões de gênero no currículo e na formação de educadoras e educadores vem contribuindo para a persistência de valores e práticas que reafirmam as desigualdades entre homens e mulheres. Dessa forma, consideramos que compreender as relações de gênero será necessário para a revisão de conceitos e aquisição de novas práticas.

CONTINUANDO NOSSA CONVERSA



Na década de 90, além do acesso igualitário, a Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9392/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's

vislumbram a inclusão da questão de gênero, quando sugerem a presença de questões de desigualdade entre indivíduos de diferentes sexos. Percebe-se, porém, que a linguagem adota exclusivamente o uso do masculino e assim compreendemos haver uma discriminação sexista e reforço do modelo linguístico androcêntrico.



Para mantermos uma comunicação utilizamos várias formas de linguagem, que permitem que as pessoas interajam e efetuem alguma troca de informação.

Em especial, falaremos sobre a **linguagem verbal** e **não verbal**.

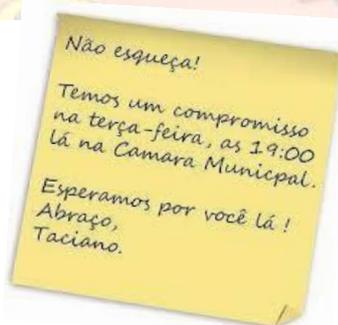


Para entendermos os conceitos de linguagem verbal e não verbal iniciaremos pela definição do termo "verbal". Ele tem origem no latim "verbale", proveniente de "verbu", que quer dizer palavra. Portanto, linguagem verbal é aquela que utiliza palavras - o signo linguístico - na comunicação,

podendo ser o uso da escrita ou da fala como meio de comunicação.



A **linguagem verbal** é a forma de comunicação que está mais presente no nosso cotidiano social. Utilizamos geralmente o código verbal – palavra falada ou escrita, para fazermos exposição de nossos pensamentos e ideias.



A linguagem **não verbal** é entendida como toda e qualquer comunicação em que não se usa palavras para explicar a mensagem desejada. Seria, dessa

forma, o uso de outros códigos como: imagens, figuras, desenhos, símbolos, dança, tom de voz, postura corporal, pintura, música, mímica, gestos, expressão fisionômica, escultura, cores, como meio de comunicação. Podemos perceber que ainda que não haja a “palavra”, existe uma linguagem que podemos decifrar as mensagens a partir dos outros códigos referidos.



A linguagem também pode associar a comunicação verbal à comunicação não verbal, utilizando a palavra e a imagem simultaneamente.

Jogando conversa fora



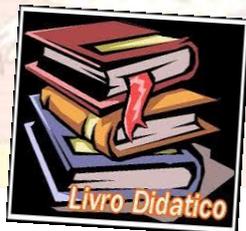
2ª Parte Gênero e Livro Didático





Nas salas de aula da grande maioria das nossas escolas, o material mais predominantemente utilizado é o livro didático. Ele vem funcionando como única ou principal fonte de informação para as(os) alunas(os).

Essa constatação fortalece a necessidade de ampliarmos nossas análises e discussões atribuindo mais responsabilidade ao livro didático e ao que ele veicula, diante do papel que ele exerce como material de apoio à real aprendizagem de alunas e alunos, assegurando-lhes uma efetiva formação cidadã.



O livro didático como material pedagógico, continua ocupando um lugar de extrema evidência no nosso contexto educacional, estimulando o trabalho de pesquisadores acadêmicos tanto à sua produção quanto à análise, sob perspectivas diversas, de seus conteúdos.

Em relação ao processo ensino-aprendizagem, se faz necessário investir na qualidade do Livro Didático e essa qualidade perpassa pelas questões estéticas, éticas e socioculturais.

Ao promovermos o debate no campo da educação em torno das



desigualdades de gênero, contribuimos com a formação docente e consequentemente com uma escolha mais consciente e criteriosa de livro didático, além de oportunizar às professoras e professores, trabalhar mais criticamente os materiais de interfaces preconceituosas já propostos em bibliografias em que o docente não optou pela escolha.

Nesse contexto, consideramos ser de grande responsabilidade tanto a escolha como a forma de trabalhar com o livro didático, visto que no âmbito escolar ele tem a função de promover reflexões, discussões e análises críticas que contribuam com a formação cidadã de alunas e alunos, além da formação acadêmica.



No entanto, por diversas vezes a forma de trabalhar esse material despreza possibilidades de discutir o papel que desempenha na vida social dos alunos, pois o foco são questões relativas à disciplina específica que o/a docente está ministrando.

Entendemos ter o livro didático a função de proporcionar subsídios que possam garantir, ao indivíduo, a saída do pensamento ingênuo e acrítico para uma forma de pensar a realidade e seus condicionantes, criticamente, dando-lhe a possibilidade de escolher o que é mais acertado, relevante e justo.

Não apenas os textos verbais, mas também os textos não verbais, as imagens, devem ser observadas para além da ilustração, considerando também que elas retratam a sociedade no seu tempo espaço.

O Livro Didático não é um material “inocente”, muitas vezes é tendencioso e em parte, responsável pela propagação de preconceitos estabelecidos. De acordo com Tílio,

“as escolhas dos contextos culturais apresentados pelos livros e as atividades propostas pelos autores podem permitir, ou não, que determinadas identidades sejam construídas, ou, pelo menos, manifestadas, em um determinado momento”. (2010, p.49)

Isso posto, concordamos que o/a docente, enquanto mediador/a na sala de aula, deverá ter o controle sobre o que acontece nesse espaço, não deixando passar despercebidos temas relevantes, por vezes levantadas no livro didático, podendo favorecer na compreensão das necessidades e/ou dificuldades de alunos/as.

Como é do nosso conhecimento, nesses últimos tempos, o governo fornece os livros didáticos para as escolas da rede pública. As editoras inscrevem suas obras no PNLD (Plano Nacional do Livro Didático). Os livros são analisados pelos pareceristas, sem nenhuma caracterização, evitando a identificação de autor e editora. Cada título (Língua Portuguesa, Alfabetização, Matemática, Estudos Sociais, etc.) é analisado por dois pareceristas. Se as análises dos

pareceristas apresentarem incoerências, é solicitada, pelo coordenador, uma terceira análise, caso contrário, o coordenador junta a sua avaliação e redige o texto da resenha que irá constar no Guia do Livro Didático.

O Guia do Livro Didático foi criado pelo PNLD a partir de 1998, atendendo uma demanda legítima de professoras e professores na participação na escolha do livro que será adotado, entre os já selecionados. Ele é enviado às Escolas, com sugestões e indicadores para todas as modalidades de ensino da Educação Básica, orientando sobre as obras selecionadas. De posse do Guia, a equipe docente escolhe os livros que deverão ser adotados.

Conforme o PNLD (2011, p.13):

o que dá a um livro didático o seu caráter e qualidade didático pedagógicos é, mais que uma forma própria de organização interna, o uso adequado à situação particular de cada escola; e os bons resultados também dependem diretamente desse uso.

Podemos exigir – e obter – bastante de um livro, desde que conheçamos bem nossas necessidades e sejamos capazes de entender os limites do LD e ir além deles.



De fato, o/a docente, aqui considerando os/as da área de Língua Portuguesa, ao trabalhar com o livro didático, poderá fazer dele um instrumento a mais, para ir além de regras gramaticais e atividades para o mesmo fim. Deverá criar estratégias para inserir questões que remetam a própria visão de mundo das alunas e dos alunos. Uma delas, na área de Gênero, está na concepção reduzida, cristalizada e equivocada, de que existem atividades voltadas apenas para a mulher e outras apenas para o homem.

Tal questionamento poderá surgir de uma imagem, utilizada no livro didático, que às vezes presta-se à condução de exercícios. Sendo o livro didático o principal instrumento de estudo na sala de aula, as imagens veiculam o discurso da sociedade, os quais “influenciam a construção identitária do aluno, reproduzem ideologias, participando de modo importante da formação de atitudes e

valores.” (OLIVEIRA, 2008, p.99).

Desta forma, compreendemos que o ambiente escolar se constitui em um contexto / espaço, considerado oportuno para a propagação e produção de concepções das Relações de Gênero, representando certamente um *locus* das diferenças entre os Gêneros.

O Livro Didático poderá moldar nossa cultura, podem ser entendidos como artefatos culturais, ao produzirem formas de ser e estar na sociedade. Produzem e reproduzem significados para os sujeitos, delimitando e sugestionando características, naturalizadas pela sociedade, para determinar o que é e como é ser menina, ser menino, homem e mulher.

Isso posto, entendemos que a identidade de gênero decorre da forma como a realidade é apresentada aos indivíduos, de como os conceitos são trabalhados, das experiências vividas, dos exemplos que tiveram, da cultura dominante, de como são representados. Nessa perspectiva, a educação recebida irá determinar o diferencial, como Saffioti afirma:

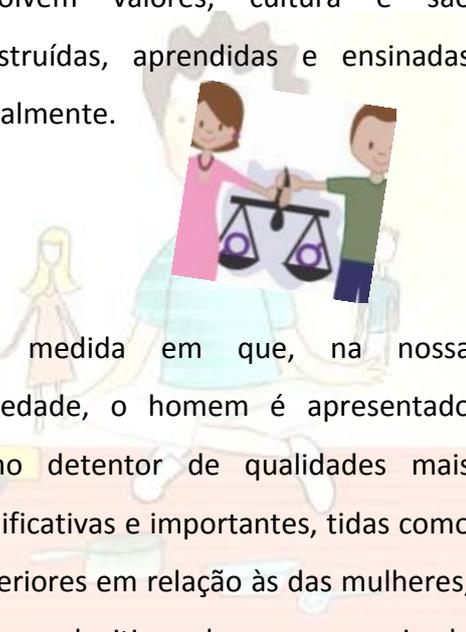
[...] não resulta da existência de dois sexos, macho e fêmea [...]. O vetor

direciona-se, ao contrário, do social para os indivíduos que nascem. Tais indivíduos são transformados, através das relações de gênero, em homens e mulheres, cada uma dessas categorias-identidades excluindo a outra. (1992, p. 187).

Simone de Beauvoir afirmou que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1978, p. 9). O que define o que é ser homem ou mulher decorre das relações de poder as quais envolvem valores, cultura e são construídas, aprendidas e ensinadas socialmente.

Na medida em que, na nossa sociedade, o homem é apresentado como detentor de qualidades mais significativas e importantes, tidas como superiores em relação às das mulheres, estamos legitimando a supremacia da natureza masculina. E isso é o que a nossa educação no sentido mais amplo e em especial a educação escolar vem reproduzindo, através de práticas preconceituosas e discriminatórias.

Constatamos ainda, o acima mencionado, nos conteúdo dos livros didáticos, que seguem a lógica machista, apresentando atribuições diferentes para homens e mulheres.

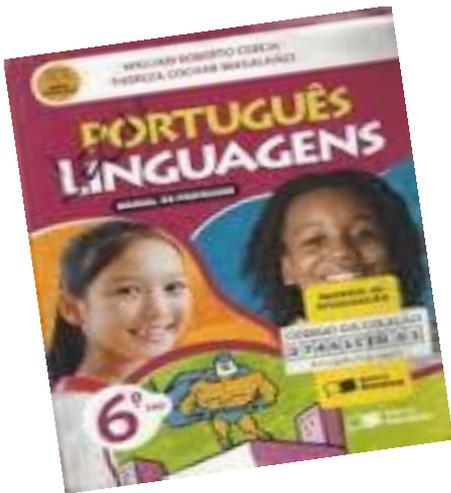


Aos homens cabem funções de maior valor econômico e social, caracterizando seu trabalho mais numa perspectiva do público, cabendo às mulheres funções menos valorizadas e mais no âmbito doméstico. Assim sendo, no geral, não são consideradas as condições e direitos iguais para homens e mulheres.



3ª Parte - Livro Didático orientações sobre as questões de gênero





Nesta parte, procuramos nos concentrar em textos verbais e não verbais do livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental, intitulado “Português Linguagens”, adotado por escolas para o triênio 2014 a 2016, do autor William Roberto Cereja e da autora Thereza Cochar Magalhães publicado em 2012 pela Editora Saraiva.

Nos textos especificamos as questões de gênero, para refletirmos, juntas e juntos, sobre temas explícitos ou implícitos em relação a estereótipos, discriminações e cultura machista, assim dispostos:

➤ **por gênero**

- ✓ predominância de personagens do sexo masculino / do sexo feminino

➤ **pelas funções**

- ✓ funções atribuídas às meninas/ às mulheres
- ✓ funções atribuídas aos meninos/ aos homens

➤ **pelas atividades exercidas**

- ✓ atividades exercidas pelas meninas/mulheres
- ✓ atividades exercidas pelos meninos/homens

➤ **pelas exigências da aparência física**

Apresentamos um conjunto de textos verbais e não verbais, entre os muitos existentes, com o objetivo de oferecer às leitoras e leitores, material para reflexão, análise e discussão sobre a existência de um grande número de mensagens propostas às alunas e alunos com o componente de desigualdade de gênero, nos livros didáticos.

Soma-se à nossa pretensão, contribuir com professoras e professores na escolha do livro didático e/ou na forma de trabalhar com ele, considerando uma análise crítica e criteriosa da realidade social.

Os textos propostos apresentam:



➤ **A mulher**

- ✓ predominantemente atuando no espaço privado: mãe, esposa, dona de casa, num contexto cultural conservador
- ✓ padrão de beleza



➤ **A menina**

- ✓ sendo levada a reproduzir o “papel da mulher”, preparando-se para atuar na esfera privada



➤ **O homem**

- ✓ atuando no espaço público, mantenedor, patriarca



➤ **O menino**

- ✓ Sendo preparado para perpetuar a cultura machista



TEXTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS - ANÁLISES

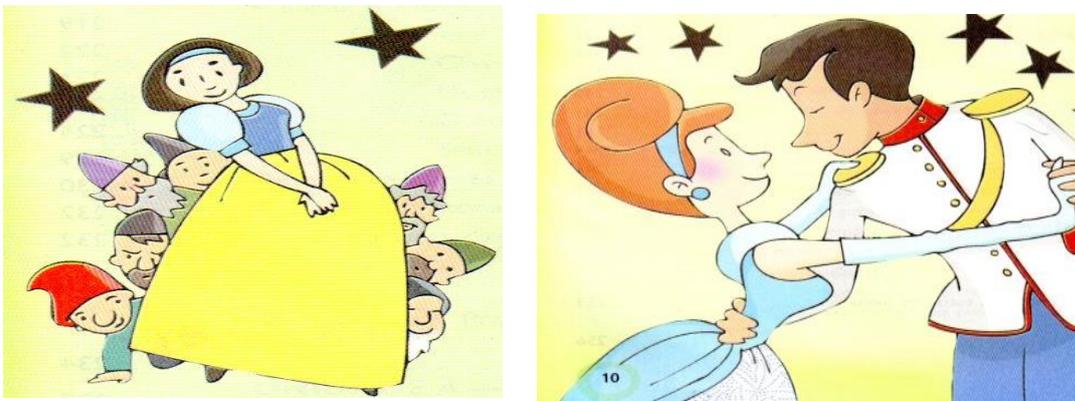


Figura 1 e 2 p. 10

A linguagem verbal e/ou não verbal dos contos de fadas contribui na construção do imaginário do sujeito, independente da sua condição de classe social – sexo, raça, religião, beleza – homem/mulher, entre outras.

Reconhecemos a funcionalidade dos contos de fadas como gênero literário no trabalho de leitura e escrita, tanto como material pedagógico quanto obra literária. No entanto é preciso atentar como alunas e alunos vêm construindo o imaginário social relacionado às diversas questões sociais, e em especial, nessa proposta, à questão de gênero, ao papel da mulher e do homem na nossa sociedade.

Quando são propostos textos verbais e /ou não verbais para serem trabalhados na sala de aula, devemos entender que situações e vivências que emanam dessa experiência transcendem ao espaço escolar. As experiências vivenciadas passam a fazer parte da construção do “ser social”, e a bagagem anterior do sujeito se reflete nos seus posicionamentos, no seu discurso, nas suas ações, nos seus conflitos, nas suas opções e escolhas.

Os contos de fadas como *Cinderela* e *Branca de Neve*, propostos através de imagens no livro analisado, perpetuam o que vem sendo reproduzido de geração em geração, a história de princesinhas maltratadas que só serão felizes quando encontrarem um

príncipe encantado que as tire daquela vida para outra, de luxo, beleza e riqueza, que só eles podem proporcionar, formando assim “casais felizes para sempre”.

Nessa perspectiva, sobre as princesinhas maltratadas e o príncipe encantado, herói dos contos de fadas, percebemos que os homens são mantidos no lugar de provedor, perpetuando o regime patriarcal onde a liderança e o poder são representados pelo homem e, à mulher, cabe a subserviência, obediência e submissão ao seu provedor.

Essa percepção nos é orientada por Joan Scott (1995:11) “O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos; o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder”.



Figura 3 p. 10

A História de Chapeuzinho Vermelho, também apresenta a *fragilidade* - característica das mulheres na sociedade patriarcal e reforça o estereótipo do comportamento feminino de *obediência e submissão*. Ainda observamos que existe uma tendência de se reforçar na figura feminina a conservação da “menina” ao invés de reconhecer a mulher capaz de se guiar.

Atentamos também para “a doçura, a obediência e a submissão”, repassadas na história, como estereótipos do comportamento feminino demarcado pela sociedade machista e salientamos também que faz parte desse estereótipo a mulher como forma de representação vida familiar. Ela cuida da família nas questões domésticas. Nesse caso, podemos verificar uma tendência da mãe fazer com sua filha uma espécie de extensão de si mesma.



Figura 4. p. 100

O preconceito, a discriminação e o estereótipo em relação à mulher se revelam de variadas formas, entre elas, na cultura. Desde a tenra idade as crianças são influenciadas pela família, segundo Daolio (1997), na área lúdica, sendo orientadas nas brincadeiras e nos brinquedos, de acordo com o gênero. Desta forma, se forem meninas, brincam de boneca, caso contrário, jogam bola, brincam de carrinho.

A imagem selecionada perpetua essa prática só apresentando meninos no futebol. Podemos compreender que o preconceito no futebol feminino é advindo de fatores culturais, sociais. Tais fatores atribuem limites tanto ao desenvolvimento do futebol como aos demais esportes femininos.



Figura 5 p. 195

A imagem só apresenta homens, desqualificando a presença da mulher na capoeira. Entendemos como preconceito e discriminação, demonstrando o caráter sexista no universo da capoeira.

Silva (2002), em seus estudos, esclarece que a Capoeira é um misto de luta, dança, brincadeira, teatralização, jogo e tem inúmeras qualidades e características, que fazem com que ela possa ser praticada por qualquer pessoa, independente de sua raça, religião, sexo, idade, condição física, etc. . Daí podermos também refletir o papel da mulher na sociedade e nas atividades corporais.

A participação da mulher tem sido cada vez mais frequente na capoeira, contribuindo no fortalecimento dessa modalidade. Então, na nossa análise, a única justificativa para que ela não esteja sendo representada nessa imagem, é o preconceito de gênero.

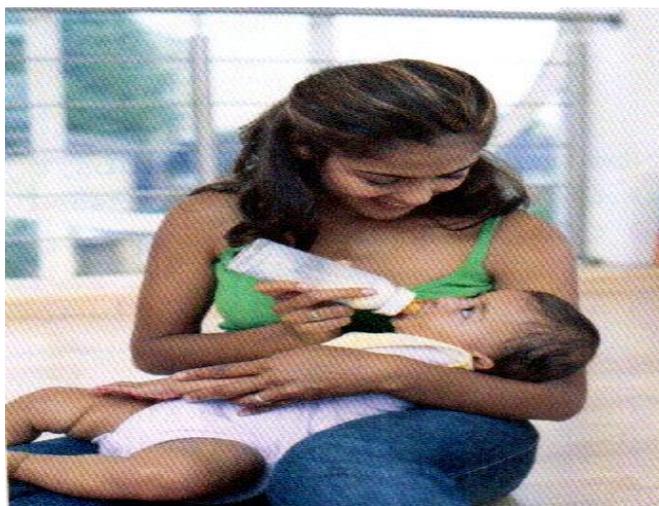


Figura 6 p.221

A imagem acima foi proposta num exercício de coerência e coesão ilustrando o texto: “Por que sentimos vontade de urinar ao ver água corrente”.

Na nossa percepção a imagem de uma mãe alimentando um/a filho/a é legítima e não vemos nenhum preconceito nela. No entanto, nessa condição apresentada num exercício proposto no livro, cujo texto que o acompanha não oferece coerência com a imagem, nossa análise deteve-se a outro dos estereótipos da mulher – função reprodutiva, cuidadora das/dos filhas/filhos.

Sobre isso, Santos e Buarque (2006) reconhecem que as mulheres são responsabilizadas por toda a tarefa reprodutiva porque ficam grávidas e amamentam, alimentam filhas e filhos, reforçando nossa concepção de que a família atual ainda é marcada por um sistema patriarcal, funcionando sob grande influência de papéis de gênero predeterminados.

Quem conta a história?

Quem conta a história é chamado de **narrador**. Quando o narrador participa dos fatos e é também personagem, dizemos que ele é **narrador-personagem**. Nesse caso, ele usa a 1ª pessoa (eu, nós). Quando o narrador não participa da história e conta-a sem fazer referências a si mesmo, ou seja, é apenas observador, dizemos que ele é um **narrador-observador**. Nesse caso, ele usa a 3ª pessoa (ele, o herói, a princesa, as moças, etc.).

Figura 7 p. 19

Como montar a exposição

Com a orientação do professor, escolham um local na escola ou, se possível, na biblioteca de sua cidade, para montar a exposição. Distribuam em mesas, paredes, murais ou varais o material produzido e pesquisado, de forma a facilitar sua leitura e apreciação.

Se houver possibilidade, instalem DVD e televisão num dos cantos do local e apresentem os filmes baseados em contos maravilhosos. Em outro canto, instalem um gravador ou um aparelho de som e promovam uma audição de histórias e de músicas temas de filmes.

Se quiserem, escolham algumas histórias, treinem sua leitura ou memorizem-nas para apresentá-las aos visitantes, lendo-as ou narrando-as.

Façam uma ampla divulgação da exposição, convidando professores, colegas de outras classes, pais, familiares e amigos para visitá-la. Se quiserem, façam convites e distribuam-nos para pessoas da comunidade.

Figura 8 p. 73

Ambos os textos apresentam o uso da linguagem, predominantemente no masculino. Essa prática revela uma concepção de desigualdade de gênero. Como esse tipo de texto mostra-se recorrente, verificamos ser importante enfatizar que sendo a linguagem um dos elementos cruciais da transmissão da cultura e entendendo que através dela são orientados e dinamizados os papéis sociais, defendemos o uso de uma linguagem não sexista, que tire a mulher da invisibilidade e da concepção de submissão ao homem. Dessa forma, podemos visualizar uma forma de modificação das relações hierarquizadas de gênero, contribuindo na promoção da igualdade de direitos entre homens e mulheres.

“Era uma vez...” Basta que alguém pronuncie essas palavras para sabermos que lá vem história. E histórias povoadas de príncipes e princesas, crianças em perigo, soldadinhos de chumbo, gigantes e dragões... Essas histórias, conhecidas como contos maravilhosos, não morrem nunca: são contadas de geração a geração. E estão em toda parte: na voz da mãe ou da avó, nos livros, nas histórias em quadrinhos, nos desenhos animados, no cinema.

Figura 9 p. 12

Este texto afirma que *“o contar histórias”* é função das mulheres. É uma concepção conservadora ratificando o papel da mulher na família como cuidadora, responsável na educação de crianças, uma vez que as histórias infantis têm a missão de disciplinar, apresentar exemplos. Ainda enfatizamos que, no geral, esses exemplos também se encontram carregados de preconceitos em relação às mulheres, determinando-lhes, o *“bom comportamento”*, pautado na obediência e submissão.

A arte de contar histórias, desde os mais remotos tempos, é uma prática que reconhece o desejo do ser humano se comunicar, revelar suas experiências, suas concepções, suas verdades sobre a vida, usando uma das funções mentais superiores mais importantes para o processo histórico-social da humanidade, que é a memória.

Ao nos depararmos com o texto em análise, na perspectiva de gênero, a priori ele ratificou o estereótipo da mulher, com a função, na esfera doméstica, de se responsabilizar pela a educação da família, uma vez que as histórias e contos carregam uma função educativa, recheadas de lições, exemplos, tradições e valores que devem ser repassados de uma geração a outra. No entanto, para fortalecer nosso trabalho, ainda fomos buscar outros estudos que nos mostrassem e justificassem a presença marcante da mulher na tradição de contar histórias, além do estereótipo já recorrente.

Nessa direção, respaldada pela autora Ana Maria Machado (2001), verificamos que a prática das mulheres serem contadoras de histórias remonta o sec. XVII, quando elas se reuniam para trabalhar na fiação e tecelagem. Esse trabalho era realizado num

espaço confinado, longe das vistas da sociedade, confirmando o preconceito contra elas. Nele, ao som de rocas e fusos, elas conversavam e contavam histórias, enquanto produziam. Segundo a autora: *“Essa produtividade permitiu, o confinamento da mulher no espaço doméstico.*

No entanto, podemos perceber que a referência sobre a produtividade da mulher não é ressaltada. Autores rotulam a mulheres como “contadoras de histórias”, desprezando outras questões essenciais nesse contexto.

Pelé de saias

Ao sair do Brasil para jogar no Umea 1k, na Suécia, Marta fez 111 gols em 103 jogos, durante cinco temporadas.

Em 2009, mudou-se para os Estados Unidos, para jogar no Los Angeles Sol.

É conhecida como “rainha do Brasil” e já foi chamada pelo próprio Pelé de “Pelé de saias”.

Saiba mais sobre Marta, lendo textos e assistindo a entrevistas e vídeos no site oficial da atleta: <http://www.marta10.com/pt>.

Diego Graciano, jornalista argentino radicado no Brasil, publicou a biografia da jogadora no livro *Você é mulher, Marta!* (All Print Editora).

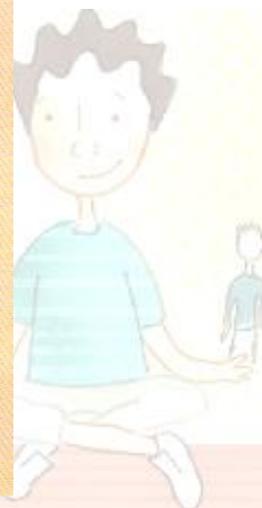


Figura 10 p. 169

O espaço ocupado pelo futebol na nossa cultura é primariamente pertencente aos homens, num formato tanto simbólico como concreto. No entanto, atualmente a mulher vem sendo incorporada nesse universo de modalidades esportivas, seja como praticante ou como expectadora. É o caso do texto em análise, que se refere à futebolista Marta Vieira Silva, eleita por cinco vezes consecutivas a melhor do mundo em sua modalidade, recorde entre homens e mulheres, deixando seu nome, sua marca, na história do esporte, apontando mudanças importantes na cultura contemporânea.

Porém, a expressão “Pelé de saias”, veiculada em matérias e reportagens assinala a permanência e insistência do preconceito, discriminação e estereótipo da mulher.

Quem é que usa as saias?

Quem é que usa as calças?

Aprendemos e continuamos reproduzindo que as calças são símbolo do masculino, e as saias são símbolo do feminino. E essa simbologia é tão arraigada que é comum ouvirmos essa outra expressão: “Mas lá em casa, ela é que usa as calças!”, quando se refere à situação familiar onde a mulher detém algum poder de mando.

Podemos verificar, que ainda que a mulher seja protagonista em algum espaço, a tendência é associá-la a alguma questão do homem. Se as calças simbolizam o masculino, o “usar calças” representa, no jogo dos papéis de gênero, um comportamento tipicamente esperado para o homem, o poder, o mandar.

Em nossa análise, a relação encontrada foi de que uma mulher bem sucedida num espaço considerado apropriado ao homem é reconhecida como mulher pelas “saias”, embora nem as use na situação em exposta, no entanto, a sua boa *performance* no futebol é associada ao homem.

Pastéis Santa Clara,
Bem-casados com ambrosia,
Caramelados com nozes
E bombas de baunilha

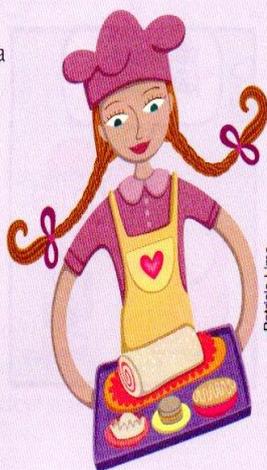
Senhora dona doceira,
Me tira dessa agonia!

Mil-folhas e broinhas,
Com geleias e pavê,
Fios de ovos, *apfelstrudel*,
Maças flambadas, não vê?
Qual é o doce mais doce?
O doce mais doce? Você!

Pães de queijo, ovos moles,
Olho de sogra, doce de abóbora
Pingos de chuva, algodão doce,
Doce, oh doce, senhora!

Senhora dona doceira,
Doce aqui e agora,
E agora, bem no fim,
Eu recuso maria-mole,
Mas nós dois, bem juntim,

Agarradim, rocamble.



(Sérgio Capparelli. 111 poemas para crianças. Porto Alegre: L&PM, 2003. p. 26.)

Figura 11 p. 118

A imagem reforça que “**Lugar de mulher ainda é na cozinha**”. Os estereótipos de gênero continuam fortes e ativos na nossa sociedade, veiculando a antiga história de “coisas de

mulher” e “coisas de homem” e, ratificando ideias sobre o que é papel de mulher: casar, ter filhos, ser melhor na cozinha, mesmo que hajam estudos que comprovem que os melhores “chefes de cozinha” são homens. Como papel do homem, é considerado o trabalho no espaço público e o sustento da família.



Figura 12 p. 67

Aprendemos com o senso comum que ser mulher é ser sensível, delicada, vaidosa, entre outros atributos. Isso é reforçado pela nossa cultura sendo reproduzido na formação da menina, que ela deve ter as características acima relacionadas e também que deve gostar de brincar de bonecas, almejar um casamento, ter filhos, formar uma família e cuidar dela.

Visualizamos no texto selecionado uma afirmação de que a menina deve ser vaidosa, atributo já predestinado a ela. O realce do texto é para a questão da vaidade, que deve ser cultivada desde a tenra idade, com posturas e adereços.

Consideramos a importância de refletirmos sobre essa questão por entendermos que a construção das representações sociais de gênero reproduzem preconceitos, discriminações e estereótipos e isso, desde a infância, vai se acumulando através das

vivências e experiências que ficam guardadas na memória e contribuem na construção da identidade da pessoa.

A partir dessa identidade, construção interna com base nas experiências vividas, moldadas pela cultura, é que a pessoa se relaciona com o mundo. Esta forma de se relacionar pode ser a não aceitação ao que difere do que está estabelecido, ao diverso, contribuindo de certa forma com a exclusão social.



Figura 13 p. 59

As relações de gênero permeiam os discursos sobre a beleza. É o que podemos refletir sobre o texto em questão. Quando se fala sobre beleza as orientações dadas diferem, reforçando elementos masculinos como, por exemplo: corpo másculo é robusto, forte e quando se fala às mulheres, a referência é sempre de um corpo delicado, suave.

A construção desse corpo é reforçada com práticas de embelezamento, incluindo produtos que a garantam. A exigência é tão grande que quando a menina se depara com o arsenal de produtos de beleza da mãe, com as devidas indicações, ela se nega a

crescer.

A mensagem subjacente é de que a beleza é um condicionante de ser mulher. Essa exigência foi tão marcante para a menina que a negação do crescimento dela foi explícita, nos levando a refletir sobre que tipo de efeito isso pode trazer para a construção de sua identidade.

É, portanto, necessário, que se atente para esse tipo de mensagem veiculada num livro didático para alunas e alunos numa fase de construção de conceitos e desenvolvimento de concepções que marcarão a fase adulta.

As línguas no mundo

Você sabe quantas línguas existem no mundo? No passado, já existiram cerca de 10 mil; hoje são cerca de 6 700 línguas. Estima-se que metade delas irá desaparecer até o ano de 2050, o que significa que uma língua irá se extinguir a cada cinco dias.

O Brasil, por causa de suas populações indígenas, está entre as dez nações com o maior número de línguas. Ao todo, existem 195 línguas em nosso país. Na cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), além do português, existem mais três idiomas indígenas oficiais: o nheegatu, o tucano e o baniva.

Fonte: Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos - Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 24.



Figura 14 p.37

O texto disposto acima é de grande relevância no sentido de informação sobre o que vem acontecendo com as línguas indígenas. Já proclamado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – a UNESCO e afirmado pelo Governo do Brasil, todas as línguas são patrimônio cultural da Humanidade.

Sabemos hoje que as línguas indígenas brasileiras encontram-se ameaçadas de extinção, sendo por isso, objeto de estudo de várias/ vários linguistas, que através de

suas pesquisas e documentação , contribuem para evitar o desaparecimento delas, pois são patrimônios.

Portanto, ressaltamos a validade da autora e do autor trazer essa temática para ser discutida, no entanto, a ilustração, como outras já referidas, insiste em representar apenas o sexo masculino, apesar de sabermos que o papel desempenhado pelas mulheres indígenas como agentes de mudanças em suas comunidades é de suma importância e de acordo com a ONU mulher, são essenciais em diversas economias, trabalhando por segurança e soberania alimentar. Porém, as indígenas fazem parte de um grupo que é pouco falado, tanto por seu cotidiano estar distante da maioria das pessoas, como por carregarem um triplo preconceito: mulher, indígena e pobre.

Não aproveitar um espaço como o da educação, num material didático, é não contribuir com a quebra dos preconceitos que vimos refletindo.



Figura 15 p. 139

Nesse texto podemos ver, mais uma vez, o estereótipo da mulher numa sociedade marcada pelo machismo. Ela está na cozinha, usando avental e lavando pratos, caracterizando o papel imposto por essa sociedade, que é ser responsável pelos afazeres domésticos.

O filho traz um questionamento para ela, questionamento esse que poderia ser feito em outro espaço, pois nada tem a ver com a cozinha, por isso é que a questão se torna intrigante. Por que trazer como pano de fundo o cenário da mulher doméstica? São essas questões, entre outras, que nos faz refletir sobre como a educação pode contribuir na quebra desses paradigmas.



Figura 16 p. 76 e 77

Nesse texto podemos ver, mais uma vez, o estereótipo da mulher numa sociedade

Cristina Camarotti

marcada pelo machismo. Ela está na cozinha, usando avental e lavando pratos, caracterizando o papel imposto por essa sociedade, que é ser responsável pelos afazeres domésticos.

O filho traz um questionamento para ela, questionamento esse que poderia ser feito em outro espaço, pois nada tem a ver com a cozinha, por isso é que a questão se torna intrigante. Por que trazer como pano de fundo o cenário da mulher doméstica? São essas questões, entre outras, que nos faz refletir sobre como a educação pode contribuir na quebra desses paradigmas.

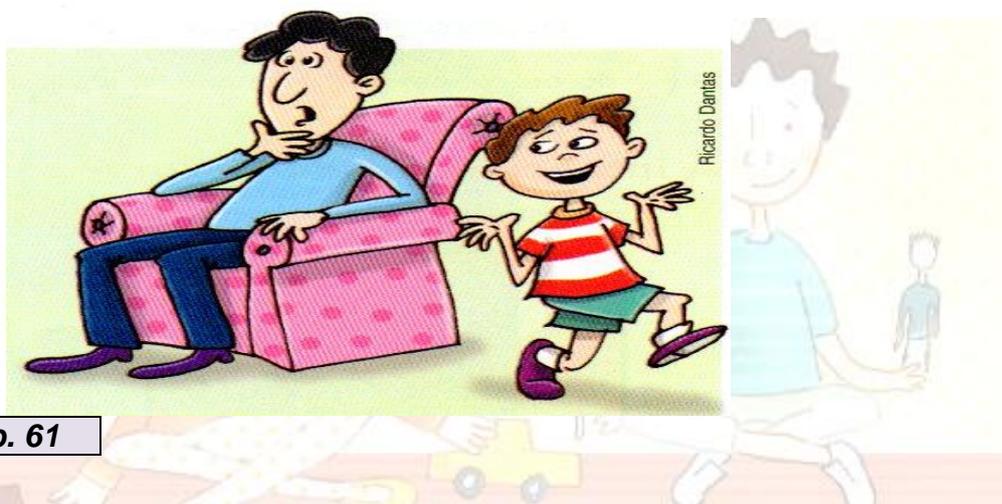


Figura 17 p. 61

Na análise do homem como provedor, participante ativo do mercado de trabalho no espaço público, por vezes lhe é conferido o privilégio de descanso e isenção de tarefas domésticas. A imagem acima retrata essa condição, apresentando a famosa “cadeira do papai”, como o lugar de direito a quem trabalhou o dia inteiro, fora de casa, para prover a família que lhe deve o reconhecimento por tamanho esforço. Dessa forma, a cadeira confortável é sua, inclusive tem sua marca de posição na família, “o papai”, que deverá ser servido e atendido nas suas necessidades, sem mais esforços, uma vez que já deu sua cota de contribuição provendo o “sustento” da família.

Quando a mulher participa do espaço de trabalho no âmbito público, sua condição de responsabilidade com afazeres domésticos não é reduzida e sim ampliada, pois tem que conciliar uma dupla jornada.

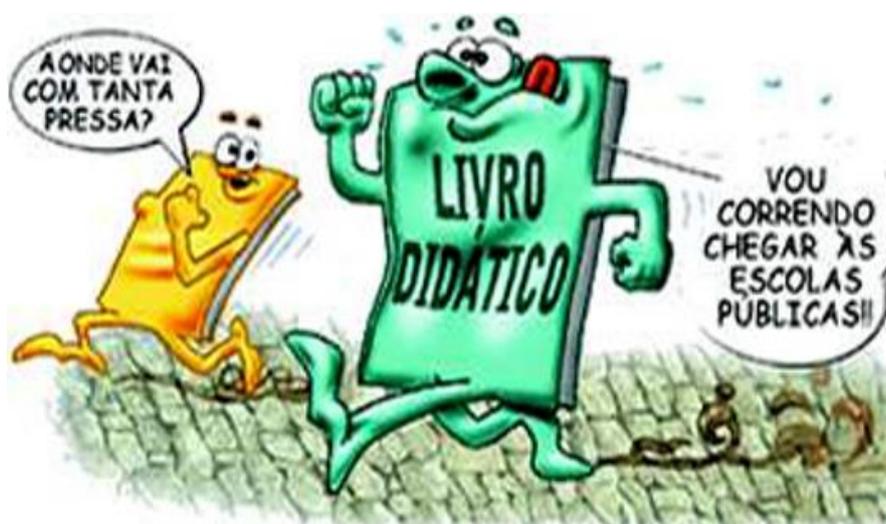
ORIENTAÇÕES PARA A ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO – PERSPECTIVA DE GÊNERO

De acordo com o que analisamos, podemos constatar que o livro apresenta uma concepção de desigualdade de gênero, uma vez que vários textos propostos se encaixam em um dos pressupostos de ações sexistas: *Mulher e homem são profundamente diferentes (mesmo além de diferenças biológicas), e essas diferenças devem se refletir em aspectos sociais como o direito e a linguagem.*

Ainda que sejam notórias as discussões acadêmicas, políticas e midiáticas, nas últimas décadas, sobre a igualdade de direitos entre homens e mulheres, práticas como essa povoam a cultura brasileira, refletindo-se numa realidade desigual entre gêneros nas áreas: social, cultural, econômica, ocupacional, entre outras.

Desta forma, ao trazermos selecionados os textos, verbais e não verbais, e suas análises, caracterizamos algumas orientações, uma vez que as observações descritas servirão de análise, reflexão, crítica, concordância, discordância, e outros diversos movimentos que nos levem a atentar, pensar e repensar nossa prática.

Além disso, elencaremos a seguir algumas pistas que reafirmam as orientações, visando nortear a escolha do livro didático, além do já conhecido **Guia de Livros Didáticos** do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD.



NA ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO DEVE SER OBSERVADO NO CONTEÚDO DOS TEXTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS:

valorização social das habilidades, comportamentos, trabalhos, e espaços do homem e uma desvalorização da mulher

desigualdade social que coloca as mulheres, na sociedade, em uma posição de desvantagem com relação aos homens

caracterização dos homens como sujeitos de referência e as mulheres seres dependentes e subordinados

atribuição e reforço de papéis adequados para as mulheres como: dona de casa - tarefas domésticas, função reprodutiva, cuidadora da família e para os homens: chefe da família, provedor

“a doçura, a obediência e a submissão”, como estereótipos do comportamento feminino

tipos de brincadeiras e brinquedos que reforcem a discriminação de gênero

juventude e beleza como elementos essenciais, para fundamentar a principal realização da mulher – o casamento

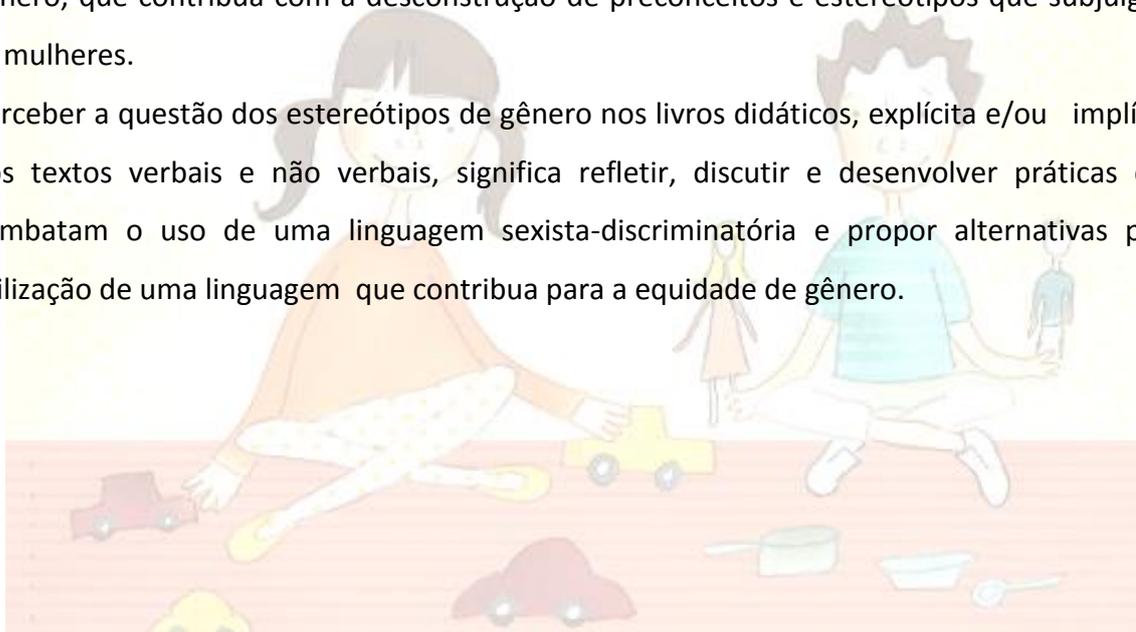
predominância de imagens masculinas em detrimento de imagens femininas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão de gênero, sob a perspectiva dos estereótipos e discriminações, se constitui como uma questão de interesse pedagógico, compreendendo-se que o desmonte da cultura machista, que tem demonstrado ser prejudicial à construção de uma sociedade mais justa, se fará essencialmente pelo viés da educação numa perspectiva progressista que valorize as pessoas na sua diversidade, seja de raça, etnia, credo, condição econômica e de gênero.

Ao reconhecermos na educação esse potencial, encontramos na ação docente, com crianças e adolescentes, uma relevante alternativa de protagonizar um trabalho na perspectiva de gênero, que contribua com a desconstrução de preconceitos e estereótipos que subjulgam as mulheres.

Perceber a questão dos estereótipos de gênero nos livros didáticos, explícita e/ou implícita nos textos verbais e não verbais, significa refletir, discutir e desenvolver práticas que combatam o uso de uma linguagem sexista-discriminatória e propor alternativas para utilização de uma linguagem que contribua para a equidade de gênero.



REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

CAMAROTTI BASTOS, M. C. Relações de Gênero em Livros Didáticos de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino), Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2015.

MACHADO, Ana Maria. Ponto a ponto. São Paulo: Berledis & Vertecchia, 1998.

_____ Texturas: sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

PNLD 2012: Ensino Médio. Guia de livros didáticos: Apresentação. – Brasília : *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2004. Disponível em: *Revista Estudos Feministas*, São Carlos, v. 9, n 2, p. 515-540, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira. Uma questão de Gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SILVA, P.C.C. A Educação Física na roda de Capoeira – entre a tradição e a globalização. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

TILIO, Rogério Casanovas. Gênero e sexualidade em livros didáticos de inglês: ainda tabus? *Caderno de Letras da UFRJ*, Rio de Janeiro, n. 26, p.48-61. 2010 (no prelo). ISSN 1413-0238.